ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

WILSON FERNANDES

JESUS CRISTO É O SENHOR:

HÁ CONTRIBUIÇÕES DA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS À IGREJA BATISTA?

São Leopoldo

2010

Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

WILSON FERNANDES

JESUS CRISTO É O SENHOR:

HÁ CONTRIBUIÇÕES DA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS À IGREJA BATISTA?

Dissertação de Mestrado
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Área de concentração: Teologia Prática

Orientador: Rodolfo Gaede Neto

São Leopoldo

2010

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F363j Fernandes, Wilson
Jesus Cristo é o senhor: há contribuições da Igreja Universal do Reino de Deus à Igreja Batista?/ Wilson Fernandes ; orientador Rodolfo Gaede Neto. – São Leopoldo : EST/PPG, 2010.
114 f. ; il.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2010.

1. Igreja Universal do Reino de Deus. 2. Convenção Batista Brasileira. 3. Pentecostalismo. 4. Igreja – Crescimento. I. Gaede Neto, Rodolfo. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

WILSON FERNANDES

JESUS CRISTO É O SENHOR:

HÁ CONTRIBUIÇÕES DA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS À IGREJA BATISTA?

Dissertação de Mestrado
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Área de concentração: Teologia Prática

Data:

Rodolfo Gaede Neto - Doutor em Teologia - EST

Roberto Ervino Zwetsch - Doutor em Teologia - EST

Arno Vorpagel Scheunemann - Doutor em Teologia - Ulbra

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus pela oportunidade de realizar este sonho, de chegar a este ponto. Se não fosse o Senhor, nunca conseguiria, mas pude sentir – em muitos momentos – como que Ele me apontasse uma direção segura para a conclusão do Mestrado;

Desejo agradecer a Sandra, minha amada esposa, que partilhou de meu sonho e pagou o preço comigo. Dedico a ela e a meus filhos, Lucas e Sara, este trabalho como forma de gratidão e reconhecimento por sua compreensão, carinho, apoio e pelas tantas horas das quais foram privados de minha companhia e atenção. Minha esposa foi, sem dúvida, minha maior incentivadora desde o início e nas horas em que pensei desistir;

Agradeço ainda à Primeira Igreja Batista em Cobilândia, amada igreja que me apoiou e orou por mim, e que entendeu minha necessidade de separar um tempo maior para a conclusão deste trabalho, diminuindo as visitas pastorais e a participação em outras atividades. Em tempo algum, houve murmurações, pelo contrário, ouvi muitas palavras de incentivo e força. Agradeço o carinho desses irmãos que fazem parte de minha história, especialmente neste momento único de minha vida;

Agradeço aos professores da EST, especialmente meu orientador, Prof. Dr. Rodolfo Gaede Neto, homem de Deus, competente professor e amigo. Esta instituição merece todo o meu respeito e reconhecimento pelo padrão e qualidade que proporciona aos estudantes de teologia e pelo respeito às diretrizes vindas da CAPES e pela preocupação com a sociedade brasileira de um modo geral.

RESUMO

O presente trabalho intenta estudar o fenômeno religioso assim chamado neopentecostal, especificamente a Igreja Universal do Reino de Deus. A delimitação se insere dentro da realidade religiosa protestante do Brasil, e tem como objetivo pesquisar bibliograficamente o fenômeno do crescimento neopentecostal brasileiro e as circunstâncias sociais em que o mesmo ocorre. Busca-se entender o processo de expansão e aceitação de suas propostas à população. Como resultado, espera-se levantar pontos positivos ou percepções que possam ser indicadores contributivos para as igrejas consideradas históricas. O estudo se pautará em uma referência neopentecostal, no caso a Igreja Universal do Reino de Deus, e em uma histórica, a Igreja Batista, especificamente a Convenção Batista Brasileira.

Palavras-chave: Igreja Universal do Reino de Deus. Convenção Batista Brasileira. Neopentecostalismo. Crescimento.

ABSTRACT

This work intends to study the so-called neo-Pentecostal religious phenomenon, specifically the Igreja Universal do Reino de Deus. The delimitacional cut falls within the Protestant religious reality of Brazil, It aims to search bibliographically the phenomenon of Brazilian neo-Pentecostal growth and social circumstances in which it occurs. We seek to understand the process of expansion and acceptance of their proposals to the population by the population. As a result, the research expected to raise positive points or perceptions that may be indicators which are contributing to the churches considered historical. The study was accomplished based on a neopentecostal referral, here in case the *Igreja Universal do Reino de Deus*, and a historic Baptist Church, specifically the *Convenção Batista Brasileira.*

Keywords: Igreja Universal do Reino de Deus. Convenção Batista Brasileira. Neo-pentecostalism. Growth.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 10
1 O CONTEXTO SOCIOCULTURAL E O NEOPENTECOSTALISMO NO BRASIL 14
1.1 Pós-modernidade 16
1.2 Consumismo, imediatismo, utilitarismo e hedonismo 19
1.3 A Nova Era 25
1.4 Do pentecostalismo ao neopentecostalismo 31
1.5 Nova cara religiosa do Brasil 33
2 IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS - IURD 37
2.1 Histórico da IURD 38
2.2 Pretensões e metas da IURD 42
2.3 Características da IURD 43
2.3.1 Estrutura 46
2.3.2 Marketing religioso 47
2.3.3 Estilo de culto 49
2.3.4 Visão de contexto da IURD 50
2.3.4.1 Programas de televisão 50
2.3.4.2 Jornal A Folha Universal 51
2.3.4.3 Pastor online 51
2.3.4.4 Aleluia FM/Rádio Record 52
2.4 A teologia da IURD 53
2.4.1 A tríade cura, exorcismo e prosperidade 54
2.4.1.1 A cura 55
2.4.1.2 O exorcismo 56
2.4.1.3 A prosperidade 58
2.4.2 Os símbolos e o templo 61
2.4.3 A salvação 62
3 A CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA 63
3.1 O que é uma Igreja Batista 63
3.2 Origem e história dos batistas 67
3.3 Aliança Batista Mundial 70
3.5 Os batistas no Brasil 70
3.6 A Convenção como um fator de convergência e de união 72

3.7 Plano cooperativo 73
3.8 Principais características batistas 74
3.9 Principais doutrinas batistas 75
3.9.1 A Bíblia 75
3.9.2 A salvação 76
3.9.3 O Batismo e a Ceia do Senhor 76
3.9.4 O Sacerdócio Universal dos crentes 77
3.9.5 A autonomia da igreja local 77
3.10 Os batistas e a educação 78
4 CONTRIBUIÇÕES DA IURD À IGREJA BATISTA 81
4.1 Visão de contexto 81
4.2 Uso dos meios de comunicação de massa 82
4.3 Disponibilidade 83
CONCLUSÃO 85
REFERÊNCIAS 92
ANEXO A: Pacto das Igrejas Batistas 99
ANEXO B: Princípios Batistas 100
a) A autoridade 100
1 Cristo como Senhor 100
2 As Escrituras 100
3 O Espírito Santo 100
b) O indivíduo 101
1 Seu valor 101
2 Sua competência 102
3 Sua liberdade 102
c) A vida cristã 102
1 A salvação pela graça 102
2 As exigências do discipulado 103
3 O sacerdócio do crente 103
4 O cristão e seu lar 104
5 O cristão como cidadão 104
d) A Igreja 105
1 Sua natureza 105
2 Seus membros 105

3 Suas ordenanças 106
4 Seu governo 106
5 Sua relação para com o Estado 107
6 Sua relação para com o mundo 107
e) A nossa tarefa contínua 108
1 A centralidade do indivíduo 108
2 Culto 108
3 O ministério cristão 109
4 Evangelismo 110
5 Missões 110
6 Mordomia 111
7 O ensino e treinamento 112
8 Educação cristã 112
9 A autocrítica 113

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é um estudo de uma determinada realidade religiosa do Brasil. O objetivo é pesquisar bibliograficamente o fenômeno neopentecostal brasileiro e as circunstâncias sociais em que o mesmo ocorre na intenção de entender seu processo de expansão e aceitação por parte da população. Como resultado, espera-se levantar pontos positivos ou percepções que possam ser contribuições para uma igreja de protestantismo histórico. A referência neopentecostal neste estudo é a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) e a igreja histórica escolhida é a Convenção Batista Brasileira (CBB).

Estudou-se a IURD e sua relação com os fiéis, traçando o perfil desta igreja e desenhando seu modelo para compará-lo ao modelo da CBB. A IURD pode ser considerada como principal precursora do movimento que rompeu com o pentecostalismo tradicional, o que será verificado no trabalho, e tal ruptura passou a ser um referencial na difusão da "Teologia da Prosperidade".

O *marketing* é uma ferramenta estratégica no seu cenário organizacional e a IURD é uma instituição religiosa com característica e infraestrutura de uma empresa bastante lucrativa. Nessa perspectiva, definiu-se como problema a seguinte temática: seria o modelo da IURD, que tem o *marketing* religioso como *fundamento estratégico* de exploração da fé, exploração aqui no sentido de instigação de possibilidades a partir da performatividade da linguagem, uma alternativa para o crescimento das igrejas evangélicas tradicionais? Dito de outro modo: seria o modelo de organização eclesial propagado pela IURD um consequente viés de ruptura com estruturas que estão se desintegrando com as novas formas de espiritualidades pós-modernas e o meio caminho para estruturas emergentes que radicam na produção de bens simbólicos uma nova fase do imaginário social brasileiro?

O objetivo geral consiste em verificar o que proporciona condições nestes tempos chamados de pós-modernidade para o crescimento de uma igreja evangélica e o objetivo específico é reconhecer o que há de positivo no modelo da IURD que possa ser aplicado a uma igreja tradicional, neste caso a CBB.

À guisa de orientação, os objetivos poderiam ser descritos da seguinte maneira: a) analisar o contexto sociorreligioso atual, ambiente que favoreceu o

surgimento e crescimento das igrejas neopentecostais; b) levantar as principais características da IURD na utilização dos recursos e do *marketing* religioso no contexto da evangelização, ou seja, como esta instituição religiosa consegue "vender" seu produto; c) comparar o modelo da IURD com o da CBB, descrevendo as diferença entre os mesmos e os valores que podem ser aplicados para se atingir o objetivo do crescimento; avaliar se é possível aplicar valores e práticas da IURD à CBB e assim colher elementos significativos para a construção de uma moralidade eclesial que se paute na incursão social consequente.

A opção pelo tema se deu após a observação do crescimento vertiginoso da IURD no Brasil e no mundo, superando em números expressivos muitas das demais denominações religiosas que compõem o quadro religioso protestante brasileiro, fato também que a coloca em evidência na mídia, e que tem suscitado, inclusive, incontáveis críticas quanto aos seus métodos.

O aporte bibliográfico se deu, não por opção do autor, mas também pelas dificuldades impostas pelas lideranças da IURD que não aceitam facilmente a presença de pesquisadores nos seus cultos, não fornecem informações e que orientam seus fiéis a não darem entrevistas, alegando que já foram vítimas de situações nas quais suas declarações foram distorcidas e usadas para prejudicar a própria instituição. Talvez seja possível concluir que esta é apenas uma estratégia de *marketing* que visa preservar a imagem da mesma diante de parcela da sociedade que a vê com desconfiança, ao mesmo tempo em que seus programas de rádio e televisão mostram um lado elaboradamente positivo.

A pesquisa bibliográfica, de acordo com Vergara, pode ser classificada sob dois aspectos, quanto aos meios e quanto aos fins, isto é, a pesquisa bibliográfica "é o estudo sistematizado desenvolvido com base em material publicado em livros, revistas, jornais, redes eletrônicas";[1] e, quanto aos fins, é pesquisa descritiva e exploratória. Descritiva porque descreve a análise do *marketing* acerca de sua aplicação no universo religioso. Exploratória porque realiza descrições precisas da situação visando descobrir as relações existentes entre os elementos componentes e se restringindo à definição de objetivos e a busca de mais informações sobre o assunto estudado. De acordo com Lakatos e Marconi, a pesquisa exploratória "se

---

[1] VERGARA, Sylvia C. *Projetos e relatórios de pesquisa em administração.* 3. ed. São Paulo: Atlas, 2004. p. 48.

caracteriza por enfatizar a descoberta de idéias e discernimentos".[2] Assim, pode-se definir este estudo como descritivo, bibliográfico e exploratório.

Por que a CBB? A escolha da CBB como objeto de estudo comparativo se dá pelo fato do autor ser membro desta instituição.

A Igreja Presbiteriana, por exemplo, criou uma comissão permanente de doutrina para estudar e dar parecer sobre a Igreja Universal do Reino de Deus e como deveria se relacionar ela. É correto reconhecê-la como igreja cristã? Como tratar os egressos de lá? Enfim, o que pensar acerca destes neopentecostais? A comissão apresentou um excelente relatório em março de 1997 que foi editado como livro,[3] inclusive citado neste trabalho mais adiante.

A Igreja Luterana, especialmente nos Centros de Pesquisa como a EST, tem incentivado estudiosos a pesquisar o tema e hoje há bons trabalhos apresentados em forma de dissertação nas bibliotecas que têm sido muito úteis para outros pesquisadores. Muitos desses estudos estão disponíveis para pesquisa em bibliotecas virtuais.

A Igreja Batista, como as demais igrejas históricas, tem acompanhado nas últimas décadas acontecimentos intrigantes em relação à IURD. Às vezes, os pastores têm dificuldades para explicar às suas ovelhas o que é verdadeiro ou não, nos meios neopentecostais. Alguns têm grande dificuldade de tratá-los como irmãos em Cristo, pois o relacionamento com eles como igreja é muito limitado e a IURD não coopera com movimentos ecumênicos sejam eles de qualquer natureza e nem mesmo em celebrações públicas que se façam nas praças para celebrar o "Dia da Bíblia". Eles são "um grupo à parte". Além disso, são proselitistas. Não raras vezes a gente vê panfletos, ouve no rádio ou na televisão os seus convites: "Venham todos, de todas as religiões: católicos, espíritas, batistas...". A propaganda diz que lá é que se encontra a "oração poderosa" e as igrejas tradicionais, incluindo a igreja batista, têm muitos frequentadores imaturos espiritualmente que vão atrás da "bênção". A igreja batista sempre sofreu assédio proselitista dos pentecostais, não é novidade que isso ocorra por parte dos neopentecostais. É o que popularmente se chama de

---

[2] LAKATOS, Eva M.; MARCONI, Marina A. *Técnicas de pesquisa*: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. São Paulo: Atlas, 1999. p. 19.

[3] DUTRA, Adair A. (Org.). *A Igreja Universal do Reino de Deus*: sua teologia e sua prática. Cambuci: Cultura Cristã, 1997.

“pescar no aquário”. Muito raramente alguém que deixa a IURD ingressa numa igreja evangélica tradicional. A Primeira Igreja Batista em Cobilândia, em Vila Velha/ES, por exemplo, não tem registro de que tenha recebido alguém com esse perfil nos últimos dez anos. Houve, sim, um casal nesta situação, que frequentou esta igreja por alguns meses, talvez por razão de sua filha ter optado pela igreja batista. No entanto, eles simplesmente voltaram à sua igreja de origem depois de algum tempo.

A igreja batista é considerada uma igreja de missão pelo fato de ter sido implantada no Brasil por missionários norte-americanos. Todavia, sua história tem confirmado que esta é uma igreja missionária. A vocação missionária dos batistas brasileiros despontou por ocasião da fundação da Convenção Batista Brasileira, em 1907, quando, naquela assembleia, uma das primeiras preocupações dos mensageiros foi a criação da Junta de Missões Estrangeiras, hoje Junta de Missões Mundiais, que se dedica a enviar pregadores a outros países, e da Junta de Missões Nacionais, cuja preocupação é evangelizar o Brasil.[4] A visão missionária demonstrada pelos batistas é bastante diferente da visão expansionista que se percebe nas igrejas neopentecostais de nossos dias. A preocupação no coração do povo batista sempre foi o compromisso bíblico de “pregar o evangelho a toda criatura” conforme está na Bíblia, em Mc 16.15. As igrejas de todo o Brasil fazem ofertas especiais para o envio e sustento de missionários vocacionados, dispostos a ir aos lugares mais distantes. Muitas vezes, é preciso investir recursos nos campos missionários em construção de templos, escolas e em outras obras sociais. O altruísmo que motiva a igreja a investir na obra missionária é inegável, pois, assim que os novos trabalhos adquirem capacidade de autossustento, de autopropagação e liderança própria, são emancipados em igrejas autônomas e independentes. É assim que os batistas creem que eram as igrejas do Novo Testamento. Porém, há algo muito valorizado entre os batistas, o fator de união e cooperação: o Pacto das Igrejas Batistas.[5]

---

[4] PEREIRA, José R. *Breve história dos batistas.* Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1972. p. 100.

[5] O Pacto das Igrejas Batistas é um documento aceito espontaneamente entre as Igrejas Batistas como um acordo de cooperação e declaração de fé.

1 O CONTEXTO SOCIOCULTURAL E O NEOPENTECOSTALISMO NO BRASIL

O primeiro aspecto a ser tratado diz respeito ao contexto, o ambiente social que favoreceu e propiciou o surgimento e crescimento de movimentos neopentecostais no Brasil, dentre os quais a IURD, destaque deste estudo, que é reconhecidamente o maior fenômeno sociorreligioso dos últimos tempos.

Não é possível subestimar as mudanças ocorridas nas últimas décadas na sociedade e no comportamento humano que produziram o que alguns denominam de pós-modernidade, e também o perfil do *ser humano pós-moderno* com suas necessidades, as quais ele procura ansiosamente responder satisfatoriamente.

Quais aspectos desta época são relevantes para serem estudados como fatores que tenham influenciado nas várias formas de *mundos vivenciais* da contemporaneidade, de maneira tal a propiciar mudanças no comportamento das pessoas, inclusive no comportamento religioso? Primeiramente, precisamos fazer uma leitura do quadro que se denomina, neste trabalho, como *pós-modernidade* e seus efeitos. O consumismo também é um tema satélite nesta abrangência pós-moderna. Da mesma forma, a Nova Era se entrelaça ao tema, amplamente divulgada e debatida em muitos livros no final do século XX.[6] Estes temas, e muitos outros, ambientam o contexto social e religioso do surgimento e crescimento das igrejas neopentecostais, principalmente as representadas pela perspectiva da IURD.

A partir de uma percepção do ambiente e contexto social da atualidade, nota-se que há certa lógica na expansão neopentecostal: o neopentecostalismo se apresenta como resposta às necessidades existenciais de grande parte da população. Ivo Xavier de Oliveira argumenta da seguinte forma sua posição:

> Recuperando a dimensão do sagrado, as igrejas neopentecostais respondem às necessidades mais prementes do povo brasileiro no que se refere aos seus problemas materiais e espirituais. O enfoque do sagrado se evidencia concretamente em cada milagre, em cada ritual de exorcismo, em cada bênção, em cada oração da comunidade. Não há espaço para racionalismos ou discussões teológicas. O crente quer tomar posse para

---

[6] SCHLINK, Basilea. *Nova era à luz da Bíblia.* Darmastadt-Eberstadt: Verlag Evangelische Marienschwesternschaft, 1988.

> Deus daquilo que o diabo dominou. Daí a deflagração constante em seus cultos e em sua literatura contra o diabo e seus representantes na terra.[7]

Há algumas divergências entre os autores acerca da nomenclatura que identifica o fenômeno religioso aqui estudado. Alguns consideram apenas como continuação do pentecostalismo histórico com suas mudanças, já outros consideram que seja uma descontinuidade com caracterizações próprias, a qual denominam como um novo momento de um velho fenômeno baseado nas experiências extáticas conhecido desde a Igreja Antiga.[8] O neopentecostalismo seria a continuidade de aspectos baseados no carisma dentro de um contexto urbanizado. A verdade é que este fenômeno que tem chamado a atenção de pesquisadores e da mídia apresenta algumas características que estão sempre presentes nas suas diversas manifestações, dentre as quais: o exorcismo, a conversão e as assim chamadas curas espirituais, além da ênfase na prosperidade financeira, principalmente. Segundo Paulo Bonfatti, esta é a base missionária dessas igrejas:

> Todavia, entendemos que não foram as igrejas que criaram essa demanda na população. Mas sim elas corresponderam a um anseio já existente que, por isso, as fazem crescer assustadoramente. Dessa forma, relacionamos o enorme crescimento das igrejas evangélicas pentecostais com a oferta de mecanismos de satisfação dessa demanda de exorcismo, conversão e cura. Assim sendo, a busca de um estudo mais aprofundado desses elementos é de suma importância para compreendermos esse *boom* evangélico pentecostal.[9]

Na análise de Bonfatti, tais igrejas atendem a uma demanda já existente na sociedade, oferecem produtos de várias formas diferentes para os vários segmentos sociais. Dentre os diversos grupos religiosos que surgiram a partir de meados dos anos de 1965, é inegável a hegemonia da IURD, mas isso ocorreu quando ela passou a fazer uso ostensivo de artifícios propagandísticos e, posteriormente, midiáticos. Seu crescimento é surpreendente e se justifica pelo uso exacerbado do *marketing* e das técnicas de publicidade. A IURD se tornou referência para estudos do tema no Brasil. É possível que as estruturas sociais tenham contribuído para a disseminação desta forma de espiritualidade. Muito se tem dito e escrito a respeito das causas para o surgimento de movimentos de corte carismático. Sua

---

[7] XAVIER, Ivo O. *Igreja Universal do Reino de Deus*: uma instituição inculturada? São Paulo: Pulsar, 2003. p. 37.

[8] FRANGIOTTI, Roque. *Padres apostólicos*: Clemente Romano, Inácio de Antioquia, Policarpo de Esmirna, O pastor de Hermas, Carta de Barnabé, Pápias. São Paulo: Paulus, 1995. p. 112.

[9] BONFATTI, Paulo. *A expressão popular do sagrado*: uma análise psico-antropológica da Igreja Universal do Reino de Deus. São Paulo: Paulinas, 2000. p 18-19.

característica marcante é o proselitismo. É a percepção messiânica que se intui com o avanço institucional por meio do discurso da eficácia. “Essa verdadeira migração religiosa acontece porque o povo busca uma solução sacral para os seus problemas ou seja uma solução de natureza religiosa para os problemas fundamentais”.[10] Dizer que Deus está interessado nos problemas reais e concretos das pessoas que enfrentam o dia a dia e suas dificuldades muito provavelmente acarretará uma confrontação com outras denominações religiosas que se pautam pelo enfrentamento quase que estoico da vida.[11]

1.1 Pós-modernidade

A pós-modernidade ainda é um tema bastante controverso na atualidade. Talvez o que traga mais desencontros quanto ao que seja de fato considerado como pós-moderno é a questão de sua abrangência interdisciplinar. Não há unanimidade entre filósofos, sociólogos, políticos, religiosos ou artistas, já que cada grupo tem seus próprios parâmetros e critérios para entender e descrever as tendências da atualidade. Mary Rute G. Esperandio, em seu livro *Para entender pós-modernidade*, trata da dificuldade de se explicitar a noção de pós-modernidade: “portanto, no esforço de compreender pós-modernidade, iremos nos deparar com o fato de que estamos realizando, ao mesmo tempo, uma cartografia da subjetividade contemporânea”.[12]

O sociólogo polonês Zigmunt Bauman entendeu que não há pós-modernidade, mas sim o que ele denomina como “modernidade líquida”, referindo-se à contemporaneidade com sua fluidez e liquidez.[13] Ele usou, por algum tempo, o termo pós-modernidade para depois abandoná-lo, considerando que não representava o que ele pensava. Na verdade, Bauman não acredita que a modernidade tenha terminado e que estejamos numa outra era, apenas que a sociedade não é capaz de manter sua forma por muito tempo. O que ocorre atualmente é nada mais de que uma evolução das características da modernidade, de seus valores que não são estáticos ou sólidos, apresentando um movimento líquido na direção das tendências próprias do ser humano moderno. Segundo ele,

---

[10] LIMA, Décio M. O. *Os demônios descem do norte.* Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1998. p. 47.
[11] TILLICH, Paul. *A coragem de ser*: baseado nas conferências Terry pronunciadas na Yale University. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.
[12] ESPERANDIO, Mary R. G. *Para entender pós-modernidade.* São Leopoldo: Sinodal, 2007. p. 14.
[13] BAUMAN, Zigmunt. *Modernidade líquida*: Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p. 9.

estamos numa fase da história da modernidade caracterizada por uma liquidez, que é experimentada como um permanente movimento, flexibilidade e inconsistência de formas.[14] Daí as muitas diferenças nem sempre compreendidas. Para defender sua ideia, ele trata de vários temas como emancipação, individualidade, tempo e espaço, mas liquidez é para ele como uma metáfora para caracterizar a presente fase da história da modernidade. É esse o tempo da interdisciplinaridade e interação dos conhecimentos das diversas áreas e não mais da particularidade ou da especialidade. As mudanças são constantes em todas as áreas.

Pensa um pouco diferente o filósofo francês Gilles Lipovetsky, que interpretou este momento da história como "hipermodernidade" em vez de pós-modernidade.[15] Seria, na verdade, uma inflação dos valores da modernidade, um aumento das ênfases. Por isso, ele usou o prefixo "hiper" para caracterizar seu conceito. Assim, o pensamento de Lipovetsky também, como Bauman, não comporta a visão de uma nova época distinta da modernidade, mas sim uma continuidade mais intensa do moderno.

Não foram poucos os que aderiram ao termo pós-modernidade como determinante de uma época. Entre eles, Jair Ferreira dos Santos:

> Pós-modernismo é o nome aplicado às mudanças ocorridas nas ciências, nas artes e nas sociedades avançadas desde 1950, quando, por convenção, se encerra o modernismo (1900-1950). Ele nasce com a arquitetura e a computação nos anos 50. Toma corpo com a arte pop nos anos 60. Cresce ao entrar na filosofia nos anos 70, como crítica da cultura ocidental. E amadurece hoje, alastrando-se na moda, no cinema, na música e no cotidiano programado pela tecnociência.[16]

Pós-modernidade pode ser considerada como um movimento de ruptura e descontinuidade. Ruptura com a modernidade, pois as mudanças comportamentais refletiram uma quebra na maneira de se ver o mundo, quando até mesmo as instituições tradicionais passaram a ser reavaliadas. A unidade da ciência desmoronou: o conceito de totalidade agora é desfeito, dando lugar a grandes transformações pragmáticas e à fragmentação do saber. Nesse aspecto, o conhecimento científico passou a ser considerado relativo. A sociedade não acredita mais que a ciência vá resolver os problemas humanos, já que as promessas do

---

[14] BAUMAN, 2001, p. 4.
[15] LIPOVETSKY, Gilles. *A era do vazio*: ensaios sobre o individualismo contemporâneo. Barueri: Manola, 2005. p. 75.
[16] SANTOS, Jair F. *O que é pós-moderno*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988. p. 21.

mundo moderno não foram cumpridas. É a descrença generalizada nas metanarrativas que construíam teleologias messiânicas. Projetos totalizantes que implicavam na existência humana de maneira oniabrangente. Tudo era explicado por um único viés conceitual e metodológico. Quase nada escapava às explicações metanarrativas. Da opressão socioeconômica às estruturas do inconsciente, nada escapava às narrativas totalizantes.

Esperandio prefere ser cautelosa antes de assumir uma definição e aponta para o que ela denomina (des)continuidades da modernidade, cujos principais elementos ela destaca da seguinte forma:

> [...] o declínio das metanarrativas e a fragmentação da verdade; o presentismo e a contração do tempo e do espaço; a relação ética, estética e consumo; capitalismo, globalização e trabalho. Todos esses elementos colocam em evidência novos processos de subjetividade, conseqüentemente, um novo modo de ser e estar no mundo.[17]

Nesta síntese, percebe-se o quanto as mudanças que o mundo está experimentando, para as quais também já chamava à atenção Bauman, ainda que, negando que estejamos vivendo outra era, são de efeito social extremamente relevante. Esse "novo modo de ser e estar no mundo" a que se refere Esperandio tem a ver diretamente com o comportamento das pessoas e seus valores sociais, o que põe em xeque as tradições familiares, comportamentos sexuais, morais e as integridades tradicionais, além de afetar todas as formas de relacionamento da sociedade. A pós-modernidade reflete a exacerbação de certas características das sociedades modernas como consumismo, imediatismo, utilitarismo, hedonismo, a fragmentação do tempo e do espaço, etc. Todos esses autores apresentam tentativas de se entender o que aconteceu no mundo após a Segunda Guerra Mundial, pois ocorreram mudanças no sistema econômico com a transnacionalização dos mercados, da moeda e dos sistemas políticos. O declínio do poder do Estado-Nação e o predomínio do mercado sobre as estruturas estatais, sem contar também os sistemas midiáticos como a internet, com a popularização do computador e os processos de globalização, proporcionaram um inegável abalo na perspectiva totalizante de discursos oniabrangentes das causas e dos efeitos sociais. Também houve mudanças culturais muito significativas, o que inclui a

---

[17] ESPERANDIO, 2007, p. 47-48.

dimensão religiosa: surgiu a religiosidade de consumo, na qual os fiéis não são mais fiéis, mas sim, clientes.

Tudo isso acaba por afetar e interferir na perspectiva religiosa, que tem um papel de alento e esperança num mundo repleto de desilusões. Chega-se aqui a um dos pontos que interessam a este trabalho. Esse "novo modo de ser e estar no mundo", dito por Esperandio, traz consigo um imenso campo mercadológico muito propício para a difusão das denominações de perfil neopentecostal que, estrategicamente, se apresentam à sociedade através de eficientes projetos de *marketing*, ocupando o imenso espaço que se abre.

1.2 Consumismo, imediatismo, utilitarismo e hedonismo

Não se pode falar de pós-modernismo sem falar de economia e mercado. Aliás, este tema é tão amplo e interdisciplinar que parece envolver e afetar direta e indiretamente todas as áreas de conhecimento e relações humanas. O comportamento das pessoas em relação ao seu contexto social, a todo o momento, tende a mostrar inevitavelmente – em algum aspecto – as tendências pós-modernas.

Esta é a época do shopping center, onde comprar é mais fácil, pois tudo está concentrado no mesmo lugar. Negócios e compras, diversão e alimentação convivem harmoniosamente e as pessoas se encontram. Estacionamentos, serviços, horários estendidos e muitas pessoas bonitas são fatores motivadores fortíssimos que favorecem o fluir e a concentração de gente disposta a consumir de diversas maneiras. Gente que quer simplesmente se divertir fazendo coisas que dão prazer sem gerar compromisso, num ambiente em que se preserva o anonimato. Há grande prazer em consumir, simplesmente consumir o que se pode comprar, mesmo que não haja a mínima necessidade para tal. Consumir se torna uma necessidade em si. É o que Jurandir Freire Costa diz a respeito da ascensão do consumidor, isto é, a pós-modernidade se caracteriza pela perda de valores sociais mais sólidos e a introdução da personalidade hedonista-narcisista.

> A hipertrofia da economia capitalista, diz-se, diluiu esferas da vida social, como a política, a religião e a tradição familiar, em um consumismo hedonista e narcisista que está na base do culto ao corpo e da epidemia de atentados violentos à vida. A delinqüência seria um efeito da avidez por

> objetos supérfluos e o culto ao corpo efeito do fascínio pelas imagens corporais da moda, ambos estimulados pela publicidade.[18]

Se as pessoas entendem que viver é possuir e consumir determinados objetos, manter um padrão de vida social e seu estilo, então, estarão condicionando a felicidade a certo nível de consumismo, o que afeta até mesmo o conceito que se tem de dignidade humana, algo tão relativo quanto as diferenças e injustiças próprias da sociedade atual. Por que se torna tão importante usar roupa de marca? Estudar em determinadas escolas particulares? Os critérios usados nestas escolhas mudaram e já não levam em conta os antigos valores da família e da sociedade. Há uma nova referência no ar: o consumo.

O sociólogo Zygmunt Bauman, questiona assim:

> Se o consumo é a medida de uma vida bem-sucedida, da felicidade e mesmo da decência humana, então foi retirada a tampa dos desejos humanos: nenhuma quantidade de aquisições e sensações emocionantes tem qualquer probabilidade de trazer satisfação da maneira como o "manter-se ao nível dos padrões" outrora prometeu: não há padrões a cujo nível se manter – a linha de chegada avança junto com o corredor, e as metas permanecem continuamente distantes, enquanto se tenta alcançá-las.[19]

A questão do consumo, na verdade, está diretamente ligada à liberdade, que poderia ser considerada como elemento essencial para que a sociedade fosse cada vez mais justa e igualitária. Na visão de Bauman, o efeito é contrário e ela se torna cada vez mais determinante das camadas sociais no mundo pós-moderno:

> A liberdade não tem feito outra coisa melhor do que sobrepor camadas sociais. A liberdade de escolha, eu lhes digo, é de longe, na sociedade pós-moderna, o mais essencial entre os fatores de estratificação. Quanto mais liberdade de escolha se tem, mais alta a posição alcançada na hierarquia social pós-moderna.[20]

A sociedade de consumidores é o alvo de análise Bauman. Em seu livro *Vida para consumo*, publicado em 2007, ele avalia quais os efeitos da troca da outrora sociedade de produtores, moderna e sólida, na qual a relação do ser humano com o trabalho e os bens adquiridos permanecia como vínculo indissociável, pela sociedade de consumidores, pós-moderna e líquida, na qual o conceito de mercado

---

[18] COSTA, Jurandir F. *O vestígio e a aura*: corpo e consumismo na moral do espetáculo. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. p. 131.

[19] BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar,1999. p. 56.

[20] BAUMAN,1999, p. 118.

transformou tanto o trabalho como o ser humano – produtor/consumidor – em produtos que devem ser avaliados como mercadoria e capazes de gerar fluidez nesse espaço social fomentado pelo *marketing* e a ideia de escolha. Porém, escolhas nunca definitivas, mas sempre em estado de permanente troca. Trata-se da interiorização ascética da fruição de uma mercadoria. É a forma romântica e sentimental de lidar com a exterioridade introjetada na pessoa que passa a transformar o objeto desejado inicialmente em estrutura interna e perene. Não se usufrui do objeto de maneira tão rápida e inconsequentemente, mas se deixa levar pela ascese de não se satisfazer com o objeto exterior na primeira oportunidade; espera-se na intenção de tornar a fruição muito mais prazerosa. Jurandir Freire Costa diz que as mudanças na prática do trabalho – do *homo faber* para o *homo laborans* – redundou no surgimento da tirania da intimidade. "A identidade do indivíduo configurada pelo mapa do mercado é a do desenraizado".[21]

Com base na visão de Bauman, pode-se entender que o consumismo se tornou uma influência importantíssima no comportamento das pessoas. Ele descreve alguns aspectos dessa influência, começando pelo fenômeno das comunidades virtuais, nas quais homens e mulheres, especialmente os mais jovens, ingressam nas redes sociais com grande avidez para participar de intercâmbio de informações pessoais. Os usuários ficam felizes por revelarem detalhes íntimos de suas vidas pessoais, fornecem informações precisas e compartilham fotografias. Quando se é um adolescente de escola disputando atenção e tentando fazer parte de determinado grupo, para se sentir aceito, não se mede as consequências para alcançar esse objetivo.

> Os adolescentes equipados com confessionários eletrônicos portáteis são apenas aprendizes treinando e treinados na arte de viver numa sociedade confessional, uma sociedade notória por eliminar a fronteira que antes separava o privado e o público, por transformar o ato de expor publicamente o privado numa virtude e num dever públicos, e por afastar da comunicação

[21] COSTA, 2004, p. 164. Costa faz referência à análise que Hannah Arendt realiza em *A condição humana* a respeito do trabalho. Segundo ele, Arendt diz que a mudança do *homo faber* para o *homo laborans*, com o surgimento da produção em alta escala de mercadorias e com a produção filosófica da felicidade, teria possibilitado o surgimento da prática do consumo como característica fundamental da pessoa moderna, ou seja, à semelhança do que ocorre nos processos biológicos seria a fruição dos objetos produzidos pelo *homo laborans*. Consumir, não mais possuir simplesmente um produto. COSTA, 2004, p. 155.

> pública qualquer coisa que resista a ser reduzida a confidências privadas, assim como aqueles que se recusam a confidenciá-las.[22]

O ser humano passa em determinado momento a ser qualificado ao mesmo tempo como consumidor ávido e como mercadoria para a apreciação de possíveis compradores: "são, ao mesmo tempo, os promotores das mercadorias e as mercadorias que promovem. São simultaneamente, o produto e seus agentes de *marketing*, os bens e seus vendedores".[23]

Quando alguém se candidata a um emprego, não precisa apenas convencer o empregador de que é o melhor e mais capacitado candidato à vaga, mas vender-se como capaz de atender à expectativa do mesmo quanto ao perfil do empregado que deseja. O capitalismo pós-moderno trouxe algumas novidades quanto à preferência dos empregadores por seus contratados. Não tem mais tanto valor no mercado de trabalho o "especialista", mas sim o "generalista", o "pau-pra-toda-obra", que, quando for conveniente, se torna, no final, um elemento mais facilmente descartável ou substituível, o que é outra marca relevante da pós-modernidade: o utilitarismo.

As relações humanas são outras em tempos de sociedade de consumo, pois estão sendo reconstruídas a partir do padrão das relações entre consumidores e objetos de consumo. Consumidores, que também são mercadoria, poderão aferir valores relativos a outros seres humanos, o que alguns chamam de "coisificação do ser humano". Bauman se refere ao aumento das agências de encontro pela internet como um exemplo de tal situação.[24] É possível aplicar os mesmos critérios de compra de um carro ou de outra mercadoria qualquer ao processo de relacionamento íntimo? É possível considerar a outra pessoa uma mercadoria? Se sim, seria possível – no caso dela não atender à necessidade de seu consumidor – a mercadoria ser trocada? Devolvida? Descartada? Seria correr riscos sem magoar ou ferir pessoas, ou isto deixou de ser importante? Valores como estes podem influenciar também a vida religiosa das pessoas e também a autoestima, assim como as relações familiares futuras. Na sociedade de produtores, até as primeiras décadas do século XX, os desejos e aspirações tinham como motivos primordiais a

---

[22] BAUMAN, Zygmunt. *Vida para o consumo*: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. p. 9-10.
[23] BAUMAN, 2007, p. 13.
[24] BAUMAN, 2007, p. 24.

estabilidade, a segurança e o prazer. A ideia era de que um bem deveria estar intacto, ou seja, que fosse durável.[25] O propósito era conservá-lo. A sociedade de consumidores inverte essa lógica porque se pauta na concepção da satisfação imediata dos desejos. Porém, desejos estes sempre reavivados, pois sua satisfação nunca é plena; o novo e o melhorado sempre acendem a cobiça pela possível aquisição de algo mais desenvolvido.[26] A sociedade de consumidores, com suas estratégias de *marketing* infalíveis, desvaloriza o "velho", sugerindo que ele seja antiquado e transforma a novidade em uma celebração que glorifica o consumo. Daí, a satisfação de um desejo somente durar da sua aurora até o aparecimento de outro mais atrativo, nem sempre marcado pela sua completa fruição; o longo prazo, estigma da modernidade, perde a primazia para o curto prazo, atributo da pós-modernidade nesse mercado em que o trabalho, os homens e as mulheres se tornam, a cada dia, objetos da cultura de consumo.[27]

Não se pode subestimar os efeitos colaterais do consumo e da sociedade de consumidores que recaem, geralmente, sobre os pobres que não exercem força preponderante na cultura da apropriação, fruição e descarte. Nessa cultura de elementos descartáveis, são os próprios despossuídos de poder de compra, descartáveis, relegados à infraclasse, situação financeira que apenas propaga o desejo de obtenção (e por vezes leva os indivíduos não detentores de poder aquisitivo ao crime ou ao endividamento que seu *status* social não permite saldar com facilidade). Os efeitos colaterais que o consumismo provoca atingem seu ápice quando os desejos insaciáveis não são satisfeitos, pois é justamente este o dilema da insatisfação constante, a mesma que alimenta o sistema como uma verdadeira roda viva, uma engrenagem que poderia ser representada por algo parecido com a cadeia alimentar das selvas naturais, em que prevalece a lei do mais forte.[28] Aqui prevalece a lei do que tem mais "liberdade de escolha", ou seja, mais recursos disponíveis.

---

[25] RIBES, Rita. O desejo e o consumo. *A página da educação*, ano 14, n. 151, 2005, p. 19. Disponível em: <http://www.apagina.pt/?aba=7&cat=151&doc=11219&mid=2>. Acesso em: 16 jul. 2010.

[26] HELLER, Agnes; FEHÉR, Ferenc. *A condição política pós-moderna*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p. 29-67.

[27] AGAMBEN, Giorgio. *Profanações*. São Paulo: Boitempo, 2007. p. 23-25.

[28] Costa fala da pressão que a lógica da sociedade de consumo informa nas percepções das pessoas gerando uma noção de *comprismo*, o que evidentemente não pode ser acessado por todas as pessoas, principalmente as mais pobres. COSTA, 2004, p. 178-179.

Não há como as questões religiosas não serem afetadas por tudo isto. Se os valores das pessoas mudaram, seus relacionamentos e suas prioridades também mudaram. Considerando essa mudança no comportamento das pessoas, pode-se analisar sua relação com a religião, o nível de comprometimento e a busca por satisfação de interesses pessoais. Por que os "fiéis" mudam tão facilmente de uma igreja para outra, sem considerar nem mesmo questões doutrinárias como importantes? As promessas de que esta ou aquela igreja tem maiores condições de lhe proporcionar bem estar, de resolver seus problemas, tornaram-nas muito atrativas. Muita gente anda atrás das chamadas "Igrejas de Poder" que, na verdade, são as que melhor usam o recurso do *marketing*. Se a religião não se enquadra, não atende aos desejos de satisfação das pessoas, ou é descartada ou trocada por outra que se proponha ou prometa a satisfação desejada, como numa concorrência comercial que releva a experiência religiosa a um mero produto a ser consumido por clientes que paguem por ele, acaba ficando fora do crescimento considerado como critério de eficácia do discurso característico destas instituições. Segundo Greuel,

> a religião foi transformada em um item de consumo delicadamente embalado, assumindo seu lugar entre outras tantas mercadorias que podem ser compradas ou rejeitadas de acordo com os caprichos de consumo de cada um. Também o cristianismo em grande medida sucumbiu ao consumismo. Há uma frenética busca por novidades, seguindo a tendência do espetáculo de luzes e cores. Enquanto a interioridade é relegada a um plano secundário há uma espécie de ditadura do novo que se impõe. Considerada como boa é aquela igreja que mais novidades têm a oferecer e os fiéis transitam entre uma igreja e outra com uma agilidade impressionante, em busca de novas ofertas. Neste contexto também se percebe a presença da lógica da exclusão que resulta em fortes e fracos. Os que são bem sucedidos, assim são considerados por serem portadores das benesses e da graça de Deus. Os desafortunados são acusados de terem pouca fé, e de serem merecedores de maldição. Com isso, também as pessoas são mercantilizadas [...] Assim, a religião que poderia ser um fator agregador e libertador do ser humano, acaba por se transformar em mais um elemento causador de desencanto para a humanidade.[29]

Provavelmente, pesquisas e estudos de marketing e propaganda permitiram que surgissem, nesta época, os grandes empreendimentos religiosos dos movimentos religiosos neopentecostais que apresentam estratégias bem elaboradas neste sentido, utilizando práticas mercadológicas e midiáticas que chegam a níveis de inegável competitividade. Tudo indica que a ética do consumismo faz parte do

---

[29] GREUEL, Sigolf. *Religião e religiosidade na pós-modernidade.* 2008. 65 f. Dissertação (Mestrado Profissional) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Faculdades EST, São Leopoldo, 2008. p. 39.

conjunto de fatores que compôs o ambiente para a aceitação e crescimento das igrejas chamadas neopentecostais no Brasil e no mundo. A adesão de verdadeiras multidões aos seus templos parece confirmar esta percepção.

1.3 A Nova Era

O que se falava e se escrevia sobre "Nova Era" no início dos anos 1990 tem parecido ser coisa normal nesta primeira década inicial do século XXI. Os símbolos, que eram apresentados como tendo um significado subjetivo, fariam parte de um plano sutil de fazer parecer natural o que eles, de fato, representavam. Eles eram usados em roupas e objetos por muita gente que nem imaginava estar transmitindo uma mensagem relativa a algum significado subjetivo. Muitos desses símbolos são referências às religiões orientais.

A Nova Era foi e ainda é um tema de palestras incontáveis nas igrejas evangélicas. Os palestrantes normalmente alertam seus ouvintes acerca do que a Nova Era traz: um conceito panteísta de Deus associado à ideia extremamente sincretista. Daí decorre uma invasão de símbolos ligados às religiões orientais, o que traria muitos problemas para estas instituições religiosas em um futuro próximo. A Nova Era está presente em muitas áreas da vida cotidiana, e tem penetrado na sociedade de maneira discreta através da medicina, da filosofia, das artes marciais e das escolas, chegando às igrejas que, aparentemente, seriam os focos de resistência, pois que o cristianismo representa a Era de Peixes a ser superada com a chegada da Era de Aquário.[30]

A Nova Era também despertou muita crítica dos que viam essa pregação como forma de fanatismo religioso e sensacionalismo, no mínimo, um exagero. Esses críticos subestimaram o poder desse movimento. O que ocorre, mais provavelmente, é uma invasão silenciosa. O misticismo usufrui de incontestável aceitação por grande parte das pessoas. Livros a respeito da temática são lançados constantemente, filmes fazem sucesso como nunca antes, exemplo são os filmes de Harry Potter e congêneres. Os grupos mais conservadores acabam travando verdadeiras batalhas contra aquilo que consideram causa da decadência moral dos

---

[30] GONÇALVES JÚNIOR, Oswaldo. Resenha de: AMARAL, Leila. Carnaval da alma: comunidade, essência e sincretismo na Nova Era. Petrópolis: Vozes, 2000. 230p. *Numen*: Revista de Estudos e Pesquisa da Religião, Juiz de Fora, n. 7, p. 153-164, 2001.

princípios religiosos tradicionais da cultura judaico-cristã. O *Ocidente* é invadido por uma grande variedade de práticas que fazem frente à tradição cristã; valores e princípios ligados à Nova Era são incutidos nas mentes das crianças e dos jovens através de desenhos animados e filmes infantis. É a irrupção do *Oriente* na estrutura ocidental por meio de práticas da religiosidade da Índia, China, Tibet, Japão, etc. Cabe aqui a questão a respeito da Nova Era em sua constituição.

A Nova Era é um tipo de metanarrativa que engloba de forma fagocitosa uma gama enorme de movimentos e ações no âmbito das espiritualidades e das ideologias pacificistas que eclodiram com mais força na década de 1960, principalmente ligados a movimentos e artistas conhecidos mundialmente. No entanto, a Nova Era não se apresenta como um movimento unificado, sob a direção de um líder único, mas é uma constelação de pequenos movimentos espalhados pelo mundo. Pode-se caracterizar o Movimento Nova Era como uma grande mobilização de pequenos grupos, dispersos em diversos locais e áreas diferentes. Porém, não há uniformidade nas perspectivas senão na ideia de harmonia e paz; formam uma enorme rede de ação e abrange centenas de entidades, instituições e grupos, sem que todos necessitem estar em contato ou mesmo se conhecer. Isso não quer dizer que exista um único modo de conceber a temática. Muitos grupos religiosos cristãos se contrapõem às manifestações de grupos ligados à Nova Era. Estes grupos consideram que exista unidade de ação e de compreensão a respeito da forma como são processadas as maneiras de conceber as mudanças de épocas e eras na história dos seres humanos. Há muitas pessoas que acreditam que exista um encadeamento ideológico entre os muitos grupos na forma de perceber e fazer os caminhos que conduzem às etapas sugeridas pela metanarrativa. Exemplo disso é apresentado pela escritora Marilyn Ferguson, em seu livro *A conspiração aquariana*, considerado por muitos como a "Bíblia" da Nova Era. Segundo ela,

> conspirar significa respirar juntos, tornando a era de aquário como era de verdadeira libertação da mente [...] é um grande movimento no mundo inteiro, que envolve políticos, homens de negócios, intelectuais, cientistas, etc. Todos juntos lutando e acreditando no ideal da unidade social, política e espiritual, cognominando-se de "conspiradores".[31]

Figuras conhecidas encabeçam religiosamente as perspectivas anunciadas pelos grupos como o irrompimento dessa "nova era" na qual se fundiriam a ciência e

[31] FERGUSON, Marilyn. *A conspiração aquariana*. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 1980. p. 19.

o misticismo, dando lugar a uma nova cultura com pressupostos próprios e definidos. Estaria o ser humano atingindo uma condição espiritual mais consciente e madura, o que seria o fim da "Era de Peixes" e o início da "Era de Aquário". Haveria então uma maior consciência do Deus que está dentro de nós, conforme os textos da atriz Shirley MacLaine, os homens e mulheres estariam caminhando em direção à unidade religiosa mundial.[32] De vários temas abordados sob o guarda chuva da Nova Era, a proposta religiosa é a que mais preocupa parte dos grupos religiosos protestantes e parcela significativa da Igreja Romana. Segundo escreveu Gerhard Sautter:

> os líderes intelectuais do chamado movimento da nova era, como Marilyn Ferguson e Fritjof Capra, avistaram a necessidade de uma nova sociedade na qual até as antigas religiões, entre elas também o cristianismo, integram-se numa nova religião conjunta para proveito universal e desenvolvimento da humanidade.[33]

O conceito de religião deixaria de ser doutrinário para ser social, mas não uma visão ecumênica e sim sincrética, uma junção dos valores de cada uma das grandes religiões mundiais que perderiam suas características particulares. Fritjof Capra, um cientista de destaque pelos seus estudos de mecânica quântica, é quem defende a ideia de uma relação entre consciência mística e trabalho teórico-científico, esmera-se na tentativa de unir ciência e religião. Segundo ele, há uma interconexão sistêmica entre os vários subsistemas que compõem o universo.[34]

Alguns acontecimentos fortaleciam a crença de que aquilo de fato já estaria acontecendo. Em meados do século passado, já despontaram estudos teológicos tanto de católicos como de protestantes na direção de uma teologia das religiões, que tendia a tratar as religiões não cristãs como equivalentes ao cristianismo, como um modo de agir por caminhos diferentes. O teólogo católico Hans Küng, por exemplo, chegou a postular a necessidade de "um novo paradigma teológico, no qual a fé cristã é transformada de forma conseqüente no sentido de uma síntese com as outras religiões".[35] Outros teólogos, como Karl Rahner, apresentaram

---

[32] Shirley Maclaine escreveu diversos livros nos quais relata suas "experiências espirituais" e ensina a reencarnação, entre eles: MACLAINE, Shirley. *Minhas vidas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1983.

[33] SAUTTER, Gerhard. *New Age*: a nova era à luz do evangelho. São Paulo: Vida Nova; Cascavel: Esperança,1992. p. 7.

[34] CAPRA, Fritjof. *O ponto de mutação.* São Paulo: Cultrix, 1982.

[35] SAUTTER, 1992, p. 44.

propostas polêmicas como a da doutrina escolástica da possibilidade de salvação das pessoas ainda não “consideradas” salvas pelo Evangelho com suas religiões como mediadoras da salvação. Entre os protestantes, pode ser citado Wolfhart Pannenberg, que afirmava que as religiões não cristãs partilham da experiência transcendental universal da humanidade, ideia também defendida por Paul Tíllich, um teólogo que desejava levar às últimas consequências o diálogo entre cultura e fé cristã.[36] O que acontece, na verdade, é que os teólogos cristãos, tanto católicos quanto protestantes, especialmente os envolvidos com estudos da ciência da religião, passaram a olhar com simpatia as demais religiões mundiais, vendo nelas valores que possivelmente representariam alguma identidade com a religião cristã, que, por sua vez, tem suas falhas a reconhecer, bem como partes passíveis de descartar. A Igreja Católica Romana deu sinais de inclinação nesta direção quando, no dia 27 de outubro de 1986, o Papa João Paulo II convidou representantes de várias religiões, na cidade italiana de Assis para a “Oração da Paz”. Ali se juntaram representantes de diversas religiões: cristianismo, islamismo, hinduísmo, cultos animistas, dentre outros. O diretor da *Folha de São Paulo*, Otávio Frias Filho, assim descreveu essa situação:

> Todos os deuses, todas as crenças, todos os sistemas religiosos serão aceitos ao mesmo tempo. Como os antigos romanos, toleraremos todos exatamente por não acreditar a fundo em nenhum dele. Nossa fé se reduziu à crença numa energia cósmica qualquer, uma "força". [...]. Gnomos, espíritos, magos, anjos, duendes, demônios – um cortejo de quimeras extintas pela luz elétrica – ressuscitam, assim, no ecletismo da nova religião, a mais relativista que já houve, apta a admitir quaisquer fantasias e ignorar contradições entre elas.[37]

Nota-se nessa fala um relativismo próprio da pós-modernidade. Valores perdem sua força em nome de uma tolerância religiosa aparentemente livre de preconceitos e discriminação. Seria liberalismo teológico? A aproximação com o outro, que outrora era rotulado de herege, agora ganha um aspecto altamente relevante em nome do diálogo inter-religioso. A aceitação da experiência religiosa como válida em qualquer grupo ou religião questiona muitos dos motivos missionários ou da evangelização de muitas igrejas de protestantismo histórico e,

---

[36] HIGUET, Etienne A. O método da Teologia Sistemática de Paul Tillich: a relação da razão e da revelação. *Estudos da Religião*, São Bernardo do Campo, v. I, n. 10, p. 37-54, 1995.

[37] FRIAS FILHO *apud* VIOTTI, Frederico R. A. Nova Era: uma revolução silenciosa ameaça a Civilização Cristã. In: LEPANTO: Frente Universitária & Estudantil. Janela: Doutrina Cristã. Disponível em: <http://www.lepanto.com.br/dados/EstNovaEra.html>. Acesso em 23: jun. 2010.

muito mais ainda das igrejas de protestantismo carismático. Estas se consideram ameaçadas e em risco diante do crescimento dos discursos de tolerância não somente das correntes que parecem fazer uso de uma suposta harmonia no intuito de ganhar mais terreno.

Talvez não se perceba no contexto atual nenhuma evidência clara que isto possa acontecer ou que de alguma forma alguém esteja se mobilizando para promover a criação de uma tal "nova religião". Porém, Ricardo Gondim, em seu livro *O evangelho da Nova Era*, não teve dificuldades em identificar a Teologia da Prosperidade, uma marca indiscutível das igrejas neopentecostais, como deslocada da tradição antiga das igrejas dos primeiros séculos.[38]

Tal abordagem faz sentido quando se observa a visão abrangente do neopentecostalismo, que se apropria de símbolos e práticas de outras religiões e os incorpora aos seus rituais de culto para atingir uma camada da população, que certamente poderá ver neles alguma identificação. Na verdade, é mais uma estratégia muito bem elaborada de *marketing* que, além dos símbolos, se aproveita do imaginário e da boa fé popular que é vasta e, neste caso, tratada como de domínio público. Tudo isso com o objetivo de arrebanhar fiéis das mais diversas religiões.

Historicamente, a Teologia da Prosperidade tem sua origem em tempos recentes. No entanto, muito antes do surgimento do movimento pentecostal, e antes de Kenneth Hagin, é possível identificar elementos de uma teologia que tem na ação divina uma resolução efetiva para as dificuldades concretas das pessoas. Na igreja cristã, sempre houve grandes movimentos de cura divina, a própria Igreja Romana praticou a veneração de relíquias criadas como possuidoras de poderes sobrenaturais, permitidas e encorajadas pelo colegiado eclesiástico:

> Desde o terceiro século as igrejas e colecionadores individuais as amontoavam que incluíam os pedaços "autênticos da cruz "(descobriu-se na época, que os pedaços eram suficientes para se construir três navios), ossos das crianças imoladas por Herodes em Belém, jarros do leite da virgem Maria, as penas da pomba do Espírito Santo, um fio de cabelo da barba de Jesus e até migalhas dos restos de pão da Santa Ceia [...] A complacência da igreja com esses excessos alimentava as massas

[38] GONDIM, Ricardo R. *O evangelho da Nova Era*. São Paulo: Abba Press, 1993. p. 66.

> ignorantes que fanaticamente buscavam milagres através de objetos tidos como milagrosos.[39]

Já no século XX, Kenneth Hagin, que iniciou seu ministério como pastor batista, e logo se tornaria pentecostal, ficou conhecido como "pai dos movimentos de fé". Ele influenciou muitos pastores de sua época com sua pregação e suas visões que, segundo Gondim, só encontram explicações na literatura espírita.[40]

Por que Ricardo Gondim identifica a Teologia da Prosperidade com teologia da Nova Era? Seria porque sua ênfase nas curas, exorcismos e na prosperidade encontra um público aberto a este tipo de experiência como que buscando preencher um vazio que existe, consequência da desestruturação social própria da pós-modernidade, ou seria pela influência gnóstica presente na sua fundamentação e nos postulados defendidos por Hagin e seus seguidores? É verdade que nos postulados de grupos identificados com a Nova Era parece existir ideias que lembram o gnosticismo combatido por parte das igrejas dos primeiros séculos. Também é certo que há influências presentes na Teologia da Prosperidade, encontradas nos ensinos da chamada "ciência cristã", movimento que influenciou profundamente os inícios das formulações das Teologias de Prosperidade.[41] Com isso, seria ressuscitada uma série de questões teológicas que já trouxeram grandes problemas para a Igreja Cristã durante a história de sua institucionalização, principalmente nos séculos iniciais, período marcado por discussões a respeito de temas fundamentais da fé cristã.[42] O cânon do Novo Testamento resultou destas batalhas como aspecto institucional de legitimação das perspectivas dos grupos que conseguiram definir suas compreensões a respeito das temáticas.[43]

---

[39] GONDIM, 1993, p. 15.
[40] GONDIM, 1993, p. 27.
[41] GONDIM, 1993, p. 39.
[42] GONZÁLEZ, Justo L. *A era dos dogmas e das dúvidas.* São Paulo: Vida Nova, 1984.
[43] Siepierski fala que a história da igreja está profundamente comprometida com a dogmática cristã, o que aponta para debates e lutas internas a respeito de determinados temas como a criação, encarnação de Jesus, parousia, etc, que nunca foram resolvidos definitivamente; as perspectivas rejeitadas dos grupos nunca foram definitivamente ignoradas pelas pessoas, sempre houve a transgressão das normas a partir das necessidades vivenciadas e experimentadas estas mesmas formas de enxergar a vida antes combatidas. DREHER, Martin N.; SIEPIERSKI, Paulo D. *História da Igreja em debate*: um simpósio. São Paulo: ASTE, 1994. p. 18-20.

1.4 Do pentecostalismo ao neopentecostalismo

O pentecostalismo que chegou ao Brasil, no início do Século XX, sempre apresentou um expressivo crescimento numérico. No entanto, este crescimento promovia em seu percurso muitas transformações, fossem nas atividades religiosas, fossem nas instituições. Cismas, dissidências e fracionamento fazem parte da sua história, principalmente a partir da década de 1950, como veremos na sequência deste trabalho.

Em 1910, chegava ao Brasil o imigrante italiano Luigi Francescon, um dos fundadores da Igreja Presbiteriana Italiana de Chicago, nos Estados Unidos. Lá ele teria recebido uma "revelação" segundo a qual deveria, junto com seu irmão G. Lombardi, evangelizar o povo italiano pelo mundo. Assim sendo, dirigiu-se à Argentina em 1909, vindo depois para o Paraná, no Brasil, de onde veio para São Paulo, quando começou a pregar na Igreja Presbiteriana do Brás. Com suas ideias carismáticas, logo provocou um cisma entre os presbiterianos, cuja maioria era de imigrantes italianos. Tal situação permitiu a fundação da Congregação Cristã do Brasil.[44]

Logo no ano seguinte, 1911, chegaram ao Brasil dois suecos: Gunnar Vingren e Daniel Berg. Eles eram batistas e migraram da Suécia para os Estados Unidos, onde conheceram o movimento pentecostal. Afirmavam ter então recebido uma profecia, que lhes atribuía a missão de levar a mensagem da Bíblia a um lugar chamado Pará. Provocaram também um cisma na Igreja Batista em Belém e iniciaram assim a Igreja Evangélica Assembléia de Deus, no Brasil. Assim sendo, "com a Assembléia de Deus e a Congregação Cristã do Brasil, teve início o pentecostalismo brasileiro".[45]

O crescimento da Congregação Cristã do Brasil não foi muito expressivo nas três primeiras décadas, pois seus trabalhos se restringiam ao seu público-alvo: os imigrantes italianos. Neste período, até as pregações e os hinos eram em italiano. Enquanto isso, a Assembléia de Deus, que iniciou com fiéis oriundos da Igreja Batista, popularizava-se com um forte proselitismo entre os católicos, condenando o

---

[44] PASSOS, João D. *Pentecostais*: origens e começo. São Paulo: Paulinas, 2005. p. 23.

[45] ALMEIDA, R. R. M. A guerra de possessões. In: ORO, Ari P.; CORTEN, André; DOZON, Jean-Pierre (Orgs.). *Igreja Universal do Reino de Deus*: os novos conquistadores da fé. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 334.

culto aos santos, às imagens e, principalmente, o culto a Maria. Logo, a Assembléia de Deus se tornou a maior igreja de corte protestante do Brasil, principalmente no Norte e Nordeste, atrás apenas da igreja Católica, de acordo com Machado de Almeida.[46]

Em 1951, chegou ao Brasil Harold Willians para fundar, em 1953, a Igreja do Evangelho Quadrangular, já existente nos Estados Unidos há três décadas. Esta era uma igreja pentecostal com forte prática evangelística com ênfase em cura divina. Eles usavam tendas como templos e promoviam a Cruzada Nacional de Evangelização, uma campanha em todo o Brasil, o que fez ficar conhecida pelo nome de "Cruzada".

Três anos depois, o pastor Manoel de Melo foi responsabilizado por provocar um cisma no seio desta igreja e fundar a *Igreja O Brasil para Cristo*, da qual depois saíram dissidências que se transformaram nas igrejas *Deus é Amor*, em 1962, fundada por Davi Miranda, e a *Casa da Bênção*, em 1964, fundada por Doriel de Oliveira. Da Casa da Bênção saiu a *Igreja Socorrista*, em 1973, e o *Templo da Bênção*, já em 1991. O crescimento do pentecostalismo brasileiro se deu assim, através do fracionamento, possibilitando o alcance de diferentes públicos, especialmente das classes populares e em torno de figuras carismáticas. Estas igrejas ficaram conhecidas como igrejas da "cura divina".[47]

Com a chegada ao Brasil, em 1960, da *Igreja de Vida Nova*, fundada no Rio de Janeiro pelo Bispo Robert Mac'Alinster, o pentecostalismo começou a alcançar a classe média com uma forma de culto diferenciada e dinâmica. Depois foi a vez da *Igreja Renascer em Cristo*, fundada em 1986, que desde o início se propôs a alcançar o público jovem envolvido com drogas, prostituição e alcoolismo, ganhar certo avanço através da música. Sua estratégia foi usar shows musicais em lugares públicos, videoclipes através da televisão e dar à mensagem uma embalagem de música popular em estilos variados como rock'n'roll, rap, samba, funk, etc.[48]

---

[46] ALMEIDA, Ronaldo R. M. *A Universalização do reino de Deus*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996. p. 338.

[47] ALMEIDA, 1996, p. 20.

[48] DOLGHIE, Jacqueline Z. *Por uma sociologia da produção e reprodução musical do presbiterianismo brasileiro*: a tendência gospel e sua influência no culto. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2007. p. 53.

O crescimento pentecostal foi surpreendente nos anos de 1960 e 1970, o que chamou a atenção dos historiadores e estudiosos do fenômeno religioso. Na tentativa de encontrar uma resposta, os cientistas sociais associaram o crescimento pentecostal às mudanças sociais e econômicas ocorridas no país a partir de 1950. A população caracteristicamente rural, que agora se tornara urbana e ocupando a periferia das grandes cidades, estaria encontrando nas igrejas pentecostais uma resposta à sua perda de referências da vida que possuíam no interior e transferindo para a igreja um papel de reordenação de suas vidas. Neste aspecto, o pentecostalismo seria o elemento de ajustamento em uma sociedade em processo de desordem comportamental, o que era vigente nas grandes cidades nestas décadas. Esta tese faz sentido para explicar o início do crescimento pentecostal no Brasil, mas não se aplica da mesma forma às últimas décadas.

O sociólogo Paul Freston define o crescimento pentecostal do Brasil em três ondas, o que se tornou base para inúmeros estudos posteriores: a primeira onda, de 1910 a 1950, teria sido o período inicial, de enraizamento do pentecostalismo no Brasil; a segunda onda, de 1950 a 1980, caracteriza-se pela fragmentação das igrejas; e a terceira onda, de 1980 até os dias atuais, caracteriza-se pela forte presença pentecostal na política, nos meios de comunicação e conflitos religiosos.[49]

O pentecostalismo tradicional, com seu universo de fragmentação, preparou o ambiente no qual o neopentecostalismo nasceu, mas com características tão fortes que pode ser, às vezes, entendido como um movimento distinto, como preferem tratar alguns estudiosos.

1.5 Nova cara religiosa do Brasil

O professor da Universidade de São Paulo, Antonio Flávio Pierucci, comentando os dados dos Censos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística das últimas décadas, aponta para uma mudança inegável no quadro religioso do Brasil. Segundo ele, as religiões tradicionais do Brasil, o Catolicismo, o Luteranismo e a Umbanda estão perdendo espaço rapidamente. Neste processo, está se desenhando uma nova cara religiosa do Brasil: “a nova cara religiosa do país ainda não veio à luz, a grande virada protestante ainda não se consumou, embora

---

[49] FRESTON, Paul. Uma breve história do pentecostalismo brasileiro: a Assembléia de Deus. *Religião e Sociedade,* v. 16, n. 3, p. 104-129, 1994. p.109-110.

continue subjetivamente prometida pela seqüência dos dados, pela constância das tendências, pelas projeções mais conservadoras".[50]

A IURD floresceu em uma época muito oportuna para atingir um público imenso que tem aderido continuadamente à sua pregação, não obstante as críticas, escândalos e perseguições que têm ocorrido. A maioria das pessoas que participa da IURD se diz ligada a uma religião, elas expressam sua fé de várias maneiras, mas no ambiente da IURD parece que existe um clima de mediação para a fé através das bênçãos recebidas de acordo com a participação nas formas elaboradas de campanhas; os famigerados envelopes.

A questão pode ser estudada sob a perspectiva de escassez (demanda) e abundância (oferta) no âmbito simbólico, já que essa igreja faz uso exacerbado do *marketing* religioso e as leis de mercado podem ser percebidas claramente nesta relação de religião e oferta, público e consumidor. É um público considerável em número e visivelmente crescente no Brasil e no mundo. Não se trata mais de uma multidão de incultos e miseráveis, como poderia ser dito no início do crescimento dos trabalhos de Edir Macedo, mas de gente de todas as camadas da sociedade, dependendo da região onde seus templos são instalados.

É relevante analisar e estudar as razões do surpreendente crescimento da IURD e das demais igrejas neopentecostais, já que o mesmo não ocorre nessas proporções com as igrejas históricas, que têm estrutura, métodos e mensagem teológica, aparentemente, melhor elaborada e já estão no Brasil há mais de um século. Há muita coisa a ser compreendida, mas nem sempre o assunto é tratado com isenção de preconceito ou discriminação, o que, às vezes, prejudica uma visão razoável do referido fenômeno; isto é verificável de ambos os lados.

A intenção na escolha da CBB para este estudo comparativo se deve, além de outros motivos, existencialmente ao fato de o autor fazer parte dela desde a infância e nesta igreja exercer o ministério pastoral há cerca de trinta anos. Além disso, há de se reconhecer a importância das Igrejas Batistas no cenário religioso do Brasil, sua história e credibilidade e seu crescimento entre as igrejas históricas.[51]

---

[50] PIERUCCI, Antônio Flávio. Bye bye, Brasil: o declínio das religiões tradicionais no Censo 2000. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 18, n. 52, p. 17-28, 2004, p. 21.

[51] Os grupos batistas não se limitam a um único conglomerado confessional, mas existem várias tendências de muitas procedências e de muitas perspectivas teológicas. No Brasil, não é diferente. Desde 1859, há notícias de batistas aportando ao Brasil. A primeira igreja estabelecida foi no ano

Esta igreja tem se caracterizado pela transparência em assuntos financeiros, desde a entrega dos dízimos e ofertas nos cultos até seus relatórios apresentados em assembleias, que justificam a aplicação dos recursos, sempre conforme tenha sido deliberado democraticamente.[52]

Não seria possível descrever e delimitar todos os motivos de crescimento das igrejas neopentecostais no Brasil e no mundo. No entanto, este trabalho deve caminhar por algumas trilhas em que seja possível destacar alguns fatores que tenham ajudado a preparar o ambiente para que estratégias como as elaboradas por Edir Macedo, e também por outros, como R. R. Soares, consigam atingir seus objetivos. As características dessas igrejas, aqui da IURD, que conseguem aceitação por uma parte considerável da população, não se explicam única e exclusivamente pelo modo midiático com que realizam a propaganda de suas propostas. Também não é possível delimitar aqui, de outro lado, o porquê das igrejas históricas não responderem, em grande parte, às demandas simbólicas de sua "clientela", se é possível encarar assim. De maneira dinâmica e propositiva, a intenção é pinçar contribuições que o movimento neopentecostal, mais particularmente a IURD, possa oferecer às igrejas históricas.

Também é preciso reconhecer que a CBB, entre as igrejas históricas, poderia ser estudada em muitos outros detalhes e aspectos. É uma igreja que prima pelo estudo da *Palavra de Deus* com profundidade e seriedade. A estrutura da CBB tem evoluído grandemente em todo o Brasil e não há mais aquela antiga realidade de concentração nos grandes centros urbanos. A formação de pastores e a reciclagem para atualização das lideranças tem sido uma preocupação constante da CBB. O plano de metas leva em consideração as tendências sociais e os projetos elaborados, visando alcançar todas as camadas da sociedade. Não obstante, é preciso atentar para o detalhe de que o crescimento desta igreja ainda não é o desejado, conforme as lideranças. O padrão tradicional é pesado quando precisa evoluir. Logo, o crescimento deixa de ser uniforme. É possível encontrar uma igreja da CBB perfeitamente contextualizada, contemporânea bem perto de outra igreja

---

de 1871, em Santa Bárbara, nas proximidades de Campinas, com imigrantes norte-americanos que fugiam da Guerra Civil. PEREIRA, 1972, p. 93-94.

[52] A Convenção Batista Brasileira se reúne todos os anos para decidir em convenção os rumos a seguir. Nestas convenções, são prestadas contas e publicadas para que todas as igrejas que participam possam ter acesso aos números. CONVENÇÃO Batista Brasileira. Anais da 53ª Assembléia, Campos, 20 a 27 de Janeiro de 1971. Rio de Janeiro: JECBB, 1971.

também da CBB com perfil bastante arcaico e preso ao tradicionalismo sufocante em que o padrão se torna dogma. Neste sentido, pode-se dizer que há descontinuidades no processo, e a democratização passa pelas discrepâncias, umas considerando suas ações como boas e as dos outros como más ações. Prejuízo de crescimento uniforme no modelo de igreja autônoma, congregacionalismo, como é o caso da CBB, é uma questão de ponto de vista.

2 IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS - IURD

A IURD usa uma inscrição com letras grandes em todos os seus templos: "Jesus Cristo é o Senhor". A inscrição está em todos os templos da IURD espalhados pelo Brasil e no mundo. É uma inscrição que revela o espírito teológico da instituição, representa a perspectiva guerreira implicada na teologia de adesão fortemente proclamada por todos os programas criados e levados a cabo pela IURD.[53] Não se trata simplesmente de uma declaração de submissão da instituição ao Senhor Jesus Cristo como Senhor da igreja, nem um simples *slogan* para chamar a atenção das pessoas a se submeterem às suas propostas teológicas ou mesmo algum dispositivo propagandístico para as pessoas que estejam passando por problemas e que andam à procura de alguma solução que lhes apareça. Parece que o uso e a aplicação da mensagem, em letras gigantes às portas dos templos, significam uma guerra entre Jesus e os demônios que se manifestam nos encontros, nos quais a manifestação do poder de Jesus é demonstrada quando acontecem os exorcismos. Também se usa esta expressão quando se quer alcançar alguma bênção material, pois afirmar que Jesus Cristo é o Senhor pode representar que em e através de Jesus é possível ter tudo o que se deseja, afinal, como é dito sem parar, "somos filhos do Rei". De acordo com a Teologia da Prosperidade defendida por Edir Macedo, ao se proclamar Jesus como Rei e reconhecer seu domínio na vida da pessoa, "Deus fica obrigado a cumprir a promessa que está na Bíblia".[54]

Nos dias atuais, é difícil distinguir igreja e negócios no âmbito da IURD. Por essa razão, muitos consideram a IURD como uma empresa ou, pelo menos, como extensão das empresas do grupo, que não são poucas. A Rede Record de Televisão cresceu até se tornar a segunda maior rede de TV do Brasil, cujo maior cliente é a própria IURD, o que justifica a transferência de altas somas de dinheiro da igreja para a empresa como pagamento pelos horários que usa. Daí dizer que existe uma transferência direta do dinheiro da igreja para a emissora seja, em grande parte, inverídico. A IURD é cliente da emissora. Assim, a IURD transfere – como meio

---

[53] Essa perspectiva guerreira é bem visível na polêmica gerada pelo livro de Edir Macedo *Orixás, Caboclos e Guias Deuses ou Demônios?* Que ataca violentamente as religiões afrobrasileiras e a Igreja Católica Romana. FOLHA DE SÃO PAULO. Ministério Público quer proibir venda de livro do bispo Edir Macedo. Caderno Cotidiano. 08 nov. 2005. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u115029.shtml>. Acesso em: 12 jul. 2010.

[54] TAVOLARO, Douglas. *O bispo*: a história revelada de Edir Macedo. São Paulo: Larousse, 2009. p. 210.

eficaz de propagação das ideias da instituição para seu crescimento – dinheiro para a emissora de maneira legítima. A Editora Gráfica Universal produz e reproduz uma quantidade muito grande de livros que são vendidos aos fiéis, além de imprimir a Revista Plenitude e o Jornal Folha Universal, que é editado para distribuição em todos os lugares do mundo onde a igreja já está presente, gratuitamente. O Grupo Universal é altamente sólido nos negócios, que vão desde uma imobiliária, que cuida de compra e aluguel dos templos, até um banco, que cuida das transferências financeiras. Não se sabe ao certo se a Universal é a igreja que ingressou no mundo dos negócios ou se foi o mundo dos negócios que entrou na igreja. Quem é dono de quê? Se igreja e negócios se confundem não é de se admirar que os métodos aplicados na administração da igreja sejam agressivos e de concorrência verdadeiramente comercial.[55]

2.1 Histórico da IURD

Quem poderia imaginar que com um início tão humilde, uma igreja poderia chegar ao lugar em que chegou. A IURD surgiu em 9 de julho de 1977, no bairro da Abolição, Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, num galpão em que antes funcionara uma funerária. Seu fundador, Edir Macedo Bezerra, hoje reconhecido como um dos maiores líderes religiosos do mundo, começou pregando sozinho no coreto da praça no jardim do Méier, nasceu em 1945, no interior do Rio de Janeiro numa família de imigrantes.[56]

Sua experiência como crente evangélico começou aos 18 anos, quando deixou o catolicismo e a umbanda para se converter, por influência de uma irmã que alcançara uma cura milagrosa, ao pentecostalismo na Igreja Nova Vida, liderada pelo missionário canadense Bispo Robert MacAlinster. Esta igreja, fruto de uma cisão da Assembléia de Deus, em 1960, foi a primeira igreja evangélica no Brasil a adotar o episcopado e também a investir forte na mídia,[57] o que certamente influenciou Macedo, entre outras coisas, a usar depois o título de “bispo” e ir ainda mais além em relação à mídia.

---

[55] MARIANO, Ricardo. A Igreja Universal no Brasil. In: ORO, Ari Pedro; CORTEN, André; DOZON, Jean-Pierre (Orgs.). *Igreja Universal do Reino de Deus*: os novos conquistadores da fé. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 58.

[56] JUSTINO, Mário. *Nos bastidores do reino*: a vida secreta na Igreja Universal do Reino de Deus. São Paulo: Geração, 1995. p. 24.

[57] FRESTON, 1994, p. 133.

Em 1975, ele e outros pastores fundaram a “Cruzada do Caminho Eterno”, mas, em 1977, deixou esta igreja, junto com seu cunhado, R. R. Soares, para juntos fundarem a IURD. Edir Macedo suplantou logo a liderança de R. R. Soares com seu estilo centralizador. O recurso que ele usou para consolidar sua liderança institucional foi um programa evangelístico na Rádio Metropolitana do Rio de Janeiro, apresentado com muito dinamismo envolvendo muitos pastores e fiéis. Esta ascensão de Edir Macedo provocou, em 1980, a saída de R. R. Soares para fundar uma igreja clone da Universal, chamada Igreja Internacional da Graça de Deus. Neste mesmo ano, segundo Ricardo Mariano, ele passou a reinar absoluto, adotando o governo eclesiástico episcopal, assumindo o posto de “bispo primaz” e o cargo vitalício de “secretário geral do presbitério”, o mais elevado da denominação.[58]

Na década de 1990, a IURD foi palco de vários escândalos. Em 1991, Carlos Magno de Miranda, que fora líder da igreja no Nordeste, acusou Edir Macedo de sonegar impostos, remeter ouro e dólares ilegalmente para o exterior e de envolvimento com o narcotráfico.[59] A imprensa, que já o criticava antes, teve um prato cheio. Edir Macedo teve de depor na Polícia Federal e passou a ser investigado pela Justiça Federal e Receita Federal. Em 1995, a Receita Federal o condenou a pagar cinco milhões de reais por crime de sonegação fiscal na compra da Rede Record, ocorrida em 1990.[60]

Em 24 de maio de 1992, Edir Macedo foi preso acusado de charlatanismo, curandeirismo e estelionato, passando doze dias numa cela especial na 91ª Delegacia de Polícia da Zona Oeste de São Paulo, de onde saiu mediante *habeas corpus*.[61]

Em 1995, Carlos Magno voltou a repetir as acusações, além de vender para a Rede Globo um vídeo que foi ao ar no Fantástico e provocou grande escândalo, chamando a atenção da Polícia, Justiça Federal, Previdência Social, Procuradoria da República e até da Interpol para investigar a IURD e seus dirigentes. No vídeo, aparecia o bispo Edir Macedo ajoelhado, rindo, enquanto contava dinheiro em um templo de Nova York. Depois, ele aparecia se divertindo em um iate em Angra dos

---

[58] MARIANO, 2003, p. 55.

[59] MARIANO, Ricardo. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 18, n. 52, set./dez. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142004000300010&script=sci_arttext>. Acesso em: 21 ago. 2010.

[60] MARIANO, 2003, p. 49.

[61] MARIANO, 2004.

Reis, e depois, instruindo os pastores, no intervalo de uma partida de futebol, a serem mais agressivos na coleta de dízimos e ofertas.

Entre muitos incidentes e problemas com a justiça, um evento foi largamente explorado pela imprensa: no dia 12 de outubro de 1995, dia dedicado à padroeira do Brasil, feriado nacional, o bispo Sérgio von Helde expôs uma imagem de Nossa Senhora Aparecida em seu programa de televisão, chutou-a e zombou de sua ineficácia, arrastou-a pelo alço e a chamou de "boneco feio, horrível e desgraçado".[62]

O episódio, que ficou conhecido como "o chute na santa", repercutiu largamente. Provocou reações por parte de toda a sociedade e atitudes de hostilidade contra a Universal que chegaram aos extremos, com invasões e incêndios de templos, apedrejamento e até ameaças de bombas.[63] A intolerância da IURD gerou a intolerância da população que via naquela atitude um desrespeito à liberdade religiosa. Entre os evangélicos, houve especial rejeição à atitude do bispo. Muitos se manifestaram criticando ostensivamente a IURD pelo ocorrido.

Foi um grande escândalo que desencadeou a chamada "guerra santa" com a Igreja Católica Romana, também com a Rede Globo, que se aproveitou o evento para tentar desmoralizar os proprietários da concorrente, a Rede Record, com uma enxurrada de ataques contra a IURD, chegando a ponto de ser produzida uma minissérie escrita por Dias Gomes intitulada *Decadência*, cujo protagonista era uma caricatura malfeita de Edir Macedo. Em 1996, O Presidente da República solicitou ao então Ministro das Comunicações Sérgio Motta a intervenção e término do conflito entre Globo e Record. No entanto, a briga está ainda longe de terminar.

Dentre os neopentecostais, o grupo que mais chama atenção pelo seu crescimento vertiginoso é a IURD que, em vinte anos, acredita-se, teria alcançado a marca de quatro milhões de fiéis. O crescimento da IURD foi muito acelerado desde o princípio, pois em apenas três anos conseguiu ter vinte e um templos em cinco Estados do Brasil. Já eram 195 em 1985, em catorze Estados e no Distrito Federal;

---

[62] MARIANO, 2004.
[63] MARIANO, 2003, p. 64.

em 1987, eram 356 templos em dezoito Estados; em 1989, 571. Isso demonstra um crescimento percentual, entre 1980 e 1989, de 2600%.[64]

Já no final da década de 1990, a IURD mudou o seu conceito e imagem de templo. Muitos de seus templos até então eram grandes galpões reformados. Agora se começou uma nova fase: a construção das grandes Catedrais da Fé. Templos suntuosos e imensos, especialmente nas grandes cidades, o que, aparentemente, veio a representar sua consolidação institucional. Ultimamente, a notícia que causou impacto neste sentido foi o anúncio de que a IURD construirá, no Brás, em São Paulo, uma réplica do Templo de Salomão, com capacidade para dez mil pessoas.[65]

A IURD se tornou um dos fenômenos de maior importância no cenário religioso brasileiro por sua força política, poder econômico ou sua internacionalização em curso, que já marca presença em mais de 170 países.[66] Após um processo tumultuado, em 1990, IURD adquire por 45 milhões de dólares as TV's Record de São Paulo e do Rio de Janeiro, considerado um divisor de águas, na última década do século XX, para a democratização da comunicação. A Rede Globo moveu e tem movido, sempre que possível, grandes campanhas jornalísticas contra a IURD na tentativa de atingir a fonte de maior arrecadação da concorrente.[67]

O crescimento da IURD continua de modo agressivo, tanto que em 1999 adquiriu a rede UHF TV Mulher (rebatizada de TV Família), ocupando um espaço complementar ao da TV aberta. Sua importância está no fato de que o sinal via satélite tem alcance nacional e atinge áreas não cobertas pelo VHF. A "guerra do UHF" da Universal é travada em duas frentes: contra a Rede Vida da Igreja Católica e contra a Rede Gospel, da Igreja Apostólica Renascer em Cristo. A estratégia da IURD é semelhante à estratégia que a Globo usa há três décadas: antecipar-se a qualquer pretensão de seus adversários. Desta forma, as organizações Globo

---

[64] REVISTA Plenitude. Disponível em: <http://www.revistaplenitudeemcristo.com.br/>. Acesso em: 14 jul. 2010.

[65] MANSO, Bruno Paes; BRANCATELLI, Rodrigo. São Paulo terá três novos megatemplos. *Estadão*, São Paulo. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/cidades,sao-paulo-tera-tres-novos-megatemplos,274747,0.htm>. Acesso em: 23 jul. 2010.

[66] CORRÊA, Jaqueline. IURD no mundo: na Grécia: Há 3 anos, a Igreja Universal ingressou na terra da mitologia. *Arca Universal*. Disponível em: <http://www.arcauniversal.com/iurd/noticias/iurd_no_mundo_grecia-1451.html>. Acesso em: 16 jul. 2010.

[67] Um dado curioso é que em todas as transmissões da Rede Globo e suas afiliadas, a palavra recorde nunca é pronunciada de acordo com a regra da língua portuguesa, isto é, uma paroxítona que tem sua sílaba tônica no "cor"; ao contrário, para não soar similarmente ao nome da concorrente, sempre é pronunciada como proparoxítona, ou seja, récorde.

investem em diferentes mídias e segmentos como TV a cabo, (produção, programação e distribuição), internet, jornal impresso popular, revistas segmentadas, antes que os concorrentes o façam.

A entrada da IURD em diversas mídias segue o mesmo caminho. Depois de criar em 2004 um portal (Arcauniversal) na internet, lança a TV Arca, uma emissora o*nline* com transmissões 24 horas por dia e com programação *ondemand* (em arquivo que pode ser baixada pelo usuário). No rádio, a IURD totaliza 30 emissoras controladas.

2.2 Pretensões e metas da IURD

Uma igreja que nasce com o nome "Universal" já diz desde o início qual a sua pretensão: alcançar o mundo inteiro. Este é um desafio que a igreja de Edir Macedo tem vencido surpreendentemente. A IURD transpõe fronteiras de tal maneira que hoje chega a 180 países. Uma marca impressionante. Existem estudiosos que afirmam sem medo de errar que a IURD é "a mais importante igreja multinacional do terceiro mundo".[68]

A extraordinária expansão internacional da IURD se deve a um verdadeiro império financeiro, midiático e político, além da grande capacidade de adaptação às adversidades locais. É comum nos meios pentecostais haver cisões quando ocorre crescimento. A IURD conseguiu evitá-las graças ao controle que mantém dos acontecimentos e à manutenção de brasileiros nos postos de comando na maioria dos países.

O fato de possuir sua própria rede de televisão facilita o crescimento e expansão da IURD. Somam-se a este fato as grandes concentrações nos estádios e a obra social feita pela Associação Beneficente Cristã (ABC). A primeira igreja aberta no exterior pela IURD data de 1980, no Estado de Nova York, segundo informações do site oficial da igreja.[69] Na verdade, o começo foi lento e alcançou, inicialmente, Argentina, Portugal e Estados Unidos, que tem em Los Angeles uma catedral com 2.500 lugares. No entanto, nos EUA, a igreja alcança predominantemente os

---

[68] MARIANO, 2003, p. 21.

[69] Encontra-se na página da internet a informação de que "a primeira IURD no exterior foi fundada nos Estados Unidos, em 1980, em Mount Vermont, no estado de Nova Iorque". IURD. Arca Universal: Pelos quatro cantos da Terra. Disponível em: <http://www.arcauniversal.com/iurd/historia/mundo.html>. Acesso em: 16 jul. 2010.

imigrantes de fala portuguesa e espanhola. Ocorreu nos anos de 1990 uma aceleração no processo de expansão de igrejas da IURD no exterior, pois ela tinha, em 1995, 221 templos e passou a ter 500 em 1998.

A estratégia inicial tem sido a mesma em diversos países: na chegada, alugam-se ou compram-se cinemas e prédios em lugares de grande circulação de gente, que são transformados em espaços constantemente abertos ao público, de onde são organizadas cruzadas aos bairros e adjacências. O trabalho que alcança detentos tem causado bons resultados em todo o mundo. Nas cidades onde já se consolidou o trabalho, são construídas as grandes catedrais, assim como acontece no Brasil.

As atividades nos países estrangeiros não são diferentes do que acontece no Brasil. A igreja funciona durante toda a semana, sem exceção, com três a quatro cultos diários, repetindo os mesmos temas semanais.

Um fator que tem favorecido a aceitação da Universal em outros países é a boa imagem do Brasil nestes lugares. Além da simpatia que estrangeiros, de um modo geral, têm pelo futebol brasileiro, a mestiçagem do brasileiro facilita sua adaptação especialmente na África, onde alguns, intencionalmente, adotaram o estilo dançante dos cultos apostólicos e carismáticos já existentes.[70]

Há dificuldades de adaptação quando a IURD choca-se em vários países com leis restritivas em matéria de programas religiosos como no Reino Unido, Portugal ou África do Sul. Nada, no entanto, impediu a implantação da igreja nestes lugares, o que mostra uma capacidade de adaptação muito grande e mostra que a instituição tem identidade própria e não é simplesmente uma cópia dos modelos tele-evangelísticos norte-americanos: sua marca principal é a participação nos cultos, como passagem obrigatória.

2.3 Características da IURD

Em uma análise do perfil da IURD, percebem-se características inovadoras até mesmo para as igrejas pentecostais. A IURD inova suas ações ante as denominações protestantes de corte conversionista pela ousadia e agressividade de

---

[70] FERNANDES, Alexandre. 19 Anos da Igreja Universal do reino de Deus em África. *Cristão da Universal*. Disponível em: <http://www.cristaodauniversal.com.br/>. Acesso em: 15 jul. 2010.

seus métodos nada convencionais. Interessante notar que, não obstante os escândalos e tantos ataques e críticas por parte da mídia e de outros grupos e denominações protestantes, sem contar parcela da Igreja Católica, a IURD nunca sofreu diminuição nos números de seu crescimento. Não obstante haver um imenso público flutuante, inúmeros fiéis achegam-se e permanecem participando de seus cultos e continuam contribuindo financeiramente, indiferentes a tudo que se fala sobre os líderes da igreja e mesmo ao fato de não se ter relatórios sobre o uso do dinheiro arrecadado. Tal situação intriga cada vez mais os observadores, além de confirmar o impressionante poder de persuasão dos pastores da IURD, com seu discurso padronizado.

A IURD rompeu com o pentecostalismo tradicional e se tornou referência neopentecostal, dado o seu crescimento indiscutível. O que parece visível, a identidade desta igreja, já que ela tem marcas tão fortes, torna-se logo obscuro quando se tenta conhecer sua realidade por detrás dos bastidores.

Não obstante a IURD atrair tanta atenção da mídia e dos pesquisadores, tornou-se extremamente difícil para qualquer estudioso penetrar no seu meio e obter informações que ajudem a entender seu processo de crescimento e sua estrutura. Muitos já passaram por constrangimentos e alguns foram inclusive ameaçados e expulsos de suas reuniões por estarem interessados em conhecer detalhes como pesquisadores ou repórteres. Os pastores e obreiros da IURD demonstram claramente que não têm nenhuma boa vontade com curiosos e, principalmente, com repórteres que, segundo eles, causaram grandes problemas e prejuízos por interpretar erradamente suas informações e entrevistas, publicando coisas distorcidas. Assim, por “ordem superior”, ninguém atende ou dá informações sobre a igreja ou sobre qualquer coisa que aconteça ou deixe de acontecer lá, nem mesmos os frequentadores. Há barreiras à pesquisa em todos os níveis da IURD, o que provoca uma interrogação inevitável: será que há algo escondido que não possa ser mostrado? Ou, porventura, há coisas erradas que não possam ser vistas?

De qualquer forma, só nos resta fazermos pesquisas bibliográficas e consultarmos os estudiosos que conseguiram algum progresso com os fiéis, se é que encontraram algum que quisesse colaborar ou com algum ex-membro que falasse de suas razões para não permanecer lá, além do material que pôde ser colhido na divulgação da imprensa.

Consultando os órgãos oficiais de divulgação da IURD, pouca coisa que ajude é encontrada, pois são ferramentas de evangelização e têm um padrão predominantemente devocional. É comum encontrar muitas informações repetidas em vários trabalhos sobre a instituição. A IURD, segundo o próprio Edir Macedo, é um movimento religioso e não uma instituição. Diz ele que não deseja burocratizar a instituição: "a burocracia é uma das principais causas da derrocada das instituições religiosas".[71] Ele deseja que ela permaneça sendo conhecida apenas como "movimento religioso" e não como uma igreja institucionalizada, mas sua transformação em uma organização religiosa tipo "igreja" ocorre de modo acelerado e em condições históricas e sociais devido à aplicação de sua estratégia e *marketing*. A passagem de um movimento carismático para uma institucionalização parece inevitável.

Há quem defenda a ideia de que a IURD não é mesmo uma igreja, mas sim uma empresa extremamente centralizada e lucrativa,[72] que opera com a lógica e a razão instrumental. Está centrada nos desejos e necessidades das pessoas e explora muito bem o *marketing* religioso para atingir com eficácia os seus objetivos. Neste questionamento, muitos autores querem entender o papel das pessoas que frequentam os seus cultos, como eles são vistos e tratados. Leonildo S. Campos chega ao ponto de perguntar se "são fiéis ou clientes?"[73]

Na verdade, no caso de se considerar o padrão tradicional historicamente baseado em modelos que representem aspectos neotestamentários, igrejas bíblicas, suas características e princípios, teremos dificuldade em entender se a IURD pode ser considerada como tal.[74] Se este for o caso, então se trata de um conceito de igreja, no mínimo, liberal e pós-moderno em relação às demais igrejas reconhecidamente cristãs. Ela não tem um "rol de membros", exceto um registro de contribuintes dizimistas, cujo cadastro é usado quando alguém deixa de contribuir

---

[71] MACEDO, Edir. *Nos passos de Jesus.* Rio de Janeiro: Universal, 2000. p. 12.

[72] MARIANO, 2003, p. 58.

[73] CAMPOS, Leonildo S. *Templo, teatro e mercado*: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Simpósio; São Bernardo do Campo: Umesp, 1997. p. 191.

[74] Paul Ricouer argumenta que uma coisa é falar em termos de Igreja Bíblica, daquilo que é bíblico em seu sentido exegético, outra é falar em termos de Igreja Cristã, daquilo que é cristão em seu sentido histórico. No fundo, parece que a própria história da igreja tem dificuldade com a filosofia da história que busca constantemente, em forma apologética, argumentar em favor do seu sentido bíblico quando, muito provavelmente, trata-se de coisas que tem a ver com a Bíblia, mas são de longe coisas não bíblicas. RICOEUR, Paul. *Leituras 3*: nas fronteiras da filosofia. São Paulo: Loyola, 1996. p. 32.

por algum tempo; não tem memória nem registro histórico, seus pastores são rotativos, logo, não criam vínculos com a congregação, para evitar que se ganhe evidência em relação ao rebanho, é claro, o que é conveniente para a visão geral.

Não existe ligação afetiva entre pastor e ovelhas, não há acompanhamento, aliás, este é um conceito que não existe na IURD. O atendimento pastoral acontece nos momentos que antecedem aos cultos sem privacidade e em meio à balburdia que é comum nos seus templos, e em alguns raros momentos em visita pastoral a alguém internado em hospital.

2.3.1 Estrutura

A estrutura administrativa da IURD funciona de maneira hierárquica com o poder decisório centrado no líder, Bispo Edir Macedo Bezerra. Sua organização consta da seguinte estrutura:

- Conselho Episcopal Mundial, com 22 integrantes: 10 no Brasil e 12 no exterior, com destaque para três cofundadores da IURD: Carlos Alberto Rodrigues, Horonilton Gonçalves e Paulo Roberto Gomes;
- Conselho Episcopal do Brasil;
- Conselho de Pastores;
- Líderes Estaduais: 22 bispos e pastores;
- Pastores regionais que gerenciam de 10 a 15 templos;
- Pastores do templo (pastores consagrados, geralmente com formação teológica), que celebram os cultos, indicam seus auxiliares e administram a igreja local;
- Pastores auxiliares (nomeados), que são proibidos de oficializar casamentos, batismo e ceia;
- Obreiros ou missionários, com a tarefa de evangelizar e arrebanhar fiéis.[75]

A hierarquia na IURD segue a seguinte ordem: membro, obreiro, auxiliar de pastor, pastor, bispo. A mobilidade da hierarquia eclesiástica é correlacionada em grande medida à capacidade de arrecadação do pastor. Segundo a interpretação que muitos estudiosos dão, as lideranças mais altas da IURD defendem a ideia de que quem arrecada mais recursos somente consegue tal coisa porque supostamente tem seu ministério abençoado pelo Espírito Santo. Este é um critério que reforça a interpretação de que a IURD está preocupada prioritariamente com o lucro. Segundo

[75] MARIANO, 2003, p. 56.

o ex-pastor Mário Justino, casos de adultério e outros pecados às vezes são relevados, se o pastor for um bom "arrecadador de recursos".[76]

2.3.2 Marketing religioso

A estratégia de comunicação e *marketing* da IURD é fundamental para que a instituição alcance seu objetivo, qual seja, a influência cada vez maior no cenário religioso e nos meios de comunicação (rádio, TV e jornal).

Na análise da comunicação e do *marketing* da IURD, Campos[77] denuncia que as estratégias são a pura manipulação ativa de massas passivas porque supõe necessidades e desejos insatisfeitos e alerta, citando Abraham Lincoln, que disse "é possível enganar todas as pessoas por algum tempo, enganar algumas pessoas o tempo todo, mas não é possível enganar todas as pessoas o tempo todo".[78]

Nessa perspectiva, segundo Campos, o *marketing* religioso significa 80% de teologia e doutrina e 20% de retórica. A IURD, através de seus veículos de comunicação, oferece ao telespectador, leitor ou ouvinte, um espetáculo em que a salvação, objetivo de quem acredita em Deus, é oferecida como um produto que se adquire com facilidade em qualquer espaço e tempo. Basta querer. É preciso ouvir, mas é necessário pagar. Os meios de atração e manutenção de seus fiéis são o culto nos templos, o site, o jornal e a televisão.

Quando se fala em *marketing*, há de se ter em mente que não se trata apenas de venda de algum produto. *Marketing* implica técnicas e em conhecimento do mercado, do ponto de vista do cliente, das circunstâncias e dos fatores que podem influenciar direta ou indiretamente na aquisição ou não de determinado produto em oferta. O *marketing* pode inclusive criar a demanda, segundo Marcos Cobra:

> O marketing teria poderes mágicos de criar demanda para produtos ou serviços de baixo interesse social. Além disso, teria o condão de gerar necessidades nas pessoas por algo que elas efetivamente não necessitariam. Este é um enfoque místico que atribui ao marketing poderes que ele efetivamente não tem: criar demanda ou gerar necessidades.[79]

---

[76] JUSTINO, 1995, p. 102.
[77] CAMPOS, 1997, p. 212.
[78] CAMPOS, 1997, p. 237.
[79] COBRA, Marcos. *Marketing básico*: uma perspectiva brasileira. São Paulo: Atlas, 2000. p. 33.

Quando se afirma que a IURD está centrada nas necessidades e desejos das pessoas, isso significa que a proposta desta igreja não é algo precipitado ou impensado. Todo seu trabalho é resultado de uma elaboração meticulosa e detalhada; nada que acontece no seu dia a dia surpreende seus líderes que estão preparados para as eventualidades e têm uma visão ampla do contexto social de nossos dias. Desde a programação da Rede Record, passando pelos programas de rádio, o jornal, o site oficial, por sinal, muito bem elaborado e de agradável visita, até os cultos nas catedrais e nos lugares mais distantes com a decoração dos templos, a forma de vestir dos pastores e sua linguagem, tudo faz parte de um amplo projeto de *marketing*, resultado de estudos exaustivos do comportamento humano contemporâneo. Tal assunto já foi tema de pesquisas e debates nas faculdades de *marketing* e comunicações inúmeras vezes.[80]

A situação de caos da saúde pública no Brasil, sem dúvida alguma, foi levada em conta para se definir a cura como tema indispensável das campanhas e pregações. A situação econômica do país, não é privilégio do Brasil, com crises intermináveis e desemprego por todo lado, foi subsídio para elaboração da ênfase nas campanas de prosperidade e os problemas de relacionamento que campeiam na atualidade, afetando principalmente os relacionamentos familiares, são um "prato cheio" para se colocar a culpa de tudo nos demônios, o que justifica a necessidade "inadiável" da prática de exorcismo.[81]

O uso dos meios de comunicação de massa tem tudo a ver a proposta da igreja de alcançar multidões que lotem seus templos. Na verdade, a divulgação ampla do que a IURD tem a oferecer à população se assemelha à pratica de mercado frente à demanda. Como numa disputa pelos clientes com seus concorrentes, assim se comporta esta igreja em relação ao público, atraindo as pessoas sempre aos seus templos, onde todos os problemas advindos de uma

---

[80] CAMPOS, Leonildo S. A Igreja Universal do Reino de Deus: um empreendimento religioso atual e seus modos de expressão (Brasil, África e Euroupa). *Revista Lusotopie*, São Bernardo do Campo, 1999, p. 355-367, dez. 1997. Disponível em: <http://www.lusotopie.sciencespobordeaux.fr/campos99.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2010.

[81] FERRARI, Emmelle H.; GRAVIA, Paula A.; SILVA, Thaisa C.; GRAÇA, Valdete da. A cura pela fé. In: INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. *XVI Prêmio Expocom 2009*: Exposição da Pesquisa Experimental em Comunicação. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2009/expocom/EX16-0462-1.pdf >. Acesso em: 27 jul. 2010.

sociedade desigual e historicamente patrimonialista são, assim é vendido o produto, resolvidos.

2.3.3 Estilo de culto

É notório em qualquer lugar que se vá que os cultos da IURD conservam o mesmo estilo padronizado. O jeito de falar dos pastores parece treinado, as expressões e jargões usados, as palavras de ordem parecem aprendidas com o próprio Edir Macedo, um líder admirado e seguido com devoção por todos como um "santo homem de Deus". A ênfase de cada culto, conforme a agenda semanal, repete-se a cada dia como um roteiro a ser seguido inteiramente.

Ao contrário da liturgia protestante tradicional, na IURD, numa reunião de 90 minutos, não mais de dez minutos é o que dura a reflexão do texto bíblico, isto é, a pregação. A maior parte do tempo é dedicada aos cânticos, às orações, pedidos de ofertas, rituais de curas e exorcismo. As variações na maneira de conduzir o culto ficam a critério da criatividade dos pastores, que mais parecem animadores de palco e fazem de tudo para manter seu auditório atento e participativo. Alguns realizam peripécias muito espetaculares. Mário Justino, ex-pastor, diz que fazia coisas difíceis de imaginar nos seus tempos áureos em Salvador, afinal, dizia ele, "o povo gosta de pão e circo".[82]

Existem as chamadas campanhas, muito conhecidas entre as igrejas pentecostais mais tradicionais, reconhecidas como correntes, e são atividades que obedecem a um calendário semanal e fixo só excepcionalmente flexível, duram geralmente uma semana e sempre atingem todos os templos locais. Há campanhas para o ano todo. Assim que termina uma, começa outra. É possível ver nestas campanhas uma adaptação das novenas da Igreja Católica Romana. As pessoas que desejam participar das campanhas se comprometem a não faltar a nenhuma das reuniões e, além das ofertas pedidas a cada dia, recebem no primeiro dia um envelope a ser entregue com uma oferta especial no último dia para fechamento da campanha. Este é um dos maiores recursos de captação de recursos da IURD, por

---

[82] JUSTINO, 1995, p. 47.

causa do atrelamento entre a oferta apresentada e a conquista do milagre ou da bênção almejada.[83]

2.3.4 Visão de contexto da IURD

Ninguém pode negar que a IURD está muito consciente do contexto do mundo atual e atenta às necessidades e tendências das pessoas que pretende alcançar. É claro que isso não significa uma tomada de posição em defesa da IURD, mas sim uma constatação da eficácia do *marketing* religioso. A IURD tem se esforçado para encontrar e usar meios de alcançar as pessoas com sua mensagem. Vários caminhos têm sido usados.

2.3.4.1 Programas de televisão

Seus programas televisivos estão cada vez melhores e conseguem prender a atenção das pessoas de modo criativo, agradável e interessante. Não é preciso entrar no mérito da questão do uso exacerbado do *marketing* para se reconhecer que nenhuma outra igreja faz um trabalho de grande alcance como a IURD através da televisão, exceto R. R. Soares. Ao observar o programa *Fala que eu te escuto*, na madrugada do dia 19 de maio de 2010, fica-se impressionado com a proposta do programa: demonstrar para as pessoas que existe alguém disposto a ouvi-las. Há um público imenso que passa madrugadas sem dormir com preocupações financeiras, esperando os filhos que ainda não voltaram das ruas, em leitos de hospitais ou com outros tantos problemas que tiram o sono de alguém. Sabe-se que o número de pessoas que enfrentam problemas e solidão na madrugada é incalculável. O programa *Fale conosco* é um fator que permite alcançar uma multidão de pessoas carentes de atenção.

Este programa, com certeza, penetra em muitos lares como uma coisa muito bem-vinda. Quem não deseja ouvir uma palavra de conforto numa hora dessas?! A forma como foi iniciado o programa prende a atenção de qualquer pai e mãe que tem filhos jovens ou adolescentes, pois mostra a situação que pode ocorrer em qualquer família pelo envolvimento de seus filhos com as drogas. Também na página do site da IURD há um link que oferece às pessoas o e-mail da

---

[83] FERRARI, 2009, p. 4-5.

“arcauniversal” e um número telefônico para atendimento imediato, de gente de todo o Brasil, por pastores que podem dar aconselhamento e orientação. A igreja, dessa forma, demonstra percepção e disponibilidade em atender essas pessoas carentes, mesmo que seja apenas pelo telefone, quem sabe, muitas delas participantes de alguma igreja histórica. O programa traz sempre um belo testemunho de alguém que foi muito abençoado, faz o desafio de fá na “Fogueira Santa de Israel”, na “Fé por um Sonho” e conclui com uma oração intimista e “fervorosa”. A transição para o programa seguinte é quase imperceptível: o trailer de um filme conduz o telespectador ao programa *Ponto de luz*, outro programa da IURD que tem o mesmo objetivo. Durante os programas, uma legenda vai mostrando o endereço das Igrejas em vários lugares pelo Brasil afora.

2.3.4.2 Jornal A Folha Universal

Este é o órgão oficial da IURD, cuja edição nacional da última semana de setembro de 2009 chegou a 3.500.000 exemplares. É um instrumento de atração de fiéis para a IURD, de circulação semanal, impresso pela editora da própria igreja (que também publica livros e revistas evangélicas). A linha editorial é centrada em engrandecer a IURD, além de abordar temas atuais com artigos e matérias bem elaborados e com boa diagramação, manchetes ilustradas com fotos de qualidade. Traz artigos de utilidade pública, notícias, esportes, política, etc. As notícias dos trabalhos da igreja e os testemunhos são os maiores destaques. Este jornal é distribuído de graça nas portas das igrejas ou pelas ruas pelos obreiros, que usam este artifício para divulgar a igreja e convidar as pessoas para os cultos. Também é distribuído em hospitais e em outros lugares públicos. Tem grande penetração.

2.3.4.3 Pastor online

Trata-se de mais uma estratégia de comunicação e *marketing* utilizada pela IURD para atrair novos fiéis, bastando acessar o site da Arcauniversal para conhecer o maior portal evangélico da América Latina e o mundo “iurdiano” através da tela do computador, visualizando os apelos típicos de salvação e chamados para a igreja. É um site muito bem elaborado, no qual os interessados podem adquirir bíblias, CDs, DVDs, livros e outros materiais na loja virtual, a *Arcacenter*. Consta neste espaço sempre artigos e mensagens atualizadas sobre os mais variados temas. No entanto,

o pastor *online* é algo muito bem vindo para os internautas que vagam madrugada adentro. A quantidade de pessoas que navegam na internet procurando algo para ver ou procurando alguém para conversar é imensa. Um pastor à disposição para tirar dúvidas a respeito da vida e da religião, dar conselhos e orientação é estrategicamente oportuno. Ao mesmo tempo, o internauta pode acessar a rádio web e ouvir músicas e mensagens. Tem também um canal de vídeos com mensagens dos bispos.

2.3.4.4 Aleluia FM/Rádio Record

A Rede Aleluia FM está em todo o Brasil. A programação é de qualidade musical muito alta. O estilo é muito parecido com as demais rádios evangélicas FM. Na faixa AM, a programação ao vivo é uma das principais características e é um tipo de comunicação muito atraente, pois, no instante em que sintoniza um programa, o pastor tenta de alguma forma convertê-lo, mostrando todas as vantagens de se fazer parte da IURD. O público-alvo são pessoas com dificuldades ou algum tipo de problema, de classe média baixa que procuram de alguma forma tornar a vida mais fácil de ser aceita. Os programas são construídos conforme a direção dos diretores que visam alcançar um número cada vez maior de pessoas. Existe todo um esquema organizativo para que a participação dos ouvintes seja compartilhada ao vivo, sem que possa haver coisas inesperadas. O objetivo da IURD com todo esse investimento que cresce a cada ano está fundamentado em um único ponto: alcançar cada vez a população em todos os cantos do país, pelos meios de comunicação de massa.

Quando Edir Macedo diz que sua igreja é um “pronto socorro”, parece que esta é claramente sua intenção: uma igreja disponível para atender as pessoas que a procurem a qualquer hora do dia ou da noite, um verdadeiro “pronto atendimento espiritual”, ocupando um vácuo imenso que as demais igrejas não tiveram percepção para atentar. É nestas madrugadas que ocorrem inúmeras cenas de violência e suicídios. Claro que se trata de uma perspectiva diferente de outras igrejas, principalmente das históricas. No entanto, alguns aspectos destas práticas, com certeza, são compartilhados também por membros das igrejas históricas.

2.4 A teologia da IURD

Os principais teólogos da IURD são João Vasconcelos Cabral, doutor em Ciência da Religião, e Edir Macedo, que apresenta títulos de doutorado em Teologia, Filosofia Cristã e Divindade. Macedo é o maior escritor, com 34 títulos que já venderam 10 milhões de cópias, segundo informações do próprio site oficial da igreja, Arcauniversal. Se isso é procedente ou não, é difícil saber. A IURD não apresenta uma teologia sistematizada. Mesmo com inúmeros livros editados sobre assuntos teológicos, parece que teologia como um discurso sistematizado e coerente com determinada lógica não é importante para seus líderes. Campos interpreta assim:

> A IURD, ao contrário do que alguns pensam, possui uma teologia e tem mecanismos apropriados para inculcar essa teologia nas novas gerações de fiéis e pastores. Porém não se trata de uma teologia sistematizada, tal como aquelas elaboradas por grupos religiosos já secularmente institucionalizados. Por outro lado ela possui, como toda a reflexão pentecostal, um ranço antiintelectualista muito forte. Macedo propõe uma teologia antiteológica.[84]

Para Edir Macedo, "a teologia emerge dos ritos, cânticos, sermões e estudos... religião é algo diabólico".[85] Ele se diz um especialista em demônios, daí a ênfase da igreja no exorcismo, um dos três pilares básicos da igreja: cura, exorcismo e prosperidade. A teologia da IURD é pragmática, com uma forte ênfase no "aqui e agora", sem perspectiva escatológica. Bonfatt, citando Macedo, descreve o seu conceito de salvação: "Deus planeja que o homem seja próspero, saudável e feliz e, se não viver dessa forma, está indo contra os planos de Deus, isto é, estará à mercê do diabo".[86] A soteriologia é imanente à prática, é a tomada de posse e o gozo dos bens deste mundo, pois o ser humano vive num caos provocado pela presença de forças satânicas.

A IURD prega uma religião apropriada para excluídos e pessoas inseguras, geralmente revoltadas, desenganadas, mas que ainda não perderam toda a esperança. Prega o advento de uma utopia terrena, inserida no interior de uma sociedade centrada num mercado excludente e pouco interessado na inclusão dos "sobrantes". É um convite para que as pessoas passem da teologia da resignação à

---

[84] CAMPOS, 1997, p. 364.
[85] CAMPOS, 1997, p. 328.
[86] BONFATTI, 2000, p. 79.

teologia da prosperidade, que não se conformem com a pobreza e que lutem para sair dela. Sua pregação é direcionada às pessoas pobres, excluídas do processo de produção, desempregadas ou subempregadas, pessoas doentes e afastadas do sistema público de saúde, pessoas solitárias e tristes, idosos e deprimidos, mas também empresários falidos ou endividados. Seriam aqueles a quem Jesus chamava de "ovelhas sem pastor". A estas pessoas, é direcionada uma forte mensagem de apelo que soa como a solução: "pare de sofrer!"

2.4.1 A tríade cura, exorcismo e prosperidade

A teologia da IURD está baseada nesta tríade: cura, exorcismo e prosperidade. Para Bonfatti, sendo a igreja intimamente ligada aos aspectos da matriz religiosa e ao sincretismo religioso brasileiro, infere-se que esta tríade, ou o sentido que ela proporciona para seus fiéis, esteja sintonizada com as expectativas coletivas de nossa sociedade. Assim, o sentido dado pela tríade não trata de uma escolha de algo que faça sentido para as pessoas, mas da única possibilidade de sentido. É assim que a IURD está se destacando: pela sua facilidade de assimilar e coagular em torno de si tudo aquilo que faz sentido, a partir daquilo que é já existente na sociedade brasileira. Com uma dinâmica entre matriz (étnica e religiosa) e sincretismo religioso brasileiro, a IURD consegue captar através das ações propagandísticas o espírito de grande parte do povo brasileiro. A fórmula típica da IURD, afirma Bonfatti:

> É criar condições que proporcionam uma existência simbolicamente coerente de uma tríade, assimila elementos lógica e aparentemente contraditórios, mas ao mesmo tempo sintonizados com uma religiosidade e sincretismo brasileiros, [...] desta forma cria em torno de si o efeito esponja, que absorve as inúmeras vertentes da religiosidade brasileira que granjearam popularidades no país, coadunando aspectos pré-modernos e modernos que compõem o *ethos* identidário brasileiro.[87]

Mesmo com pouco tempo de existência, na análise de Bonfatti, a IURD possui um trabalho missionário forte e facilidade de se adaptar de acordo com necessidades do local da cultura do país em que se instala. A assimilação da unidade simbólica proporciona maior percepção da ação do fiel dentro da IURD a

[87] BONFATTI, 2000, p. 60.

partir de seus próprios referenciais pessoalmente assimilados pela matriz e pelo sincretismo religioso.

2.4.1.1 A cura

A identificação da população mais carente com as igrejas neopentecostais que prometem cura divina é imediata. Sociólogos diriam que este fato é decorrente das falhas no sistema público de saúde, que as pessoas estão à procura de soluções viáveis para seu sofrimento. No entanto, o que ocorre nessas igrejas, especialmente na IURD, ultrapassa o que seria de solução simplesmente clínica ou de tratamento médico. Há pessoas que procuram curas para seus males do dia a dia desde dores de cabeça ou dores nas costas até câncer, AIDS ou deficiências físicas. Não se pode negar, embora os mais céticos o façam, nem tanto pela evidência, mas pela perspectiva de mundo, que acontecem verdadeiros milagres nestas circunstâncias, pois muitos são amplamente documentados. O teólogo da IURD, João Cabral, tem sua explicação teológica:

> Cremos que Deus usa a medicina, com suas técnicas e métodos para curar as pessoas. Sabemos que nosso Criador usa também pessoas a quem transmite o dom de curar, que a cura divina pode se dar pela oração individual ou na comunidade da fé por intermédio das orações, súplicas, etc.[88]

A exigência fundamental para que a pessoa receba a cura, é claro, além de aceitar os desafios (dar ofertas à igreja) é que ela creia, que não duvide em nenhum momento do poder atribuído a Jesus. Para isso, na intenção de evitar que os pastores tenham primazia nas ações, existe um a forte caráter de indiferenciação. Trata-se de uma institucionalização da cura e do milagre. É dada sempre uma forte ênfase na ideia de quem cura é Jesus e somente Jesus. O pastor é somente um facilitador.

Edir Macedo prega que nenhum filho de Deus pode adoecer, pois todos foram criados saudáveis. Doença não vem de Deus e sim do diabo. Cristo, na cruz, derrotou todos os poderes malignos. Ocorre a doença quando a pessoa dá lugar ao diabo em sua vida (falta de fé) ou a doença é apenas uma ilusão da pessoa que pensa que está doente, tem o diagnóstico da doença, mas, na verdade, não está

---

[88] CABRAL, J. *Nova Era e velhas mentiras*. Rio de Janeiro: Universal, 1995. p. 15.

doente. Impossível esta pessoa não ser curada. Basta ela ser exorcizada, pois toda doença é resultado de ação demoníaca, para então fazer uma viagem para dentro de si mesma e vencer a ilusão da própria mente.

A interpretação dos pesquisadores sobre a IURD é de que não existe um olhar sobre a realidade que mostre que todas as doenças são resultado não somente de problemas existenciais da alma humana, mas também das estruturas sociais:

> O neo-pentecostalismo se distingue de outros ramos mais tradicionais do pentecostalismo, que concebem a doença como um castigo ou uma prova de Deus [...] Apesar das diferenças, o pentecostalismo e o neo-pentecostalismo ignoram o contexto como um dos fatores que gera a doença. Não há questionamento das condições precárias de vida como gerador de doenças. A compreensão das causas da enfermidade não traça relações com a enfermidade da sociedade. As doenças caem dos céus, como aviso, ou são provocadas por demônios. No segundo caso, a responsabilidade recai sobre os demônios.[89]

A ênfase nas curas aponta para uma tendência de valorização do corpo pela IURD, diferentemente de outras religiões que relegam o corpo humano a uma condição secundária como prisão da alma. O próprio jornal oficial da IURD traz uma coluna sobre cuidados com a pele, dicas de maquilagem, dicas de alimentação e saúde, etc. O mesmo pode ser encontrado no site oficial da igreja, que dá importância aos cuidados com o corpo.

2.4.1.2 O exorcismo

Já é uma coisa normal de se ver em todas as igrejas neopentecostais a prática do exorcismo nos seus cultos. No entanto, na IURD existe uma centralidade e uma importância fundamental o exorcismo. Satanás e seus demônios são a causa de tudo que impede a felicidade das pessoas, desde problemas familiares, doenças, desemprego, pobreza, depressão e qualquer outro problema. Ele pode estar, segundo a teologia da IURD, em todos os lugares, seja nas entidades do culto afro-brasileiro, nas pessoas que estão com problemas e até debaixo dos bancos da igreja na hora do culto. Vivem em briga com Deus pela possessão das pessoas. A ênfase nos demônios é tão grande que na IURD se gasta mais tempo falando dele do que falando de Jesus. Na hora do culto, as pessoas são convidadas para ir à

[89] ZWETSCH, Roberto E; BOBSIN, Oneide (Orgs.). *Prática cristã*: Novos Rumos. São Leopoldo, Sinodal/IEPG, 1999. p. 186.

frente para que sejam exorcizados os demônios de suas vidas, e os pastores os desafiam a se manifestarem para que sejam expulsos. Não raras vezes os pastores entrevistam os demônios, fazem pilhérias sobre eles, colocam-nos de castigo num canto do templo para depois expulsá-los dos corpos das pessoas que estão usando. Toda a igreja ajuda o pastor no exorcismo gritando em coro: “sai, sai, sai!” e cantando música que declaram a derrota do inimigo.

Alguns estudiosos veem nesta prática um significado terapêutico muito interessante. Enquanto o pastor faz no palco toda a encenação de exorcismo, ele sugere que as pessoas nos seus lugares coloquem as mãos sobre suas próprias cabeças, como em um autoexorcismo dos demônios que atormentam suas vidas, entendendo que alguma coisa as oprime e faz enfrentar lutas e problemas. Ao final do exorcismo, quando os demônios são expulsos, a multidão irrompe em aplausos: o bem triunfou mais uma vez sobre o mal! Mário Justino narra que este é um momento de glória, quando o pastor se sente poderoso para vencer o diabo, a figura do herói. Há uma sensação de alívio e de esperança nas pessoas.[90]

Nas pregações de Edir Macedo e nos seus livros, é comum encontrar a expressão: “tudo que há de ruim é provocado pelos demônios”. Daí a importância da prática do exorcismo. Edir Macedo se diz um especialista em demônios e chama para si grande autoridade quando ensina a seus pastores como lidar com eles. É dele a afirmação: “eu tenho poder sobre todos os demônios, e também sobre o diabo, porque Jesus me concedeu”.[91]

Esta centralidade do exorcismo na IURD é defendida com a seguinte argumentação: Cristo passou mais tempo expulsando demônios do que pregando. Edir Macedo assim defendeu esta prática: “o próprio Cristo, segundo os evangelhos, passou mais tempo expulsando demônios e curando miraculosamente as pessoas do que pregando sermões ou distribuindo comida para os pobres”.[92]

Um aspecto que não pode ser desconsiderado nesta teologia do exorcismo é a delegação de responsabilidade de todo mal a satanás e seus demônios. Ao se atribuir a eles a culpa de tudo que acontece de errado, isenta-se a pessoa de sua culpa, o que afeta diretamente o conceito de pecado e a necessidade de

---

[90] JUSTINO, 1995, p. 74.
[91] MACEDO, Edir. *Orixás, caboclos e guias*. Rio de Janeiro: Universal, 2002. p. 10.
[92] MACEDO, 2002, p. 20.

arrependimento, que, percebe-se, não é tema de pregação da IURD. Toda culpa é do diabo? Há implicações teológicas neste sentido e em outros, os quais os teólogos da igreja não demonstram interesse em explicar. É uma teologia que deixa vários vácuos sem resposta.

2.4.1.3 A prosperidade

Edir Macedo prega que temos Deus como um pai amoroso e rico quer ver seus filhos sadios, prósperos e ricos. Prega que a pobreza é demoníaca e que quem "vive fora dessa dimensão está fora do propósito divino e necessita descobri-lo urgentemente".[93] A base teológica da IURD é a conhecida Teologia da Prosperidade, a ênfase está na confissão positiva e fé possuidora. "Tomar posse" é uma expressão muito comum nas pregações de seus pastores.

A IURD prega que o fiel nunca desanime diante de Deus, pelo contrário, deve saber pedir a Deus, pois Ele, segundo Macedo, "é obrigado a lhe dar tudo que você deseja, pois o cristão está destinado a ser próspero, ser materialmente saudável, feliz e vitorioso em todos os seus empreendimentos terrenos".[94] A doutrina da IURD, através das pregações, estimula a capacidade que o ser humano tem de superar as dificuldades, sobretudo as financeiras.

A Teologia da Prosperidade tem uma relação direta com o novo estágio socioeconômico da sociedade ocidental: o consumismo. Toda a pregação da prosperidade acaba por alimentar os sonhos de consumo, tendência própria da pós-modernidade, passando a visão de que a bênção da prosperidade é alcançar uma condição que possibilite consumir, adquirir coisas, ter um alto padrão de vida.[95] Não se questiona a razão que está por trás dos sonhos consumistas dos fiéis. O que importa é ostentar. Este é o testemunho mais valorizado nos momentos de culto e programas de televisão, para despertar, nos outros, o mesmo desejo. Talvez porque assim o fiel poderá vir a ter condições de contribuir mais para a igreja. Como nos programas de incentivo de *marketing* de rede: "nunca se conforme! Queira mais!" Com a competição religiosa e o pluralismo religioso, segundo Hervieu-Léger, o cliente além de querer ser especial, quer suas necessidades satisfeitas e essas

---

[93] MACEDO, Edir. *Vida com abundância*. 12. ed. Rio de Janeiro: Universal, 1993. p. 56.
[94] MACEDO, 1993, p. 78.
[95] É o que Jair F. Costa chama *pauperização psicológica*, isto é, o sujeito na sociedade de consumo nunca está satisfeito. COSTA, 2004, p. 139.

características contemporâneas de consumismo levam a religião para uma contínua evolução no processo de secularização.[96]

A Teologia da Prosperidade é um dos pilares da IURD. "O dinheiro é o sangue da igreja"[97] é uma expressão muito ouvida nas reuniões de pastores, segundo Justino. Quando exerceu o pastorado na Bahia, ele se orgulhava de ser um dos campeões em arrancar dinheiro do povo. Os que eram bons neste trabalho eram mais valorizados e recebiam melhores salários, comissões e outras regalias.[98] Quando o pastor convencia as pessoas que dando dinheiro para a igreja elas seriam mais prósperas, então, movidas pela ambição de enriquecer, muitos entregam até o que não possuem, como se faz numa grande aposta. Este fenômeno foi muito comum no início dos trabalhos da IURD na Europa, onde muita gente, frustrada com a economia e alimentando seus sonhos de enriquecer, aceitaram esta proposta da igreja à semelhança de quem joga na loteria.[99]

Ninguém é obrigado a nada, apenas a pagar o dízimo, a contribuir e assim satisfazer as suas necessidades físicas, emocionais, e também simbólicas (religiosas). Manter essa situação é reflexo de um poder que está sendo alcançado. Uma coisa que escandaliza os evangélicos tradicionais é a forma como os pastores da IURD ensinam as pessoas a exigir de Deus, até mesmo em uma atitude de coagir, que os abençoe, pois que "pagaram o dízimo" e têm direito à bênção, já que Ele prometeu e terá de cumprir. Edir Macedo afirma:

> Quando pagamos o dízimo a Deus, Ele fica na obrigação (porque prometeu) de cumprir sua palavra, repreendendo espíritos devoradores, que desgraçam a vida do homem, atuando nas doenças, nos acidentes, nos vícios, na degradação social, e em todos os setores da atividade humana, fazendo que o homem sofra eternamente.[100]

O dinheiro perde o referencial exclusivamente monetário. Por ser difícil de ser conquistado, a dedicação do dinheiro adquiriu um sentido de sacrifício. A ideia de sacrifício foi tirada do Antigo Testamento, a partir da narrativa de Abrão, que foi chamado por Deus a oferecer seu único filho, Isaque, em sacrifício. Como ele foi fiel, Deus confirmou todas as promessas de prosperidade que tinha feito a ele. O

---

96 HERVIEU-LÉGER *apud* MARIANO, 1996, p. 62.
97 MACEDO, 2000, p. 101-102.
98 JUSTINO, 1995, p. 45.
99 JUSTINO, 1995, p. 50.
100 MACEDO, 1992, p. 79.

sacrifício agora é a oferta. O dízimo simboliza fidelidade como parte do cumprimento de uma aliança com Deus. Não pagar o dízimo é quebrar este pacto, roubar a Deus e abrir brechas para o diabo na vida do fiel. O episódio de Jacó à beira do Jaboque indica para os pastores da IURD que é necessário brigar com Deus, isso em um sentido positivo (Gn 32.22-32). Assim como Jacó brigou com Deus e foi abençoado, também as pessoas precisam brigar com Deus. E a briga se dá nos desafios feitos nos cultos. A imagem de Jacó saindo, literalmente, no braço com o anjo poderia escandalizar aqueles que acreditam em uma forma de espiritualidade pela introspecção ou pela racionalização.

Uma estatística por amostragem apresentada por Leonildo Campos, em seu livro *Teatro, templo e mercado*, mostra que 37,5% dos iurdianos entregam o dízimo e mais da metade destes dão, além dos dízimos, outras ofertas.[101] O mais interessante é que eles demonstram uma enorme satisfação e orgulho em poder contribuir com a instituição. No ato de contribuir, está sempre presente uma crença na reciprocidade. Os dízimos e ofertas têm um papel de barganha na visão dos que dão. Quando a pessoa contribui, Deus é que fica devendo e deve ser cobrado, conforme as palavras de Edir Macedo. Trata-se de um direito que deve ser cobrado de Deus, principalmente a partir do momento em que o fiel passa a pagar o dízimo, como explica:

> Comece hoje, agora mesmo, a cobrar d'Ele tudo aquilo que Ele tem prometido [...] O ditado popular de que 'promessa é dívida' se aplica também para Deus. Tudo aquilo que Ele promete na sua palavra é uma dívida que tem para com você [...] dar dízimo é candidatar-se a receber bênçãos sem medida, de acordo com o que a Bíblia [...] Quem é que tem o direito de provar de Deus, de cobrar d'Ele aquilo que prometeu? O dizimista! [...] Conhecemos muitos homens famosos que provaram a Deus no respeito ao dízimo e se transformaram em grandes milionários como o Sr. Colgate, o Sr. Ford e o Sr. Caterpillar.[102]

Nas capitais e nas grandes cidades, a IURD constrói templos suntuosos e modernos. Esta ostentação visa enfatizar e justificar seu discurso de prosperidade e harmonia entre a retórica Igreja x capital. Nessa relação, a IURD procura deixar bem claro e sem rodeios que o dinheiro elabora e consolida a imagem de sucesso e de

---

[101] CAMPOS, 1997, p. 257.

[102] SOUZA, Etiene C. B.; MAGALHÃES, Marionilde D. B. Os pentecostais: entre a fé e a política. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 22, n. 43, p. 85-105, 2002.

poder. Pelo ambiente interno de um dos templos da IURD é possível entender a mensagem da igreja.

2.4.2 Os símbolos e o templo

Os símbolos têm um lugar de destaque na IURD. São usados largamente nos cultos com significados de ligação com o sagrado. Fala-se em "Fogueira Santa de Israel", "Pedras Trazidas do Rio Jordão", "Pedras Trazidas das Minas do Rei Salomão", "Água do Rio Jordão" e "Azeite do Monte das Oliveiras". Um dos símbolos mais difundidos e aceitos pelos fiéis é a "Rosa Ungida" que representa o próprio Jesus, a Rosa de Saron.

Edir Macedo argumenta que os símbolos são muito importantes para a comunicação da mensagem, estão muito presentes na Bíblia, e cita o momento em que Jesus curou um cego usando argila e cuspe, como exemplo do uso de símbolos pelo próprio Jesus. À IURD não interessa ser uma igreja eletrônica, à qual os fiéis acompanhem de casa. Tudo está centralizado no templo. Ali as pessoas entregam seus dízimos e ofertas.

O templo é o lugar sagrado, a referência da cura. Entrar no templo significa entrar em contato com a energia positiva que pode curar. O templo é a "morada do sagrado" e muitos fiéis associam sua cura ao simples fato de "entrar na igreja". Os pastores fazem questão de alimentar este conceito, pois a frequência das pessoas ao templo é o meio pelo qual se arrecadam as ofertas e dízimos. Um convite distribuído numa região de São Paulo dizia: "venham à Igreja Universal, lá você encontrará uma poltrona energizada esperando por você".[103]

Para dar ao templo este sentido de lugar sagrado, os pastores procuram fazer uma ligação significativa entre o templo e Israel, especialmente nas campanhas. "É no templo que acontece a oração forte", oração "energizada", é o local da "aliança energética com Jesus".[104] Não existe, como nas igrejas evangélicas tradicionais, o conceito de igreja como povo, pelo contrário, quando se refere à igreja, a ideia está associada ao templo, ao local, onde, segundo a pregação dos pastores, opera o "Espírito da criação. Para concretizar esta idéia, há uma

---

[103] IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS. Prospecto.
[104] CAMPOS, 1997, p. 134.

preparação do templo com símbolos usados no culto, de maneira que a pessoa se sinta à vontade, em contato com muitos símbolos que lhe são familiares".[105]

A simbologia usada pela IURD é de efeito sincrético. Ao usar símbolos que outras religiões também usam como sal grosso, água ungida, etc, esta igreja está se apropriando da referência popular que atribui poder aos elementos simbólicos. Com isso, cria um ambiente confortável aqueles oriundos do catolicismo, acostumados com a "água benta", e para os que vêm do candomblé e umbanda, acostumados com o uso do "sal grosso" nos seus rituais. Além disso, é notório que o povo brasileiro está acostumado, na sua prática sincrética popular, a usar símbolos que dão sorte, afastam mau-olhado, e assim por diante. O uso de símbolos populares é uma estratégia intencional da IURD de atrair a população comum, focando justamente naquilo que está arraigado na sua cultura e nas suas fantasias. O efeito simbólico é explorado de forma conveniente para se atingir os objetivos de crescimento quantitativo e as metas de arrecadação financeira, aparentemente o objetivo mais importante.

2.4.3 A salvação

O conceito de salvação da IURD é de libertação das drogas, dos problemas, doenças e opressão do diabo.[106] Edir Macedo apresenta 10 passos que devem ser dados para levar os sinceros à salvação.[107] O ser humano colabora para manter a salvação, frequentando os cultos da IURD e entregando os dízimos. O fiel pode perder a salvação se não fizer sua parte. Estão ausentes nessa teologia os conceitos de regeneração, justificação, perdão de pecados, adoção e reconciliação que são os aspectos centrais da salvação na teologia das igrejas históricas. A ênfase da IURD está nos aspectos materiais da salvação. Bonfatti, citando Macedo, descreve o seu conceito de salvação: "Deus planeja que o homem seja próspero, saudável e feliz e, se não viver dessa forma, está indo contra os planos de Deus, isto é, estará à mercê do diabo".[108] A soteriologia é imanente e prática, é a tomada de posse e o gozo dos bens deste mundo, pois o ser humano vive num caos provocado pela presença de forças satânicas.

---

[105] CAMPOS, 1997, p. 134.
[106] MACEDO, 2001, p. 17.
[107] MACEDO, 2001, p. 17-24.
[108] BONFATTI, 2000, p. 79.

3 A CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA

A Igreja Batista é considerada uma igreja evangélica, uma igreja protestante histórica. Tem sua história marcada por perseguições e desventuras sociais que, em muitos momentos, obrigaram-na à emigração forçada. Não existe um único grupo que seja considerado oficialmente batista. Há muitos os grupos que se veem sob o guarda chuva daquela teologia e organização denominada batista. A comunhão dos batistas se manifesta especialmente quando acontecem as assembleias convencionais, congressos e intercâmbios entre as igrejas para troca de experiências e aproximação. Os visitantes são recebidos nas casas dos crentes locais, com carinho que é retribuído quando do pagamento do intercâmbio, em data posterior. Além disso, pode proporcionar boas oportunidades de encontros sociais. Geralmente, um intercâmbio é agendado com ida e vinda, como foi o caso da Primeira Igreja Batista em Cobilândia que realizou intercâmbio com a Igreja Batista em Sooretama, no Estado do Espírito Santo, em 2009.[109] Batistas de qualquer parte se identificam como uma família em qualquer lugar onde se encontrem, geralmente são hospitaleiros, o que, infelizmente já ocasionou situações desagradáveis e decepcionantes de pessoas mal intencionadas que se infiltraram para usar da boa fé dos irmãos e realizar roubos. A prática social de hospitalidade tem fundamentação na Escritura (1Pe 4.7-11). Ultimamente é preciso um cuidado maior ao se hospedar pessoas nas casas.

3.1 O que é uma Igreja Batista

Definir uma igreja batista do ponto de vista doutrinário ou pela forma de culto já não é uma tarefa das mais fáceis. Há uma variedade de batistas no Brasil que se agregam em várias convenções diferentes, algumas delas com influência pentecostal, outras, mais fundamentalistas, porém, sem abrir mão da identidade que se denomina a partir dos “Princípios Batistas”. Pode ocorrer, por exemplo, que, um “batista tradicional” em viagem, resolva visitar uma “Igreja Batista” que encontre em outra cidade e, em lá chegando, seja surpreendido participando de um culto de estilo mais parecido com Assembléia de Deus. Ao perguntar em que igreja se está, alguém lhe dirá com certeza: “você está numa igreja Batista!” É claro que esta é uma

[109] PRIMEIRA IGREJA BATISTA DE COBILÂNDIA/ESPÍRITO SANTO. *Ata n. 325*, 15 abr. 2009. Ata de Assembléia Geral.

dificuldade que traz dúvidas para aquelas pessoas que ainda não conhecem a estrutura denominacional e suas diferenças, e se veem confusas quando têm de lidar com algumas doutrinas conflitantes, geralmente em torno da interpretação quanto aos episódios extáticos. No entanto, a identidade batista é bastante forte, apesar disso. Para clareza quanto a este trabalho acadêmico, tomamos como referência a Convenção Batista Brasileira,[110] que tem sido reconhecida historicamente como uma igreja tradicional. Vale lembrar que, mesmo que essas "denominações batistas" defendam doutrinas ou costumes diferentes, salvo algumas exceções, todas são aceitas e arroladas na Aliança Batista Mundial, da qual se fará menção adiante. Parece que apenas o nome de Batistas já é em si mesmo um fator de união e aproximação. Mas, o que é uma Igreja Batista? Ebenézer Soares Ferreira apresenta a seguinte definição de Igreja Batista:

> 1. É uma congregação local, composta de membros regenerados e batizados, que, voluntariamente, se reúnem, sob as leis de Cristo, e procuram estender o Reino de Deus não só em suas vidas, mas nas de outros;
> 2. Cristo é o cabeça e seu único chefe supremo;
> 3. Em matéria de fé e prática, a igreja se subordina unicamente às Santas Escrituras;
> 4. Uma igreja é absoltamente livre e independente, não se sujeitando hierarquicamente, ou de qualquer outra forma, a nenhuma organização denominacional;
> 5. Uma igreja batista é completamente competente para dirigir seus próprios atos e ações de acordo com os ensinos de Cristo;
> 6. O governo da igreja é democrático. Cabe à congregação julgar os seus próprios atos;
> 7. A igreja é essencialmente separada do Estado, em virtude de seu caráter e de suas funções espirituais;
> 8. Todos os membros possuem direitos e privilégios iguais;
> 9. Cada cristão é o seu próprio sacerdote;
> 10. Cada cristão tem completa liberdade de consciência;
> 11. Uma igreja batista não possui sacramentos, mas aceita o batismo e a ceia como "ordenanças";
> 12. O pastor e os diáconos, como oficiais bíblicos, não têm autoridade sobre a igreja, a não ser aquela da sua vida moral ilibada. Eles são servos dela.[111]

A igreja batista é uma das mais respeitadas igrejas tradicionais do Brasil em seus mais de cem anos de história. Considerada uma "Igreja de Missão" pela sua origem, é uma igreja que surgiu a partir do trabalho de missionários norte-americanos, os quais implantaram aqui, um modelo de igreja com muitas

---

[110] NUNES, Jone. *As manifestações pentecostais nas Igrejas Batistas*: uma questão de identidade. Monografia (Especialização em Teologia) – Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2001. p. 11-14.

[111] FERREIRA, Ebenézer S. *Manual da igreja e do obreiro*. 2. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1981. p. 27.

características próprias de suas origens e que no decorrer dos anos passaram por uma série de adaptações ao contexto brasileiro. Alguns costumes ainda persistem, como por exemplo, a Escola Bíblica Dominical, o uso de ternos pelos pregadores e o estilo musical, principalmente pelo uso do "Cantor Cristão", um hinário com maioria de hinos traduzidos das igrejas batistas do Sul dos Estados Unidos.

Desde os primórdios de sua história em nosso país, a denominação enfrentou resistências, assim como os demais segmentos do protestantismo de missão (Igreja Metodista, Presbiteriana e Congregacional). Isso se explica, entre outros motivos, por conta da religiosidade sincrética que predominava no Brasil na época, com influências indígenas, portuguesas e africanas. Rituais de magia, feitiçaria e cultos à natureza faziam parte de religiosidades diversas em meio à cultura brasileira. Até mesmo o catolicismo lusitano, quando da sua consolidação no Brasil, tolerou, e por vezes teria incorporado crenças e práticas antagônicas ao cristianismo e até mesmo pagãs.

Quando o protestantismo tentou se estabelecer no país, pregando uma religiosidade tradicionalista, de padrões culturais norte-americanos, com uma ética bem definida a respeito do trabalho e do lazer e com o imperativo da exclusiva adoração a Jesus, encontrou estranhamento e hostilidade. Para estes cristãos, que apresentavam "rigidez doutrinária e fundamentalismo bíblico",[112] os elementos da matriz religiosa brasileira representavam paganismo, fetichismo, idolatria e superstição. Dessa forma, ao converter-se ao cristianismo, adotava-se uma moral estranha à realidade local. No entanto, mesmo com todas as adversidades encontradas no passado, a igreja protestante conseguiu manter-se, tornar-se relevante no cenário brasileiro e alcançar uma notável expansão. A realidade atual se mostra bem diferente, a conversão de alguém a uma igreja evangélica é algo perfeitamente natural.

A igreja batista faz do evangelismo uma bandeira, e é assim que tem alcançado, no Brasil, um crescimento claramente perceptível nos dados do IBGE, conforme comenta Pierucci:

> Até meados do século XX, o luteranismo era o maior dos ramos protestantes brasileiros denominados históricos. Tinham perto de

[112] BITTENCOURT, José. *Novos movimentos religiosos na igreja e na sociedade*. São Paulo: Ave Maria, 1996.

> quinhentos mil fiéis em 1961 e em 1967, as contas já chegavam a oitocentos mil. Em 1991, quando o IBGE elaborou um ranking das dez maiores igrejas evangélicas, o luteranismo, já na marca de 1.029.679 fiéis, aparecia, contudo, em segundo lugar, entre os protestantes históricos, deslocado já do primeiro posto por conta de um expressivo crescimento dos batistas, que no censo de 1991, já passavam de 1,5 milhão de seguidores.[113]

No censo de 2000, o IBGE relatou que os batistas eram 3.162.691, enquanto todos os evangélicos de missão somavam cerca de 6.939.765, do total de 26.184.941 de evangélicos de um modo geral. Os batistas cresceram numericamente mais de 100% de 1991 a 2000, e a maioria absoluta dos seus fiéis está concentrada nos centros urbanos.[114]

De acordo com a pesquisa da Fundação Getúlio Vargas (dados de 2003) e DataFolha (2007), em dezembro de 2009 os evangélicos somaram 49,8 milhões no Brasil, 25,4% de um total de 196,5 milhões de brasileiros e brasileiros.[115]

Em 1791, um jovem pastor inglês chamado William Carey decidiu iniciar, com o apoio de vários pastores, um movimento para o envio de missionário para a Índia. Assim foi criada a Sociedade de Missões no Estrangeiro, que tem tido uma participação muito grande na expansão da obra batista na Ásia e África, além de outros continentes e inclusive no Brasil. Também os batistas norte-americanos foram incentivados a evangelizar outros lugares fora do continente.

O casal de missionários Adoniram e Ana Judson, enviados em 1812 pela Igreja Congregacional para realizarem missão na Índia, foi convencido pelo pastor William Ward de que o batismo era uma necessidade para adultos. O mesmo fato aconteceu com outro missionário congregacional, também enviado a Índia, Luther Rice, que igualmente foi batizado, tornando-se batista. Eles decidiram que Adoniram Judson permaneceria no Oriente e Luther Raice voltaria aos Estados Unidos para mobilizar os batistas para a obra missionária em outros lugares. Seu trabalho vingou e, em maio de 1814, foi funda uma Convenção em Filadélfia com o nome de *Convenção Geral da Denominação Batista nos Estados Unidos para Missões no*

---

[113] PIERUCCI, 2004, p. 23.

[114] INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. *Dados do Censo de 2000*. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/primeiros_resultados_amostra/brasil/pdf/tabela_1_1_2.pdf 04/06/2010>. Acesso em: 21 jul. 2010.

[115] Informações obtidas no Website DESTRA FIEL. Disponível em: <http://www.destrafiel.com.br/2010/01/o-crescimento-da-igreja-evangelica-no.html>. Acesso em: 25 jul. 2010.

Estrangeiro. A partir daí, a obra missionária dos batistas iniciou um gigantesco crescimento, chegando inclusive, através dos batistas do Sul dos Estados Unidos, ao Brasil, onde foi organizada, no dia 15 outubro de 1882, a Primeira Igreja Batista para Brasileiros e, deste trabalho, surgiu a Convenção Batista Brasileira, que depois se tornaria uma das maiores agências missionárias denominacionais do mundo, através da sua Junta de Missões Mundiais.[116] Hoje os Batistas estão presentes em cerca de 200 países e representam uma população próxima a quarenta milhões de membros, atingindo cerca de cem milhões de pessoas no mundo inteiro.[117]

3.2 Origem e história dos batistas

Um livro publicado em 1931, em forma de romance dramático, de autoria de J. M. Carroll, chamado *O rasto de sangue*,[118] tornou-se um verdadeiro devocional para os apaixonados pela denominação batista. Nesse livro, a história dos batistas é tratada como uma verdadeira "epopeia de fé", narrando inúmeras perseguições que através dos séculos teria sofrido este povo que sobrevivera por um verdadeiro milagre de Deus, como prova de que é, de fato, o "povo de Deus". Segundo esta narrativa, a Igreja Batista teria sido fundada pelo próprio Senhor Jesus Cristo, e apesar de só se identificar com o nome de batista no século XVII, era o mesmo grupo desde o início, com as mesmas características, porém, com nomes diferentes. O número de mortos em tantas perseguições religiosas chegaria a cinquenta milhões de fiéis e o autor chegou a traçar um mapa da história dessa igreja através dos séculos, pontilhando os momentos históricos de maior mortandade. Infelizmente, seus dados não podem ser todos comprovados historicamente, o que releva este livro à condição de mero romance. Vê-se que a narrativa a respeito das próprias origens fica comprometida com uma metanarrativa que busca dar sentido ante as perseguições.

---

[116] A primeira experiência de Santa Bárbara, em 1971, foi constituída de colonos norte-americanos. A primeira Igreja Batista para Brasileiros foi fundada na Bahia, em Salvador, no ano de 1882. TOGNINI, Enéas; ALMEIDA, Silas L. *História dos batistas nacionais*. Brasília: Lerban, 2007. p. 31.

[117] Segundo informações de Marcelo Dutra, no portal UOL, a respeito dos batistas, a própria CBB, no último censo da denominação, realizado em 1995, encontrou um número aproximado de 873.319 membros. A estimativa atual é de 1 milhão de fiéis. DUTRA, Marcelo. A história dos batistas. *Bíblia World Net*: Igrejas, Portal UOL. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/bibliaworld/igreja/historia/batista.htm>. Acesso em: 3 ago. 2010.

[118] CARROLL, J. M. *O Rasto de Sangue*. Disponível em: <http://www.scribd.com/doc/20170126/O-Rasto-de-Sangue-J-M-Carroll>. Acesso em: 3 ago. 2010.

O respeitado professor de História dos Batistas do Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, José dos Reis Pereira, escreveu um livro, publicado em 1972 sob o título *Breve história dos batistas*, em que esboça três teorias sobre a origem dos batistas:

> A primeira teoria é a chamada teoria "JJJ: Jerusalém, Jordão, João". Esta teoria foi esposada por historiadores como Thomas Crosby, que escreveu entre 1738 e 1740 uma "História dos Batistas Ingleses", em quatro volumes. Outro historiador, G. H. Orchard, escreveu em 1885 uma "História Concisa dos Batistas Estrangeiros" defendendo a mesma idéia. Perfilhou o mesmo ponto de vista J. M. Cramp, professor na Nova Escócia, que publicou em 1868 uma "História dos Batistas: desde os princípios até o fim do Século XVIII" e John T. Christian, professor do Instituto Bíblico, hoje, Seminário de New Orleans, que escreveu, em 1922, "Uma História dos Batistas" [...] A teoria do parentesco espiritual com os anabatistas do século XVI foi defendida por David Benedict, que publicou em 1848 uma "História Geral da Denominação Batista na América e outras artes do mundo"; por Richard Cook, que publicou, 1884, uma "História dos Batistas em todos os tempos e países"; por Thomas Armitage, que publicou uma "História dos Batistas", em 1889. O grande historiador batista Albert Henry Newman concorda com essa teoria na sua "História do Antipedobatismo", publicada em 1897, o mesmo acontecendo com o famoso iniciador do Cristianismo Social, o pastor e professor Walter Rauschenbusch. A terceira teoria afirma que os batistas se originaram dos separatistas ingleses, especialmente aqueles que eram congregacionais na eclesiologia e insistiam na necessidade do batismo somente de regenerados. Advogam esta teoria o notável teólogo Augustus Hopkins Strong e o historiador Henry C. Veder, professor do Seminário Teológico Crozer, na Pensilvânia, de 1894 a 1927. Em sua "Breve História dos Batistas", publicada em 1907, Veder declara que, depois de 1610 temos uma sucessão ininterrupta de igrejas batistas estabelecidas com provas documentais indubitáveis.[119]

A primeira é uma teoria que carece de embasamento histórico sequencial, motivo pelo qual tem sido rejeitada pelos estudiosos. A segunda teoria é aquela pela qual os batistas tiveram sua origem nos "Anabatistas". Segundo esta teoria, os batistas seriam um grupo que se tornara um pouco mais flexível nas posições radicais que caracterizavam os anabatistas, porém, conservando alguns princípios que ainda hoje são preservados pelas igrejas atuais. Apesar de muita gente pensar que esta é a melhor teoria, ela também tem sido rejeitada pelos estudiosos da história dos batistas. O radicalismo e extremismo, marca registrada dos anabatistas, nunca foi uma característica dos batistas e este é um ponto decisivo para rejeição desta teoria.[120] Seja como for, os batistas são "um povo que vem de longe, com

---

[119] PEREIRA, 1981, p. 7-8.

[120] Ernst Bloch, ao tratar de Thomas Münzer, elogia justamente a violência dos camponeses como uma característica positiva da Revolução Camponesa desencadeada pelos seguidores das propostas religiosas de Lutero, que depois descambou em agressões ao próprio Lutero, tachado de traidor. Essa violência parece ser motivo para muitos grupos batistas não quererem ver neles a

muitos nomes, de muitas perseguições, de muitas lutas, mas construindo uma bela história de fé, de doutrina e de princípios".[121]

A performatividade narrativa dos grupos batistas busca identificá-los com o Povo de Deus na Bíblia. Creem em Deus como Pai, Santo, Justo, Criador, e Sustentador de todas as coisas. Creem no Deus Filho, Jesus Cristo, Salvador e Senhor de suas vidas e almas e no Deus Espírito Santo, o Consolador que guia em tudo quanto Jesus ensinou.[122]

A terceira teoria acerca da origem da Igreja Batista é a mais aceita. Segundo ela, os Batistas existem desde 1611, quando Thomas Helwys, de volta da Holanda, onde se refugiara da perseguição do rei James I da Inglaterra, organizou com os que voltaram com ele uma igreja em Spitalfields, arredores de Londres. Thomas Helwys, advogado e estudioso da Bíblia, ao escrever, em 1612, um livro intitulado *Uma breve declaração sobre o mistério da iniquidade*,[123] foi preso e morreu na prisão, em 1615, aos 40 anos. No referido livro, ele escreveu aquilo que é um dos mais caros princípios batistas, o principio da liberdade religiosa e de consciência: "a religião do homem está entre Deus e ele: o rei não tem que responder por ela e nem pode o rei ser juiz entre Deus e o homem. Que haja, pois, heréticos, turcos ou judeus, ou outros mais, não cabe ao poder terreno puni-los de maneira nenhuma".[124] Não obstante nenhuma das três teorias identificarem o povo batista como ligado aos grupos da reforma protestante, o mesmo quase sempre é reconhecido como tal, em razão das ideias defendidas.

As igrejas batistas adotam a forma de governo congregacional democrático. São Igrejas autônomas e locais. Relacionam-se umas com as outras da mesma fé e ordem de forma cooperativa e por laços fraternais. Creem na conversão pessoal de cada crente a Jesus Cristo, no exercício de sua responsabilidade individual e que cada pessoa é aceita pela Igreja por batismo por imersão e mediante confissão da sua fé em Jesus Cristo como salvador pessoal. Portanto, não aceitam e nem

---

gênese da Igreja Batista. BLOCH, Ernst. *Thomas Müntzer*: teólogo da revolução. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973.

[121] PEREIRA, 1981, p. 5-6.

[122] PEREIRA, 1972, p. 6.

[123] HELWYS, Thomas. Declaration of faith of English people remaining in Amsterdam in Holland. 1611, não paginado. Trabalho microfilmado. *Apud* OLIVEIRA, Zaqueu Moreira de. O Berço do Movimento Batista. Disponível em: <http://www.isaltino.com.br/doctos/art76.pdf>. Acesso em: 3 jul. 2010. p. 1.

[124] PEREIRA, 1972, p. 8.

praticam o batismo infantil. Realizam seus objetivos comuns pela cooperação voluntária, na forma de associação de Igrejas ou de convenções, como é o caso da Convenção Batista Brasileira.

3.3 Aliança Batista Mundial

No início do século XX, os batistas se organizaram mundialmente. Em 1905, aconteceu em Londres o primeiro Congresso Batista Internacional, presidido pelo grande exegeta inglês Alexander Maclarem e, ao finalizarem esse congresso, foi organizada a Aliança Batista Mundial, que escolheu para seu primeiro presidente o pastor inglês John Clifford (1836-1923). Reis Pereira assim se refere ao evento:

> No início do século 20 os batistas já eram suficientemente numerosos para pensar numa reunião de família batista mundial. De vários líderes da Inglaterra e dos Estados Unidos surgiu uma idéia da criação de um organismo internacional em que se representassem as organizações batistas do mundo inteiro e que fosse um instrumento de congraçamento, de estudo e de projeção da voz batista no mundo.[125]

De 1995 a 2000, o presidente da Aliança Batista Mundial foi o pastor Nilson do Amaral Fanini (1932-2009), também foi presidente da CBB por quatorze vezes. No seu mandato, Fanini fez uma visita ao Papa. Este gesto ecumênico provocou muita crítica e reação dos batistas mais radicais e fundamentalistas. A visão ecumênica da Aliança Batista Mundial não é compartilhada pela maioria dos batistas brasileiros, que demonstram resistência à aproximação com outros grupos de cristãos.

3.5 Os batistas no Brasil

Em 1882, foi organizada a Primeira Igreja Batista do Brasil, uma igreja de caráter missionário por adesão e evangelização do tipo conversionista. Nesse tempo, já existiam duas outras igrejas batistas organizadas por imigrantes norte-americanos residentes na região de Santa Bárbara e Americana, no Estado de São Paulo. Estas igrejas existiam apenas para atender aos americanos. Por esta razão, não foram consideradas igrejas brasileiras, no sentido lato da palavra.[126]

---

[125] PEREIRA, 1972, p. 110.

[126] Jone Nunes diz que os batistas norte-americanos possuíam uma teologia calvinista e um estilo de vida puritano, além de uma eclesiologia *landmarquista*, isto é, uma perspectiva radical que via no

Os casais de missionários batistas norte-americanos recém-chegados ao Brasil, Willian Buck Bagby e Anne Luther Bagby – os pioneiros – e Zacharias Clay Taylor e Kate Stevens Crawford Taylor, auxiliados pelo ex-padre Antônio Teixeira de Albuquerque, convertido e batizado em Santa Bárbara, decidiram iniciar sua missão na cidade de Salvador, Bahia, então com aproximadamente 250.000 habitantes.[127] Chegaram no dia 31 de agosto de 1882, e, no dia 15 de outubro, organizaram a primeira igreja de batistas brasileiros com cinco membros, os dois casais de missionárias e o ex-padre Antônio Teixeira. Nos primeiros vinte e cinco anos de trabalho, Bagby e Taylor, auxiliados por outros missionários e por um número crescente de brasileiros, evangelistas e pastores, já tinham organizado 83 igrejas em vários Estados, com aproximadamente 4.200 membros.

Em 1907, na data de 22 de junho, foi organizada a Convenção Batista Brasileira, na cidade de Salvador, quando transcorreriam os primeiros 25 anos do início do trabalho batista brasileiro, também começado na referida cidade. No dia aprazado, no Casarão do Aljube, onde funcionava a Primeira Igreja Batista de Salvador, em sessão solene, foi realizada a primeira assembleia da convenção, composta de 43 mensageiros enviados por igrejas e organizações.

Criada a Convenção, foi eleita sua primeira diretoria na seguinte ordem: Presidente: Francisco Fulgêncio Soren; 1º Vice-Presidente: Joaquim Fernandes Lessa; 2º Vice-Presidente: João Borges da Rocha; 1º Secretário: Teodoro Rodrigues Teixeira; 2º Secretário: Manuel I. Sampaio; Tesoureiro: Zacharias Taylor. A motivação básica da criação da Convenção foi a preocupação com a missão. Falava-se na ação missionária em Portugal, no Chile e na África. Foram criadas, além das duas Juntas Missionárias, Missões Nacionais e Missões Estrangeiras (hoje Missões Mundiais), outras juntas: para a Casa Publicadora Batista, para Escola Bíblica Dominical, para União de Mocidade Batista, para Educação e Seminário, e para a Administração do Seminário; ao todo, sete Juntas. As áreas de Missões, Educação Religiosa e Publicações, Educação Teológica e Educação foram as que receberam maior atenção dos convencionais.[128] Missões nacionais e mundiais deram muito ânimo às pessoas congregadas em torno daquele projeto batista

próprio grupo o único que herdava verdadeiramente a tradição da igreja bíblica do Novo Testamento. NUNES, 2001, p. 10.

[127] TOGNINI; ALMEIDA, 2007. p. 26.

[128] NUNES, 2001, p. 13.

brasileiro, e a obra se expandiu por todo o território pátrio e se espalhou pelo mundo, como se pode ver hoje.

3.6 A Convenção como um fator de convergência e de união

É a Convenção que define o padrão doutrinário e unifica o esforço cooperativo dos batistas do Brasil. Unidos em torno da doutrinas baseadas na Bíblia e na missão, as 7.000 igrejas cooperantes ampliam seu raio de ação, inclusive pela organização de centenas de igrejas de tempos em tempos. A Convenção tem encontrado na cooperação dos pastores e leigos, homens e mulheres, fundamento coerente para organizar seus planos estratégicos. Talvez o que exista de mais forte na denominação batista seja o *espírito cooperativo*, motivado e alimentado a cada Convenção, que coloca diante das igrejas de forma realçada, os objetivos do serviço cristão, lembrando permanentemente a missão de pregar o Evangelho até os confins da terra. A obra missionária realizada no Brasil e no mundo é fruto dessa cooperação e desse serviço realizados no espírito cooperativo. As igrejas cooperam com a expansão do Evangelho fornecendo vocacionados para a obra e participando do seu sustento através de adoção ou de ofertas especiais que são levantadas em grandes campanhas anuais, designadas e encaminhadas às "Juntas" que administram os programas de expansão.[129] Além disso, as igrejas assumem o compromisso de sustentar espiritualmente os missionários, intercedendo por eles em oração e os acompanhando nas suas necessidades. As juntas se encarregam de manter as igrejas informadas sobre os trabalhos e a vidas de seus missionários, fazendo assim um trabalho de intermediação para fortalecer a cooperação. Tudo isso é possível e tão valorizado pelo fato de haver grande transparência no que diz respeitos aos assuntos financeiros em todas as áreas de atuação da denominação. Os fiéis sabem sempre no que estão sendo aplicados seus dízimos e suas ofertas.

A Convenção Batista Brasileira conta com as convenções estaduais que desenvolvem os trabalhos nos seus campos com os mesmos princípios e visão. Assim como acontece a nível nacional, cada convenção estadual realiza assembleias anuais para tratar de assuntos administrativos e doutrinários, bem como ouvir relatórios e eleger sua diretoria. No estado de Espírito Santo, são hoje

[129] As Juntas são departamentos missionários que funcionam cooperativamente na intenção de tornar o trabalho de missão mais ágil e eficaz. NUNES, 2001, p. 13.

cerca de 70 mil batistas, 450 igrejas autônomas e 211 congregações.[130] Para facilitar a relação e a cooperação entre as igrejas, as convenções estaduais organizam associações regionais de igrejas, que também realizam assembleias anuais e promovem congressos, programas de evangelismo e treinamento das lideranças.[131]

3.7 Plano cooperativo

Se uma das marcas que mais identificam o povo batista é a cooperação, isso é facilmente perceptível quando se trata do sustento financeiro da estrutura denominacional. Não há nenhum sistema de coerção ou subordinação por parte da liderança, nem há posição de autoridade das Convenções sobre as igrejas e, ainda assim, o compromisso do plano cooperativo funciona. É um plano votado em assembleias da CBB, pelo qual as igrejas cooperaram para o sustento do trabalho denominacional com um percentual dos dízimos recolhidos nas igrejas locais, o equivalente a 10%, que passou a ser chamado de "dízimo dos dízimos". Tal contribuição é enviada à Convenção Estadual. Esta, por sua vez, ao aprovar seu orçamento, decide enviar um percentual à CBB,[132] que direciona recursos para as diversas organizações filiadas, como entre outras, União Feminina Missionária, União de Homens Batistas, Seminários, Juntas Missionárias e também envia uma contribuição mensal para a Aliança Batista Mundial. Não há obrigatoriedade, todo repasse é feito motivado pela cooperação, inclusive as ofertas missionárias que são levantadas nas igrejas nas campanhas missionárias, as quais são repassadas integralmente. Embora os planos orçamentários sejam todos cumpridos, nem sempre as igrejas permanecem fiéis. Por isso, foram criados alguns mecanismos para manutenção do sistema. A Convenção faz convênios para apoiar trabalhos missionários que algumas igrejas iniciaram. Porém, só com igrejas participantes no Plano Cooperativo. Também nas assembleias convencionais, os pastores de igrejas "inadimplentes" ficam impedidos de concorrer à eleição da diretoria, bem como das juntas administrativas, mas não são impedidos de se inscreverem para as assembleias anuais, quando são tratados os assuntos relevantes às igrejas. Tais

---

[130] Informações de acordo com o Site da CONVENÇÃO Batista Brasileira. Disponível em: <http://www.batistas.com>. Acesso em: 2 ago. 2010.

[131] Na região metropolitana da Grande Vitória, existem quatro associações batistas, sendo a maior delas a Associação Batista Vilavelhense, ASSOBAV, que congrega cerca de cinquenta igrejas e doze congregações. CONVENÇÃO, 2010.

[132] A Convenção Batista do Estado do Espírito Santo envia cerca de 40% de suas entradas do Plano Cooperativo à Convenção Batista Brasileira. CONVENÇÃO, 2010.

medidas não ferem o espírito democrático da responsabilidade assumida nas Convenções.

3.8 Principais características batistas

A Convenção Batista Brasileira é administrada por um Conselho Geral, que se renova em 1/5 de sua composição anualmente. O Conselho Geral agrupa, além do grupo eleito em assembleia que o compõe, representantes de todas as organizações afiliadas, as quais prestam seus relatórios a este Conselho no interregno das assembleias convencionais. Todas as organizações têm estatutos e regimentos internos que não podem contrariar o estatuto maior, o da Convenção. A transparência é uma exigência fiscalizada sempre pelo Conselho Fiscal, eleito pela assembleia da Convenção, à qual presta relatórios anualmente.

Assim como as igrejas locais que a integram, a CBB se rege por estritos padrões democráticos, com ênfase na descentralização decisória e na alternância do poder. O Conselho Geral é o órgão responsável pelo planejamento, a coordenação e o acompanhamento dos programas da CBB e de suas organizações.[133] A Assembleia Geral da CBB tem poderes para intervir nas organizações filhas, porém não o tem em relação às igrejas, considerando a autonomia da igreja local. A CBB se caracteriza pelos seguintes princípios:

- Liberdade religiosa;
- Governo democrático;
- Estrutura congregacional;
- Ação cooperativa;
- Visão missionária;
- Fidelidade bíblica;
- Padrão doutrinário;
- Responsabilidade social.[134]

Os batistas fazem parte do grupo de igrejas chamadas “históricas” pelas suas características tradicionais, sendo também, muitas vezes, tratados como protestantes, muito embora não se reconheça sua origem na Reforma Protestante.

---

[133] CONVENÇÃO, 2010.
[134] CONVENÇÃO, 2010.

Há um corpo de doutrinas comum às igrejas históricas, exceto em relação aos grupos pentecostais e neopentecostais. A Declaração Doutrinária Batista, a Declaração dos Princípios Batistas e o Pacto das Igrejas Batistas[135] formam um conjunto de documentos muito importantes para a identidade confessional da instituição.[136]

3.9 Principais doutrinas batistas

As doutrinas da CBB se identificam na tradição maior dos batistas que veem na Bíblia sua fonte legítima de inspiração, na salvação proclamada por ela como tarefa irrecusável para todas as pessoas que desejam seguir o caminho de Jesus a Jerusalém, realizando sua ordenança de pregar e batizar todas as pessoas que aceitarem seu chamado. Estes aspectos principais subordinam os demais, que têm sua efetivação a partir do sacerdócio universal de todos os crentes.

3.9.1 A Bíblia

A Bíblia é para os batistas a "única regra de fé e prática".[137] Isto é extremamente importante, pois se crê que tal coisa seja significativa, pois a autoridade da Palavra de Deus não pode ser questionada por nenhuma outra autoridade, nem mesmo pela tradição. Não significa necessariamente fundamentalismo ou literalismo bíblico, pois os batistas também creem na "livre interpretação das Escrituras", ou seja, o Espírito que as inspirou também ilumina os crentes na sua interpretação. Existe uma dinâmica entre a perspectiva exegética gerada durante a história dos batistas e a liberdade de cada crente ser iluminado pelo Espírito Santo sem, com isso, deixar de haver submissão a certos princípios irredutíveis ao arbítrio pessoal. A Bíblia é interpretada a partir daquele ponto exegético do qual falava Martinho Lutero, ou seja, um texto não deve ser

---

[135] Estes documentos podem ser conferidos em CONVENÇÃO, 2010, ou nos anexos ao presente trabalho.

[136] Como dito antes, os batistas têm dificuldade em reconhecer uma figura histórica como fundadora daquela estrutura que ficaria conhecida como Igreja Batista. Reconhecem, sim, tradições que estariam na base das fundamentações da teologia e da eclesiologia batista como, por exemplo: o espírito cooperativo, o congregacionalismo, o batismo somente de adultos, etc. NUNES, 2001, p. 10.

[137] ALONSO, Leandro S. *Poder e experiência religiosa*: uma história de um cisma pentecostal na Convenção Batista Brasileira na década de 1960. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2008.

interpretado isoladamente, mas à luz do contexto e de outros textos bíblicos que possam esclarecê-lo melhor.[138] Há uma preocupação de responsabilidade com a hermenêutica e com a fidelidade ao texto original. Por isso, os seminários procuram dar uma boa base aos candidatos ao ministério pastoral para que tenham recursos e condições para a realização de pesquisas exegéticas e a busca da melhor interpretação para a pregação da Palavra.

3.9.2 A salvação

Os batistas creem na "salvação pela graça". Ainda que haja grupos de batistas calvinistas, a maioria, conhecidos como batistas gerais, seguem o arminianismo, isto é, interpretam que a morte de Jesus foi por todos, a salvação é possível a qualquer pessoa que crer e não apenas para os eleitos, como teria ensinado Calvino.[139] Baseado nesta convicção, os batistas investem na pregação, no evangelismo e na obra missionária, para que "todo o mundo" possa conhecer a Cristo e ter oportunidade de arrependimento para a salvação. A salvação não se conquista por merecimento e obras, nem se perde, pois seu preço foi pago pela suficiência do sacrifício de Jesus na Cruz.[140]

3.9.3 O Batismo e a Ceia do Senhor

O batismo e a Ceia do Senhor são considerados duas ordenanças de Jesus à Igreja. O Batismo é a forma de ingresso numa igreja batista. Somente os que são considerados convertidos[141] podem realizar sua "profissão de fé" perante a igreja para serem aceitos como membros, após serem batizados por imersão. Os que são batizados em uma igreja batista, ao se mudarem para outra cidade, são recebidos na igreja local por carta de transferência, solicitada de uma igreja a outra da mesma fé e ordem. As igrejas batistas não trocam cartas de transferência de membros com igrejas de outras denominações e tradicionalmente, isso é relativo, costumam rebatizar todos que desejam se tornar batistas, não importa se já tenham sido

---

[138] SCHÜLER, Arno. Lutero e o Método Hermenêutico. *Igreja Luterana*, v. 37, p. 28-29, 1977. p. 23.
[139] CALVINO, João. *As institutas da religião cristã*, v. 3. São Paulo: Cultura Cristã, 2006. p. 37-46.
[140] SOUZA, Edilson Soares de. Os anais da Convenção Batista Brasileira e a política no Brasil. *Via Teológica*, Curitiba, v. 2, n. 14, p. 41-56, 2006. p. 45.
[141] CONVENÇÃO Batista Brasileira. Anais da 55ª Assembléia, Recife, 24 a 31 de Janeiro de 1973. Rio de Janeiro: JECBB, 1973. p. 47.

batizados em outra igreja,[142] mesmo por imersão. No entanto, essa concepção já não é mais um ponto tão rígido, pois não se crê que o batismo seja imprescindível à salvação, pois, acima de qualquer coisa, espera-se que a pessoa tem fé em Jesus como salvador único e suficiente.[143] Quanto à Ceia, é memorial e simbólica. A maioria das igrejas batistas a celebram de forma restrita, ou seja, podem participar os membros da igreja local e são convidados os membros de outras igrejas da mesma fé e ordem, isto é, batistas.[144] No entanto, há igrejas que praticam a Ceia livre. A autonomia da igreja local proporciona essa liberdade.

3.9.4 O Sacerdócio Universal dos crentes

O crente batista é seu próprio sacerdote, não precisa confessar pecados a outra pessoa. Não precisa de outro mediador na sua relação com Deus além de Jesus Cristo (2Tm 2.15). Ele tem acesso a Deus desde o momento da morte vicária de Jesus na cruz, quando o véu do templo se rasgou de alto a baixo, significando que as barreiras entre Deus e os seres humanos caíram e o crente pode chegar à presença de Deus através de Jesus Cristo, o sumo sacerdote.

3.9.5 A autonomia da igreja local

Quando uma igreja batista é organizada, ela se torna independente da igreja-mãe, adquirindo autonomia na sua administração e sustento. O sistema é congregacional e as igrejas cooperam entre si e se arrolam à convenção por decisão própria. A autonomia da igreja local é uma marca dos batistas, que veem este modelo nas igrejas neotestamentárias.[145] A autonomia da igreja local implica em

---

[142] Hoje em dia, muitas igrejas batistas reconhecem o batismo de alguém que fora batizado por imersão, após conversão, em outra denominação e deseja se tornar membro. Dá-se o nome de "Recepção por declaração de fé" ou "Aclamação".

[143] Como em toda e qualquer denominação, existe uma variação na rigorosidade quanto a estes aspectos que têm no contexto espaço-geográfico sua relativização, isto é, a coisa muda e varia conforme a região e a percepção do grupo reunido como Igreja Batista. O batismo de adultos é fundamental para a teologia batista, porém, não existe nenhuma barreira imposta ao fato de que seja a fé o único e imprescindível critério último à salvação. SPURGEON, C. H. *Tudo pela graça*: palavra apaixonada àqueles que buscam a salvação por meio do Senhor Jesus Cristo. Rio de Janeiro: CPB, 1962.

[144] Segundo o *Manual da Igreja e do Obreiro*, existem três maneiras de se celebrar a Ceia entre os evangélicos: a Ceia Livre, em que os crentes de qualquer denominação ou grupo podem participar; a Ceia Restrita, esta é servida apenas aos membros da mesma denominação e, por sua vez, a Ceia Ultra Restrita, na qual só participam os membros da igreja local. FERREIRA, 1981, p. 82.

[145] FERREIRA, 1981, p. 84.

responsabilidade de administrar questões da igreja quanto à disciplina dos membros, administração e aplicação de recursos financeiros provenientes de dízimos e ofertas, bem como escolha e convite ou exoneração de seus pastores, que também prestam serviço pastoral à igreja como autônimos.

3.10 Os batistas e a educação

A educação é uma marca visível do povo batista. Sua paixão pelo estudo da Bíblia desenvolveu o interesse pela educação religiosa, cultivada nas igrejas através das organizações de treinamento. Os templos se tornaram verdadeiros complexos educacionais. Com a educação religiosa veio a educação teológica, inicialmente através de aulas dadas pelos missionários em suas casas, depois surgiram os Seminários: Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil, organizado na cidade do Recife, em Pernambuco, por Salomão Ginsburg, no dia 1 de abril de 1902, e o Seminário Teológico Batista do Sul, fundado pelo missionário John Watson Shepard, na cidade do Rio de Janeiro, em 1908. Estes dois Seminários, junto com outros, formam agregados de ensino teológico espalhados por todo o país, com milhares de alunos.

A educação chamada de geral, ou secular, teve a mesma origem: o desejo de abrir oportunidades para o estudo da juventude e de criar uma escola com capacidade para exercer influência sobre a sociedade brasileira. O Colégio Taylor Egídio, fundado em Salvador pela senhora Laura Taylor e pelo Capitão Egídio Pereira de Almeida, foi o primeiro a vingar. Em 1922, ele foi transferido para a cidade de Jaguaquara, também na Bahia, onde existe até hoje. Depois dele, e por causa dele, vieram o Colégio Batista Brasileiro de São Paulo; Colégio Americano Batista do Recife; Instituto Batista Industrial, em Corrente, no Piauí; Colégio Americano Batista, em Vitória; Colégio Batista Shepard, no Rio de Janeiro; Colégio Batista Alagoano, em Alagoas; Colégio Batista Fluminense, em Campos, Estado do Rio de Janeiro; Colégio Batista Mineiro, em Belo Horizonte. Além destes colégios, dezenas de outros foram organizados com a ajuda dos missionários ou por iniciativa de igrejas, Convenções Estaduais e de particulares batistas. A contribuição dos batistas na área educacional é realmente notável, considerando tanto a qualidade quanto a quantidade. Hoje, perto de dois milhões de brasileiros já passaram pelas escolas batistas.

Os batistas fizeram o primeiro Programa Evangélico de TV no Brasil, ainda hoje distribuído pela Net, TVA, Sky e DirecTV. Com o Pastor Fanini, em 5 de outubro de 1975, foi criado o Programa Reencontro, na TV Rio Canal 13, passando depois para a Rede Tupi Canal 6 e, finalmente, na Rede Brasil Canal 2, no qual continua até hoje a ser exibido aos sábados pela manhã. Em 26 de março de 1988, a Fundação Igreja Evangélica Ebenézer recebeu, em concessão, a TV Rio Canal 13 (a primeira concessão de canal de televisão dada a uma entidade religiosa no Brasil). No entanto, mesmo com muitos esforços, não foi possível mantê-la. A tentativa de salvação da emissora não deu certo e, em 1992, a TV Rio foi vendida à Rede Record de Televisão, passando a chamar-se TV Record Rio de Janeiro, hoje pertencente à IURD. Outro programa que mereceu destaque foi o dirigido pelo falecido pastor Rubens Lopes e transmitido por muitos anos pela TV Gazeta de São Paulo, chamado *Um pouco de sol*.[146]

Há várias igrejas que mantêm canais de TV Web, nos quais transmitem seus cultos e vídeos durante a semana. No entanto, são iniciativas das igrejas locais com melhores condições e recursos, e não da denominação. Esta é uma dificuldade resultante da autonomia e soberania da igreja local. A Internet tem sido usada cada vez mais pelas igrejas seja apenas com sites ou com rádio Web ou TV Web.

A Convenção Batista Brasileira manteve por muito tempo uma estrutura para apoiar as igrejas que tivessem interesse em atuar nessa área: A Junta de Rádio e Televisão, JURATEL, na qual fazia a produção de programas de áudio e vídeo, videoclips e os filmes que eram usados para evangelismo em praças públicas. Houve uma época que essa Junta disponibilizava projetores de filmes que pregadores itinerantes usavam pelo interior do Brasil, além de dar cursos de oratória e apresentação de programas de rádio e televisão. Infelizmente, dificuldades financeiras inviabilizaram a manutenção dessa estrutura.

Por outro lado, os programas de rádio sempre foram muito usados pelos batistas. Ainda hoje são muito comuns nas cidades do interior do Brasil programas realizados pelas igrejas com programações diárias ou semanais nas emissoras locais. A figura pastoral tem um reconhecimento maior nas cidades do interior. O programa batista de rádio mais conhecido no Brasil é o programa *Escola bíblica do*

---

[146] LUZ para o caminho. Uma vida em duas páginas: a minha vida: Rubens Lopes (1914-1979). Disponível em: <http://www.luz.eti.br/rubenslopes.html>. Acesso em: 11 ago. 2010.

ar, do pastor Davi Gomes, que durante décadas foi ouvido em rádios por todo o Brasil.

4 CONTRIBUIÇÕES DA IURD À IGREJA BATISTA

Teologicamente, seria motivo de debates considerar que a IURD tivesse alguma contribuição a dar a qualquer igreja histórica. Essas igrejas construíram sua teologia através dos anos com muita discussão e amadurecimento. Como não pode superar a teologia tradicional, Edir Macedo se propõe a criticá-la. Suas doutrinas teoricamente imitam a doutrina das igrejas tradicionais. Sua prática, porém, mostra uma realidade bem diferente. Como modelo de igreja também não há o que aprender com a IURD. Onde está a comunhão? O crescimento espiritual dos crentes e o discipulado? É uma igreja que até mesmo questiona se é mesmo uma igreja ou apenas um "movimento religioso". Enfim, pode-se aprender com a IURD e ter um crescimento semelhante ao que ela experimenta? Aprender, sim. No entanto, o crescimento da IURD não é o crescimento que uma igreja como a CBB busca. Assim, uma igreja que conserve seus valores e características e não abra mão de seu compromisso com a integridade da tradição exegética de leitura da Palavra de Deus não vai alcançar nunca aquela parte da população que se interessa apenas por determinado tipo de pregação, especialmente os que vão atrás de prosperidade a qualquer custo. Por outro lado, reconhece-se que não se resume a questão assim tão simplesmente. Fugir da crítica feita pela própria realidade em que se efetiva o fenômeno iurdiano, qual seja, a realidade brasileira, que exige respostas mais efetivas, também não ajuda a entender a missão da igreja cristã se deslocada da prática de amor ao próximo.

4.1 Visão de contexto

A Igreja Batista pode aprender com a IURD a perceber o mundo ao seu redor. A tradição de uma igreja histórica, às vezes, funciona como um engessamento. Uma igreja precisa ser relevante ao mundo em que está inserida. Qual é a maior necessidade do público ao redor da igreja? O que as pessoas estão procurando ou de que as pessoas estão precisando? IURD procura conhecer as necessidades das pessoas para atraí-las com promessas de solução, usando desse artifício para mergulhar o máximo na realidade das pessoas que a procuram. Se uma igreja tradicional tiver conhecimento das necessidades das pessoas vai usar isto para ajudá-las, apropriando a mensagem ao seu contexto. É importante conhecer os anseios da população. A teologia de uma igreja que deseja responder

ao chamado missionário precisa ser prática, ou seja, responder efetivamente ao contexto.

4.2 Uso dos meios de comunicação de massa

Por que não usar os meios de comunicação de massa? A estratégia de evangelização dos batistas para o Brasil através de missões envolve um custo altíssimo, dinheiro que daria para pagar bons programas de televisão. No entanto, poucas vezes, vemos um pastor batista usando a televisão, ainda que alguns usem o rádio, especialmente nas cidades do interior. A igreja optou pelo tipo de propaganda "boca a boca" e incentiva seus membros a falarem bem de sua igreja a vizinhos e amigos. Quando a igreja atende bem às necessidades de seus membros isso acontece naturalmente. Segundo Júlia Silveira Araújo, os batistas têm alcançado um grande crescimento justamente pela escolha de sua estratégia:

> Uma das mais eficazes estratégias de comunicação da IBB é articular forma e conteúdo na propagação de suas diversas mensagens. Utilizando os termos do UPGA (Unilever Planning for Good Advertising — Plano Unilever para Boa Propaganda), pode-se dizer que a denominação tem sido bem sucedida tanto no que dizer quanto no como dizer, objetivando crescimento e coesão.[147]

A questão é: a igreja pode optar por um método de evangelismo mais agressivo, usando os meios de comunicação de massa, sem sacrificar o conteúdo de sua mensagem? Até aqui, os batistas não precisaram se transformar, dissolver-se em uma nova denominação, nem sacrificar preceitos básicos para crescer.

No entanto, não se pode negar que o trabalho da IURD, por exemplo, na televisão pela madrugada alcança uma grande parcela da população que está carente de ouvir uma palavra de alento e conforto. Talvez não haja outro meio de se chegar a essas pessoas, inclusive algumas enfermas que dificilmente saem de casa.

Considerando que os preços de horários na televisão de madrugada não devem ser tão altos como são durante o dia, os batistas poderiam fazer um excelente trabalho se fizessem esta opção. Seria um trabalho sério, levando a mensagem bíblica com integridade às pessoas carentes na madrugada.

---

[147] ARAÚJO, Júlia S. *Comunicação e contracultura religiosa: o crescimento da Igreja Batista no Brasil*. Trabalho apresentado ao Intercom Junior, na Divisão Temática de Interfaces Comunicacionais do XIV Congresso de Ciências de Comunicação da Região Sudeste, Rio de Janeiro, 7 e 9 de maio de 2009.

É possível aprender da IURD também a usar a literatura jornalística para chegar às pessoas. Não se pode medir o alcance e penetração do jornal *Folha Universal*. Quando alguém recebe um exemplar desse jornal na rua e o leva para casa ou para o trabalho, pelo menos quatro ou cinco pessoas mais irão lê-lo. Este é um recurso de mídia muito eficaz. Enquanto isso, os batistas fazem um jornal (*O Jornal Batista*) voltado apenas para o público interno. Houve um tempo em que os batistas usavam muito os folhetos para o evangelismo, mas depois ele caiu no esquecimento. Além do jornal, a IURD usa muito bem a revista *Plenitude*, que é distribuída nos hospitais aos enfermos e visitantes. Esses dois materiais são recursos que os batistas também poderiam usar.

4.3 Disponibilidade

Uma igreja que deixa as portas do templo abertas durante o dia não está necessariamente disponível para as pessoas. O templo aberto poderá representar uma oportunidade para quem quer fazer uma oração solitária. No entanto, aquelas pessoas que buscam uma palavra amiga, que precisam conversar com alguém, vão se sentir melhor até mesmo se for o zelador da igreja quem lhes dê um pouco de atenção. Isso se pode aprender com a IURD. Percebendo que uma grande quantidade de pessoas simplesmente perambula pelas ruas, a IURD tem sempre alguém para atender e conversar com quem procura seus templos. São os obreiros e as obreiras que fazem o trabalho de evangelismo. Os programas de rádio e televisão da IURD sempre oferecem às pessoas a oportunidade de ligar para falar sobre seus problemas. Um desses programas tem um nome altamente sugestivo *Fala que eu te escuto*. Também o site possui salas de bate-papo, em que o internauta tem oportunidade de buscar ajuda e conselhos a qualquer hora do dia ou da noite.[148]

Se aprendermos com a IURD e usarmos os recursos que temos, então alcançaremos muito mais pessoas que precisam ouvir o Evangelho. A Igreja Batista, com seu zelo pela integridade da mensagem bíblica, não tem nada a aprender com a pregação da IURD, muito pelo contrário, poderia contribuir para que a IURD melhorasse seu conteúdo. O modelo de igreja dos batistas tem suas limitações, a

[148] PROGRAMA Fala que eu te escuto. ArcaUniversal. Disponível em: <http://www3.arcauniversal.com.br/falaqueeuteescuto/principal.jsp>. Acesso em: 10 ago. 2010.

independência das congregações as deixa, por vezes, isoladas e sem recursos para expansão. No entanto, os batistas não abririam mão da autonomia da igreja local para ter um modelo de igreja centralizado, mesmo que isso representasse maiores investimentos na obra. A ênfase dos batistas na pregação da cruz é uma pregação desinteressada, motivada unicamente pelo amor às pessoas. Tudo que a igreja venha a arrecadar ou ganhar será consequência. O mais importante é a salvação de pecadores e a certeza da vida eterna experimentada aqui e agora, pois as matérias deste mundo são passageiras. Curas acontecem na igreja batista, prosperidade também. Se uma pessoa que se apresente em um *estado alterado de consciência* (considerado endemoninhado) vem à igreja batista, receberá tratamento e cuidado, o que não quer dizer que não passará pelo exorcismo. Porém, não será contada simplesmente como alguém despersonalizado.

O reconhecimento do sincretismo seria a melhor contribuição que a IURD poderia dar à CBB. Não como algo que faria parte do quadro doutrinal, mas em termos de reconhecimento da realidade sincrética, isto é, a atitude de diálogo em vez de combate. A IURD reconhece e combate os aspectos doutrinários daquelas religiões que fazem parte do quadro assim denominado de matriz religiosa do Brasil, ou seja, religiões afro-brasileiras, o catolicismo romano e as culturas indígenas. Uma atitude diferente, e talvez positiva, seria reconhecer a alteridade das pessoas em termos de diálogo e reconhecimento de sua dignidade como seres que necessitam de solidariedade. Assim é compreendida a cristologia batista, quer dizer: uma cristologia cristocêntrica. Enquanto a IURD realiza um reconhecimento negativo do sincretismo, a CBB poderia reconhecer positivamente o contexto de sincretismo. Em vez de satanizar a superfície fenomenológica do contexto social específico, os efeitos que são gerados nas pessoas que têm suas vidas afetadas pelos problemas estruturais, dentre os quais as rupturas de consciência tão comuns às manifestações religiosas presentes nos cultos pentecostais, a CBB poderia lançar o olhar para as estruturas da sociedade e ver nelas as questões que necessitariam de atenção.[149]

---

[149] Rupturas de consciência seriam aqueles fenômenos extáticos que acometem pessoas propensas à indução, mas não indução no sentido manipulatório e sim em um sentido de sensibilidade. Seria ruptura entre a consciência e a realidade subjetiva que escapa à racionalização. Trata-se de autotranscendência "visando à realização de um universo de sentido - de um ser e um sentido últimos - a partir da polaridade de liberdade e de destino. Isso acontece apenas na vida humana ou na dimensão espiritual, onde encontramos a cultura, a moralidade e a religião". HIGUET, Etienne A. O diálogo de Tillich com a psicanálise e a medicina: saúde, cura e salvação no pensamento de Paul Tillich. *Estudos de Religião*, São Paulo, n. 16, p. 75-85, 1999. p. 76.

CONCLUSÃO

Numa entrevista à Revista Época, em maio de 2008, o pastor Israel Belo de Azevedo, na época diretor do Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, no Rio de Janeiro, afirmou que a IURD está apresentando às pessoas o "Jesus errado". Não existem dúvidas de que esta opinião representa o pensamento de grande parte dos batistas. Sua afirmação pretende provocar, no mínimo, uma reflexão quanto à integridade da pregação do Evangelho pelos grupos, ditos evangélicos.

> Há pessoas se relacionando com o Jesus que se ama enquanto se precisa dele. Quantas pessoas vêm a todos os cultos da igreja, até do meio da semana, e desaparecem depois que recebem de Jesus o que buscavam. [...] Quem busca a Jesus por causa dos milagres não sabe quem é Jesus. Pois ele disse: "Eu sou o pão vivo que desce do céu. Se alguém comer desse pão, viverá para sempre" (Jo 6.51).[150]

Ainda que a intenção desta pesquisa seja estudar a IURD para tirar de seus ensinos e práticas algo que possa ser aplicado a uma igreja tradicional, neste caso, à CBB, torna-se muito difícil não pontuar questões problemáticas. Um cientista da religião precisa abrir mão de seus sentimentos de apego à sua própria experiência religiosa para não usá-la como referência única e verdadeira. É preciso ter certo espírito relativizador. O problema aparece quando se percebe na teologia da IURD algumas posturas que vão de encontro ao que é básico em qualquer declaração de fé tradicional. O choque é inevitável. A Teologia da Prosperidade põe ênfase nas questões egoísticas que veem a libertação da opressão da miséria, da fome, do desemprego, da bancarrota, da doença, da depressão, das crises matrimoniais, etc, a partir do individualismo, nas mesmas pautas da atual situação em que predomina a cultura de consumismo e de hedonismo. Quando Edir Macedo afirma: "somos um pronto-socorro",[151] demonstra que seu foco está nas coisas imediatas, no "aqui e agora". Sua pregação estimula o materialismo e o consumismo. Dessa forma, Jesus parece ter sido desvalorizado como se fora mero produto. Aqui temos um verdadeiro contraste com a pregação das igrejas históricas. Todavia, é preciso o cuidado de não se chegar a extremos. Se, por um lado, a igreja de Edir Macedo politiza o

---

[150] AZEVEDO *apud* CLARETO, Murilo. O exorcismo é a atração da noite – continuação. *Revista Época*, maio 2008, p. 32. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT527719-1664-2,00.html>. Acesso em: 3 ago. 2010.

[151] TAVOLARO, 2009, p. 136.

Evangelho como se ele fosse útil apenas para solução dos problemas imediatos das pessoas, por outro, corremos o risco de espiritualizar excessivamente o Evangelho, como se ele oferecesse apenas salvação do pecado. Quem busca a integridade da pregação precisa encontrar o equilíbrio entre estas duas posições.

Há algumas dificuldades no estudo das doutrinas da IURD que são comuns a qualquer pesquisador do assunto. Primeiramente, há a dificuldade de se obter informações com a liderança e até mesmo com os fiéis desta igreja, como referido anteriormente, já que há uma política interna de não se dar informações ou entrevistas a repórteres e pesquisadores, quaisquer que sejam, em nenhuma circunstância. Além disso, por ser uma igreja recente e de crescimento rápido, não há ainda uma sistematização dos estudos acerca da mesma que possa favorecer aos pesquisadores encontrar materiais objetivos.

A Comissão Permanente de Doutrina da Igreja Presbiteriana do Brasil, ao dar seu relatório sobre a IURD, alegou que teve grande dificuldade com as fontes de pesquisa. É que eles não encontraram nenhum documento que pudesse ser considerado como "uma confissão de fé explícita e escrita".[152] Sabe-se que eles têm, sim, uma confissão de fé implícita, que é refletida nos escritos de seus líderes, nos artigos da Folha Universal, nas palavras dos bispos e pastores nos programas de televisão e rádio, assim como em reportagens e entrevistas a periódicos seculares. Porém, é difícil afirmar com exatidão o que a IURD crê sobre um determinado aspecto ou prática, haja vista existirem informações conflitantes ou destoantes entre estas fontes.

Some-se a isto o fato de Edir Macedo demonstrar verdadeira aversão pelo que entende ser "teologia". Em seu livro *A libertação da teologia*, ele procura desmoralizar todas as tentativas feitas pela Igreja Cristã, ao longo da sua existência, de compreender logicamente e sistematizar o ensino cristão como encontrado nas Escrituras. Ele afirma: "todas as formas e todos os ramos da teologia são fúteis. Não passam de emaranhados de idéias que nada dizem ao inculto; confundem os simples, e iludem os sábios. Nada acrescentam à fé".[153]

---

[152] IGREJA Presbiteriana do Brasil. Relatório da comissão permanente de doutrina da Igreja Presbiteriana do Brasil. *Julgai Todas as Coisas*: uma avaliação das principais crenças e práticas da Igreja Universal do Reino de Deus. IPB, 2007. Disponível em: <http://www.executivaipb.com.br/arquivos/IURD-2007.pdf>. Acesso em: 3 ago. 2010.

[153] MACEDO, Edir. *A libertação da teologia*. Rio de Janeiro: Universal, 1993. p. 17-18.

Esta visão ele herdou dos antigos pentecostais, que consideravam os estudos teológicos como coisa mundana, que os seus pastores não precisavam de livros, mas apenas da Bíblia. Nota-se que ele também investe contra a sistematização teológica feita pelos protestantes históricos:

> Criou-se uma TEOLOGIA PROTESTANTE, defendida ardorosamente pelos egoístas que usam o apelido farisaico de "conservadores" e quem, em algum ponto doutrinário desta "TEOLOGIA", subtrai, acrescenta ou destoa, e recebe, com a mesma veemência do clero católico romano, o selo de herege, anticristo, ou falso profeta.[154]

No entanto, parece que o próprio Edir Macedo não entendeu o valor da teologia para uma igreja, sendo até mesmo impossível falar de Deus e pregar o Evangelho negando a teologia. É claro que a IURD tem uma teologia que está implícita nos seus ensinos e seus livros, mas esta incoerência tende a confundir quem queira entender qual é, de fato, o seu pensamento teológico.

Em nota publicada em jornal secular de grande divulgação, por ocasião da controvérsia com a Associação Evangélica Brasileira (AEVB), ela insistiu ser uma igreja genuinamente evangélica. Diz a publicação sobre a IURD:

> Como saber se uma entidade é evangélica ou não? Pelos ensinamentos comuns a todas as igrejas evangélicas, tais quais:
> - As Igrejas Evangélicas crêem num Deus Trino. A Igreja Universal do Reino de Deus também.
> - As Igrejas Evangélicas crêem no céu, no inferno e no julgamento final. A Igreja Universal do Reino de Deus também.
> - As Igrejas Evangélicas crêem na Bíblia como única e inerrante palavra de Deus. A Igreja Universal do Reino de Deus também.
> - As Igrejas Evangélicas arrecadam contribuições financeiras somente através dos dízimos e ofertas. A Igreja Universal do Reino de Deus também.
> - Estas são doutrinas comuns às Igrejas Evangélicas; portanto, podemos concluir com toda certeza que a Igreja Universal do Reino de Deus é uma igreja genuinamente evangélica, não sendo antibíblica em sua orientação doutrinária.[155]

Não se pode negar que esta nota apresenta terminologia tipicamente evangelical, além do que, traz também elementos doutrinários do cristianismo histórico. J. Cabral, quando escreveu o livro *Religiões, seitas e heresias*, demonstrou que a IURD se considera um igreja evangélica. Ele se alinha aos evangélicos quando condena todas as religiões, organizações, movimentos e seitas normalmente rejeitadas pelos protestantes como sendo falsos:

---

[154] MACEDO, 1993, p. 47.
[155] IPB, 2007, p. 7.

> Astrologia, hinduísmo, budismo, confucionismo, catolicismo romano, xintoísmo, taoísmo, islamismo, rosacrucianismo, maçonaria, espiritismo, vodu, bahaísmo, mormonismo, adventismo do sétimo dia, testemunhas de Jeová, russelismo, ciência cristã, teosofia, Perfect Liberty, Igreja Messiânica Mundial, Seicho-no-Ie, Hare Krishna, Meninos de Deus, a Igreja da Unificação e "seitas do Espírito Santo".[156]

De fato, a grande luta da IURD no Brasil possui espírito belicoso contra a Igreja Católica e contra as correntes de doutrinação reencarnacionista.[157] Às vezes, ocorrem exageros, como no famoso episódio do "chute na santa".[158] Este episódio desencadeou a chamada "guerra santa", mas, que todos sabem, era sim uma guerra mais com a Rede Globo do que com a Igreja Católica, que foi usada como bandeira quando os motivos eram mesmo comerciais na disputa pelo mercado televisivo.

Em relação ao espiritismo, a IURD sempre se declarou inimiga. Há uma guerra declarada desde o início da história da IURD contra as entidades espíritas, consideradas todas como demônios indistintamente. O livro *Orixás, caboclos e guias* causou grande reação e polêmica por parte dos defensores do espiritismo. Assim, o exorcismo chega mesmo a superar os pilares da cura e da prosperidade quanto à atração de público:

> Os rituais de descarrego são os campeões de público. E sempre foram, desde a fundação, o principal ímã da Universal. Edir teve como inspiração um antigo pastor de uma instituição pentecostal chamada Casa da Bênção. Nos anos 1970 ele já liderava os chamados cultos de libertação espiritual.[159]

A condenação do uso de imagens da Igreja Católica e do Espiritismo, que a Universal faz com tanta veemência, é algo que ela tem em comum às igrejas protestantes históricas de corte missionário conversionista do passado. Ainda em comum com as igrejas protestantes históricas, a IURD é crítica em relação a algumas práticas pentecostais, como por exemplo o conceito pentecostal de profecia[160] e as reações físicas no contexto do batismo com o Espírito Santo (como quedas, tremores, etc.).[161] a IURD é critica também em relação ao Movimento

---

[156] CABRAL, J. *Religiões, seitas e heresias*. Rio de Janeiro: Universal, 1992. p. 366-367.

[157] Uma característica da belicosidade iurdiana contra os grupos relacionados com doutrinas reencarnacionistas é a imputação de serem os "guias" (entidades mediúnicas) espíritos malignos. Isso fica explícito no conhecido livro de Edir Macedo, e já citado, *Orixás, Caboclos e Guias Deuses ou Demônios?*

[158] IPB, 1997, p. 8.

[159] TAVOLARO, 2009, p. 137.

[160] MACEDO, 2001, p. 191-198.

[161] MACEDO, 2001, p.174.

Católico de Renovação Carismática,[162] e ao falar línguas estranhas como praticado em muitos segmentos pentecostais.[163] Porém, Edir Macedo critica duramente os Reformadores e os que, segundo ele, criaram uma "teologia protestante"; possivelmente, ele não consideraria a IURD como uma igreja protestante.[164] Contudo, ainda não é o suficiente para convencer a todos de que ela é uma igreja evangélica. As práticas e as ênfases dão à IURD uma característica incompatível com a identidade cristã construída historicamente. Sua grande contradição interna é adotar a nomenclatura e muitas das práticas consideradas espíritas.

Os símbolos têm um valor excessivamente místico, aparentemente para alimentar e melhor atingir com o imaginário e religiosidade popular. A ênfase nos símbolos, metáforas e alegorias levou a IURD a se distanciar dos tradicionais em relação à leitura e interpretação da Bíblia. Ela ocupa um lugar secundário em toda dramatização iurdiana, justamente porque para a IURD a Bíblia é muito mais um depósito de símbolos, alegorias e cenas dramáticas ou até um amuleto para exorcizar demônios e curar enfermos do que a "Palavra de Deus", encarada por outros grupos protestantes como "regra única de fé e prática" e para os fundamentalistas "regra infalível".[165]

O grande problema da IURD não é quanto à aceitação da Bíblia, pois ela declara que a aceita como regra de fé e prática, mas sim na hermenêutica, na abordagem que se faz ao texto bíblico, em que erram e se desviam da verdade. Aqui está a causa da maioria dos erros, práticas e desvios doutrinários da IURD: a hermenêutica deficiente praticada pela sua liderança.

> É preocupante a forma como alguns vêm interpretando o texto sagrado, partindo de pressupostos da sua própria experiência impondo ao texto sentidos que claramente não fazem parte da intenção original do autor inspirado. Constitui-se prática perigosa atribuir ao Espírito Santo ensino que é produto de interpretação particular de um texto da Escritura, baseado em experiência pessoal, interpretação esta que nada tem a ver com o sentido do texto bíblico.[166]

Não se pode aceitar interpretações individuais e isoladas que apelam para a autoridade da experiência individual para validar o entendimento das Escrituras,

---

[162] CABRAL, 1992, p.371.
[163] CABRAL, 1992, p.374.
[164] MACEDO, 1993, p. 45-47.
[165] CAMPOS, 1997, p. 71.
[166] IPB, 1997. p. 10.

ainda mais quando fogem do sentido original do texto. Os batistas creem que as Escrituras devem ser interpretadas por si mesmas, ou seja, uma passagem bíblica deve ser interpretada à luz de todas as partes, sem se desprezar a iluminação que o Espírito Santo. Mesmo a doutrina da livre interpretação das escrituras, defendida na declaração doutrinária da Convenção Batista Brasileira, não representa problema neste sentido.[167]

O método de interpretação das Escrituras utilizado por bispos e pastores da IURD consiste em geral numa atualização ou transposição das experiências religiosas de personagens bíblicas para os dias atuais. Isto ocorre em virtude do que entendem ser a Bíblia. Edir Macedo não parece ver a Bíblia como a revelação proposicional de Deus, mas como um livro de experiências religiosas, que começa com Israel no Antigo Testamento, e termina com a humanidade em Apocalipse, experiências estas que podem ser repetidas nos mesmos moldes, nos dias atuais.

> Assim, a repetição ou reencenação de episódios e eventos bíblicos é utilizada como ferramenta hermenêutica, que lhes permite usar as Escrituras como base da sua prática. Nesta tentativa de repetir os episódios bíblicos, existe uma grande dose de alegorização dos textos bíblicos, e total desrespeito pelo contexto histórico dos mesmos, bem como a falta de distinção entre o que é descritivo na Bíblia, e o que é normativo para as experiências dos cristãos.[168]

Eles usam a figura de Noé, por exemplo, que fez uma aliança com Deus, afirmando que aos fiéis também é possível a mesma aliança. Fazem uma alegoria usando o personagem Josué que cercou as muralhas de Jericó e ao som das trombetas elas caíram, para aplicar aos às necessidades enfrentadas no dia a dia pelas pessoas. “Cercar” as muralhas das dificuldades e problemas para derrubá-las em nome de Jesus. Da mesma forma, fazem referência ao episódio da vara de Moisés, usada para tocar o Mar Vermelho e abri-lo; entre outras referências bíblicas como a do cajado de Jacó, a dos aventais de Paulo, etc. A todas estas figuras discursivas da Escritura, são atribuídos valores espirituais na resolução dos problemas.

A associação do Monte Sinai como lugar de poder é muito usada no programa de televisão que chama as pessoas a participarem enviando seus pedidos de oração a serem queimados na “Fogueira Santa de Israel”, quando seus pastores

---

[167] CONVENÇÃO, 1973, p. 47.
[168] IPB, 1997. p. 12.

os levarão em viagem à “Terra Santa”. É cada vez mais comum usarem esse tipo de ligação com os lugares significativos na história do povo de Israel. É uma mescla de simbologias que atrai multidões.

Talvez a maneira mais coerente de se interpretar o crescimento das igrejas neopentecostais seja à luz do texto bíblico de 2Tm 4.3: “porque virá tempo em que não sofrerão a sã doutrina; mas, tendo comichão nos ouvidos, amontoarão para si doutores, conforme as suas próprias concupiscências”. A pregação da Teologia da Prosperidade é a pregação que as pessoas, em tempos pós-modernos, querem ouvir, algo que nutre o sentimento consumista e fetichista da atualidade.

Em suma: à hipótese aventada neste trabalho de investigar bibliograficamente se existiriam aspectos possíveis de serem tomados como relevantes, da IURD, para a realidade de denominações de protestantismo histórico, no caso aqui a CBB, não se efetiva substancialmente. Os pontos positivos tomados da IURD não se configuram efetivamente em condições salutares de pontos convergentes, isto é, as caracterizações encontradas na bibliografia não condicionam de maneira relevante os aspectos eclesiais da IURD que pudessem ser tomados pela CBB; o que resta são alguns aspectos estratégicos de *marketing* interessantes, uma vez que parecem responder a uma realidade urbana cada vez mais situada nas grandes cidades. A teologia da IURD não se configura em uma sistematização, mas sim em aspectos capilarizados em textos e práticas que são difíceis de serem abordados sem o risco da insustentabilidade exegético-teológica. Em termos de análise da realidade social brasileira, o que pode ser interessante é a abordagem do fenômeno como um todo: a IURD é a expressão de uma religiosidade prática que capitaliza as condições concretas de grande parte da população brasileira imersa na descontinuidade metanarrativa dos grandes grupos judaico-cristãos que para a América Latina vieram desde 1492. Quem sabe, o que realmente pode nos ensinar a IURD seja auscultar as questões mais prementes das pessoas que pelas madrugadas aspiram por compreensão e solidariedade; isto ela faz muito bem.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *Profanações*. São Paulo: Boitempo, 2007.

ALMEIDA, R. R. M. A guerra de possessões. In: ORO, Ari P.; CORTEN, André; DOZON, Jean-Pierre (Orgs.). *Igreja Universal do Reino de Deus*: os novos conquistadores da fé. São Paulo: Paulinas, 2003.

_____. *A Universalização do reino de Deus*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

ALONSO, Leandro S. *Poder e experiência religiosa*: uma história de um cisma pentecostal na Convenção Batista Brasileira na década de 1960. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2008.

ARAÚJO, Júlia S. *Comunicação e contracultura religiosa: o crescimento da Igreja Batista no Brasil*. Trabalho apresentado ao Intercom Junior, na Divisão Temática de Interfaces Comunicacionais do XIV Congresso de Ciências de Comunicação da Região Sudeste, Rio de Janeiro, 7 e 9 de maio de 2009.

BAUMAN, Zigmunt. *Modernidade líquida*: Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. *O mal-estar da pós-modernidade.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar,1999.

_____. *Vida para o consumo*: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BITTENCOURT, José. *Novos movimentos religiosos na igreja e na sociedade*. São Paulo: Ave Maria, 1996.

BLOCH, Ernst. *Thomas Muentzer*: teólogo da revolução. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973.

BONFATTI, Paulo. *A expressão popular do sagrado*: uma análise psico-antropológica da Igreja Universal do Reino de Deus. São Paulo: Paulinas, 2000.

CABRAL, J. *Nova Era e velhas mentiras*. Rio de Janeiro: Universal, 1995.

_____. *Religiões, seitas e heresias*. Rio de Janeiro: Universal, 1992.

CALVINO, João. *As institutas da religião cristã*, v. 3. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

CAMPOS, Leonildo S. A Igreja Universal do Reino de Deus: um empreendimento religioso atual e seus modos de expressão (Brasil, África e Euroupa). *Revista Lusotopie*, São Bernardo do Campo, 1999, p. 355-367, dez. 1997. Disponível em: <http://www.lusotopie.sciencespobordeaux.fr/campos99.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2010.

_____. *Templo, teatro e mercado*: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Simpósio; São Bernardo do Campo: Umesp, 1997.

CAPRA, Fritjof. *O ponto de mutação.* São Paulo: Cultrix, 1982.

CLARETO, Murilo. O exorcismo é a atração da noite – continuação. *Revista Época*, maio 2008. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT527719-1664-2,00.html>. Acesso em: 3 ago. 2010.

COBRA, Marcos. *Marketing básico*: uma perspectiva brasileira. São Paulo: Atlas, 2000.

CONVENÇÃO Batista Brasileira. Anais da 53ª Assembléia, Campos, 20 a 27 de Janeiro de 1971. Rio de Janeiro: JECBB, 1971.

_____. Anais da 55ª Assembléia, Recife, 24 a 31 de Janeiro de 1973. Rio de Janeiro: JECBB, 1973.

_____. Disponível em: <http://www.batistas.com>. Acesso em: 2 ago. 2010.

CORRÊA, Jaqueline. IURD no mundo: na Grécia: Há 3 anos, a Igreja Universal ingressou na terra da mitologia. *Arca Universal*. Disponível em: <http://www.arcauniversal.com/iurd/noticias/iurd_no_mundo_grecia-1451.html>. Acesso em: 16 jul. 2010.

COSTA, Jurandir F. *O vestígio e a aura*: corpo e consumismo na moral do espetáculo. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

DESTRA FIEL. Disponível em: <http://www.destrafiel.com.br/2010/01/o-crescimento-da-igreja-evangelica-no.html>. Acesso em: 25 jul. 2010.

DOLGHIE, Jacqueline Z. *Por uma sociologia da produção e reprodução musical do presbiterianismo brasileiro*: a tendência gospel e sua influência no culto. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2007.

DREHER, Martin N.; SIEPIERSKI, Paulo D. *História da Igreja em debate*: um simpósio. São Paulo: ASTE, 1994.

DUTRA, Adair A. (Org.). *A Igreja Universal do Reino de Deus*: sua teologia e sua prática. Cambuci: Cultura Cristã, 1997.

DUTRA, Marcelo. A história dos batistas. *Bíblia World Net*: Igrejas, Portal UOL. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/bibliaworld/igreja/historia/batista.htm>. Acesso em: 3 ago. 2010.

ESPERANDIO, Mary R. G. *Para entender pós-modernidade.* São Leopoldo: Sinodal, 2007.

FERGUSON, Marilyn. *A conspiração aquariana*. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 1980.

FERNANDES, Alexandre. 19 Anos da Igreja Universal do reino de Deus em África. *Cristão da Universal*. Disponível em: <http://www.cristaodauniversal.com.br/>. Acesso em: 15 jul. 2010.

FERRARI, Emmelle H.; GRAVIA, Paula A.; SILVA, Thaisa C.; GRAÇA, Valdete da. A cura pela fé. In: INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. *XVI Prêmio Expocom 2009*: Exposição da Pesquisa Experimental em Comunicação. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2009/expocom/EX16-0462-1.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2010.

FERREIRA, Ebenézer S. *Manual da igreja e do obreiro*. 2. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1981.

FOLHA DE SÃO PAULO. Ministério Público quer proibir venda de livro do bispo Edir Macedo. Caderno Cotidiano. 08 nov. 2005. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u115029.shtml>. Acesso em: 12 jul. 2010.

FRANGIOTTI, Roque. *Padres apostólicos*: Clemente Romano, Inácio de Antioquia, Policarpo de Esmirna, O pastor de Hermas, Carta de Barnabé, Pápias. São Paulo: Paulus, 1995.

FRESTON, Paul. Uma breve história do pentecostalismo brasileiro: a Assembléia de Deus. *Religião e Sociedade,* v. 16, n. 3, p. 104-129, 1994.

GONÇALVES JÚNIOR, Oswaldo. Resenha de: AMARAL, Leila. Carnaval da alma: comunidade, essência e sincretismo na Nova Era. Petrópolis: Vozes, 2000. 230p. *Numen*: *Revista de Estudos e Pesquisa da Religião*, Juiz de Fora, n. 7, p. 153-164, 2001.

GONDIM, Ricardo R. *O evangelho da Nova Era*. São Paulo: Abba Press, 1993.

GONZÁLEZ, Justo L. *A era dos dogmas e das dúvidas.* São Paulo: Vida Nova, 1984.

GREUEL, Sigolf. *Religião e religiosidade na pós-modernidade.* 2008. 65 f. Dissertação (Mestrado Profissional) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Faculdades EST, São Leopoldo, 2008.

HELLER, Agnes; FEHÉR, Ferenc. *A condição política pós-moderna*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

HIGUET, Etienne A. O diálogo de Tillich com a psicanálise e a medicina: saúde, cura e salvação no pensamento de Paul Tillich. *Estudos de Religião*, São Paulo, n. 16, p. 75-85, 1999.

_____. O método da Teologia Sistemática de Paul Tillich: a relação da razão e da revelação. *Estudos da Religião*, São Bernardo do Campo, v. I, n. 10, p. 37-54, 1995.

IGREJA Presbiteriana do Brasil. Relatório da comissão permanente de doutrina da Igreja Presbiteriana do Brasil. *Julgai Todas as Coisas*: uma avaliação das principais crenças e práticas da Igreja Universal do Reino de Deus. IPB, 2007. Disponível em: <http://www.executivaipb.com.br/arquivos/IURD-2007.pdf>. Acesso em: 3 ago. 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. *Dados do Censo de 2000*. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/primeiros_resultados_amostra/brasil/pdf/tabela_1_1_2.pdf 04/06/2010>. Acesso em: 21 jul. 2010.

IURD. Arca Universal: Pelos quatro cantos da Terra. Disponível em: <http://www.arcauniversal.com/iurd/historia/mundo.html>. Acesso em: 16 jul. 2010.

JUSTINO, Mário. *Nos bastidores do reino*: a vida secreta na Igreja Universal do Reino de Deus. São Paulo: Geração, 1995.

LAKATOS, Eva M.; MARCONI, Marina A. *Técnicas de pesquisa*: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. São Paulo: Atlas, 1999.

LIMA, Décio M. O. *Os demônios descem do norte.* Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1998.

LIPOVETSKY, Gilles. *A era do vazio*: ensaios sobre o individualismo contemporâneo. Barueri: Manola, 2005.

LUZ para o caminho. Uma vida em duas páginas: a minha vida: Rubens Lopes (1914-1979). Disponível em: <http://www.luz.eti.br/rubenslopes.html>. Acesso em: 11 ago. 2010.

MACEDO, Edir. *Orixás, caboclos e guias*. Rio de Janeiro: Universal, 2002.

_____. *A libertação da teologia*. Rio de Janeiro: Universal, 1993.

_____. *Nos passos de Jesus.* Rio de Janeiro: Universal, 2000.

_____. *Vida com abundância*. 12. ed. Rio de Janeiro: Universal, 1993.

MACLAINE, Shirley. *Minhas vidas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1983.

MANSO, Bruno Paes; BRANCATELLI, Rodrigo. São Paulo terá três novos megatemplos. *Estadão*, São Paulo. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/cidades,sao-paulo-tera-tres-novos-megatemplos,274747,0.htm>. Acesso em: 23 jul. 2010.

MARIANO, Ricardo. A Igreja Universal no Brasil. In: ORO, Ari Pedro; CORTEN, André; DOZON, Jean-Pierre (Orgs.). *Igreja Universal do Reino de Deus*: os novos conquistadores da fé. São Paulo: Paulinas, 2003.

_____. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 18, n. 52, set./dez. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142004000300010&script=sci_arttext>. Acesso em: 21 ago. 2010.

NUNES, Jone. *As manifestações pentecostais nas Igrejas Batistas*: uma questão de identidade. Monografia (Especialização em Teologia) – Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2001.

OLIVEIRA, Zaqueu Moreira de. O Berço do Movimento Batista. Disponível em: <http://www.isaltino.com.br/doctos/art76.pdf>. Acesso em: 3 jul. 2010.

PASSOS, João D. *Pentecostais*: origens e começo. São Paulo: Paulinas, 2005.

PEREIRA, José R. *Breve história dos batistas.* Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1972.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Bye bye, Brasil: o declínio das religiões tradicionais no Censo 2000. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 18, n. 52, p. 17-28, 2004.

PRIMEIRA Igreja Batista em Cobilândia/Espírito Santo. *Ata n. 325*, 15 abr. 2009. Ata de Assembléia Geral.

PROGRAMA Fala que eu te escuto. ArcaUniversal. Disponível em: <http://www3.arcauniversal.com.br/falaqueeuteescuto/principal.jsp>. Acesso em: 10 ago. 2010.

REVISTA Plenitude. Disponível em: <http://www.revistaplenitudeemcristo.com.br/>. Acesso em: 14 jul. 2010.

RIBES, Rita. O desejo e o consumo. *A página da educação*, ano 14, n. 151, 2005. Disponível em: <http://www.apagina.pt/?aba=7&cat=151&doc=11219&mid=2>. Acesso em: 16 jul. 2010.

RICOEUR, Paul. *Leituras 3*: nas fronteiras da filosofia. São Paulo: Loyola, 1996.

SANTOS, Jair F. *O que é pós-moderno*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.

SAUTTER, Gerhard. *New Age*: a nova era à luz do evangelho. São Paulo: Vida Nova; Cascavel: Esperança,1992.

SCHLINK, Basilea. *Nova era à luz da Bíblia.* Darmstadt-Eberstadt: Verlag Evangelische Marienschwesternschaft, 1988.

SCHÜLER, Arno. Lutero e o Método Hermenêutico. *Igreja Luterana*, v. 37, p. 28-29, 1977.

SOUZA, Edilson Soares de. Os anais da Convenção Batista Brasileira e a política no Brasil. *Via Teológica*, Curitiba, v. 2, n. 14, p. 41-56, 2006.

SOUZA, Etiene C. B.; MAGALHÃES, Marionilde D. B. Os pentecostais: entre a fé e a política. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 22, n. 43, p. 85-105, 2002.

SPURGEON, C. H. *Tudo pela graça*: palavra apaixonada àqueles que buscam a salvação por meio do Senhor Jesus Cristo. Rio de Janeiro: CPB, 1962.

TAVOLARO, Douglas. *O bispo*: a história revelada de Edir Macedo. São Paulo: Larousse, 2009.

TILLICH, Paul. *A coragem de ser*: baseado nas conferências Terry pronunciadas na Yale University. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

TOGNINI, Enéas; ALMEIDA, Silas L. *História dos batistas nacionais*. Brasília: Lerban, 2007.

VERGARA, Sylvia C. *Projetos e relatórios de pesquisa em administração.* 3. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

VIOTTI, Frederico R. A. Nova Era: uma revolução silenciosa ameaça a Civilização Cristã. In: LEPANTO: Frente Universitária & Estudantil. Janela: Doutrina Cristã. Disponível em: <http://www.lepanto.com.br/dados/EstNovaEra.html>. Acesso em 23: jun. 2010.

XAVIER, Ivo O. *Igreja Universal do Reino de Deus*: uma instituição inculturada? São Paulo: Pulsar, 2003.

ZWETSCH, Roberto E; BOBSIN, Oneide (Orgs.). *Prática cristã*: Novos rumos. São Leopoldo, Sinodal/IEPG, 1999.

ANEXO A: Pacto das Igrejas Batistas[169]

Tendo sido levados pelo Espírito Santo a aceitar a Jesus Cristo como único e suficiente Salvador, e batizados, sob profissão de fé, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, decidimo-nos, unânimes, como um corpo em Cristo, firmar, solene e alegremente, na presença de Deus e desta congregação, o seguinte Pacto:

Comprometemo-nos a, auxiliados pelo Espírito Santo, andar sempre unidos no amor cristão; trabalhar para que esta igreja cresça no conhecimento da Palavra, na santidade, no conforto mútuo e na espiritualidade; manter os seus cultos, suas doutrinas, suas ordenanças e sua disciplina; contribuir liberalmente para o sustento do ministério, para as despesas da igreja, para o auxílio dos pobres e para a propaganda do evangelho em todas as nações.

Comprometemo-nos, também, a manter uma devoção particular; a evitar e condenar todos os vícios; a educar religiosamente nossos filhos; a procurar a salvação de todo o mundo, a começar dos nossos parentes, amigos e conhecidos; a ser corretos em nossas transações, fiéis em nossos compromissos, exemplares em nossa conduta e ser diligentes nos trabalhos seculares; evitar a detração, a difamação e a ira, sempre e em tudo visando à expansão do reino do nosso Salvador.

Além disso, comprometemo-nos a ter cuidado uns dos outros; a lembrarmo-nos uns dos outros nas orações; ajudar mutuamente nas enfermidades e necessidades; cultivar relações francas e a delicadeza no trato; estar prontos a perdoar as ofensas, buscando, quando possível, a paz com todos os homens.

Finalmente, nos comprometemos a, quando sairmos desta localidade para outra, nos unirmos a uma outra igreja da mesma fé e ordem, em que possamos observar os princípios da Palavra de Deus e o espírito deste Pacto.

O Senhor nos abençoe e nos proteja para que sejamos fiéis e sinceros até a morte.

---

[169] Disponível em: <http://www.batistas.com>. Acesso em: 16 ago. 2010.

ANEXO B: Princípios Batistas[170]

a) A autoridade

1 Cristo como Senhor

A fonte suprema da autoridade cristã é o Senhor Jesus Cristo. Sua soberania emana da eterna divindade e poder – como o unigênito filho do Deus Supremo – de sua redenção vicária e ressurreição vitoriosa. Sua autoridade é a expressão de amor justo, sabedoria infinita e santidade divina, e se aplica à totalidade da vida. Dela procede a integridade do propósito cristão, o poder da dedicação cristã, a motivação da lealdade cristã. Ela exige a obediência aos mandamentos de Cristo, dedicação ao seu serviço, fidelidade ao seu reino e a máxima devoção à sua pessoa, como o Senhor vivo. A suprema fonte de autoridade é o Senhor Jesus Cristo, e toda a esfera da vida está sujeita à sua soberania.

2 As Escrituras

A Bíblia fala com autoridade porque é a palavra de Deus. É a suprema regra de fé e prática porque é testemunha fidedigna e inspirada dos atos maravilhosos de Deus através da revelação de si mesmo e da redenção, sendo tudo patenteado na vida, nos ensinamentos e na obra salvadora de Jesus Cristo. As Escrituras revelam a mente de Cristo e ensinam o significado de seu domínio. Na sua singular e una revelação da vontade divina para a humanidade, a Bíblia é a autoridade final que atrai as pessoas a Cristo e as guia em todas as questões de fé cristã e dever moral. O indivíduo tem que aceitar a responsabilidade de estudar a Bíblia, com a mente aberta e com atitude reverente, procurando o significado de sua mensagem através de pesquisa e oração, orientando a vida debaixo de sua disciplina e instrução. A Bíblia como revelação inspirada da vontade divina, cumprida e completada na vida e nos ensinamentos de Jesus Cristo é a nossa regra autorizada de fé e prática.

3 O Espírito Santo

O Espírito Santo é a presença ativa de Deus no mundo e, particularmente, na experiência humana. É Deus revelando sua pessoa e vontade ao homem. O

[170] Disponível em: <http://www.batistas.com>. Acesso em: 16 ago. 2010.

Espírito, portanto, é a voz da autoridade divina. É o Espírito de Cristo, e sua autoridade é a vontade de Cristo. Visto que as Escrituras são produto de homens que, inspirados pelo Espírito, falaram por Deus, a verdade da Bíblia expressa a vontade do Espírito, compreendida pela iluminação do mesmo. Ele convence os homens do pecado, da justiça e do juízo, tornando, assim, efetiva a salvação individual, através da obra salvadora de Cristo. Ele habita no coração do crente, como advogado perante Deus e intérprete para o homem. Ele atrai o fiel para a fé e a obediência e, assim, produz na sua vida os frutos da santidade e do amor. O Espírito procura alcançar vontade e propósito divinos entre os homens. Ele dá aos cristãos poder e autoridade para o trabalho do reino e santifica e preserva os redimidos, para o louvor de Cristo; exige uma submissão livre e dinâmica à autoridade de Cristo, e uma obediência criativa e fiel à palavra de Deus. O Espírito Santo é o próprio Deus revelando sua pessoa e vontade aos homens. Ele, portanto, interpreta e confirma a voz da autoridade divina.

b) O indivíduo

1 Seu valor

A Bíblia revela que cada ser humano é criado à imagem de Deus; é único, precioso e insubstituível. Criado ser racional, cada pessoa é moralmente responsável perante Deus e o próximo. O homem, como indivíduo, é distinto de todas as outras pessoas. Como pessoa, ele é unido aos outros no fluxo da vida, pois ninguém vive nem morre por si mesmo. A Bíblia revela que Cristo morreu por todos os homens. O fato de ser o homem criado à imagem de Deus, e de Jesus Cristo morrer para salvá-lo, é a fonte da dignidade e do valor humano. Ele tem direitos, outorgados por Deus, de ser reconhecido e aceito como indivíduo sem distinção de raça, cor, credo, ou cultura; de ser parte digna e respeitada da comunidade; de ter a plena oportunidade de alcançar o seu potencial. Cada indivíduo foi criado à imagem de Deus e, portanto, merece respeito e consideração como uma pessoa de valor e dignidade infinita.

2 Sua competência

O indivíduo, porque criado à imagem de Deus, torna-se responsável por suas decisões morais e religiosas. Ele é competente, sob a orientação do Espírito Santo, para formular a própria resposta à chamada divina ao evangelho de Cristo, para a comunhão com Deus, para crescer na graça e no conhecimento de nosso Senhor. Estreitamente ligada a essa competência está a responsabilidade de procurar a verdade e, encontrando-a, agir conforme essa descoberta, e partilhar a verdade com outros. Embora não se admita coação no terreno religioso, o cristão não tem a liberdade de ser neutro em questões de consciência e convicção. Cada pessoa é competente e responsável perante Deus, nas próprias decisões e questões morais e religiosas.

3 Sua liberdade

Os batistas consideram como inalienável a liberdade de consciência, a plena liberdade de religião de todas as pessoas. O homem é livre para aceitar ou rejeitar a religião; escolher ou mudar sua crença; propagar e ensinar a verdade como a entenda, sempre respeitando direitos e convicções alheios; cultuar a Deus tanto a sós quanto publicamente; convidar outras pessoas a participarem nos cultos e outras atividades de sua religião; possuir propriedade e quaisquer outros bens necessários à propagação de sua fé. Tal liberdade não é privilégio para ser concedido, rejeitado ou meramente tolerado – nem pelo Estado, nem por qualquer outro grupo religioso – é um direito outorgado por Deus. Cada pessoa é livre perante Deus em todas as questões de consciência e tem o direito de abraçar ou rejeitar a religião, bem como de testemunhar sua fé religiosa, respeitando os direitos dos outros.

c) A vida cristã

1 A salvação pela graça

A graça é a provisão misericordiosa de Deus para a condição do homem perdido. O homem no seu estado natural é egoísta e orgulhoso; ele está na escravidão de Satanás e espiritualmente morto em transgressões e pecados. Devido à sua natureza pecaminosa, o homem não pode salvar-se a si mesmo. Mas Deus tem uma atitude benevolente em relação a todos, apesar da corrupção moral e da

rebelião. A salvação não é o resultado dos méritos humanos, antes emana de propósito e iniciativa divinos. Não vem através de mediação sacramental, nem de treinamento moral, mas como resultado da misericórdia e poder divinos. A salvação do pecado é a dádiva de Deus através de Jesus Cristo, condicionada, apenas, pelo arrependimento em relação a Deus, pela fé em Jesus Cristo, e pela entrega incondicional a Ele como Senhor. A Salvação, que vem através da graça, pela fé, coloca o indivíduo em união vital e transformadora com Cristo, e se caracteriza por uma vida de santidade e boas obras. A mesma graça, por meio da qual a pessoa alcança a salvação, dá certeza e a segurança do perdão contínuo de Deus e de seu auxílio na vida cristã. A salvação é dádiva de Deus através de Jesus Cristo, condicionada, apenas, pela fé em Cristo e rendição à soberania divina.

2 As exigências do discipulado

O aprendizado cristão inicia-se com a entrega a Cristo, como Senhor. Desenvolve-se à proporção que a pessoa tem comunhão com Cristo e obedece aos seus mandamentos. O discípulo aprende a verdade em Cristo, somente por obedecê-la. Essa obediência exige a entrega das ambições e dos propósitos pessoais e a obediência à vontade do Pai. A obediência levou Cristo à cruz e exige de cada discípulo que tome a própria cruz e siga a Cristo. O levar a cruz, ou negar-se a si mesmo, expressa-se de muitas maneiras na vida do discípulo. Este procurará, primeiro, o reino de Deus. Sua lealdade suprema será a Cristo. Ele será fiel em cumprir o mandamento cristão. Sua vida pessoal manifestará autodisciplina, pureza, integridade e amor cristão, em todas as relações que tem com os outros. O discipulado é completo. As exigências do discipulado cristão estão baseadas no reconhecimento da soberania de Cristo, relacionam-se com a vida em um todo e exigem obediência e devoção completas.

3 O sacerdócio do crente

Cada homem pode ir diretamente a Deus em busca de perdão, através do arrependimento e da fé. Ele não necessita para isso de nenhum outro indivíduo, nem mesmo da igreja. Há um só mediador entre Deus e os homens, Jesus. Depois de tornar-se crente, a pessoa tem acesso direto a Deus, através de Jesus Cristo. Ela entra no sacerdócio real que lhe outorga o privilégio de servir a humanidade em

nome de Cristo. Deverá partilhar com os homens a fé que acalenta e servi-los em nome e no espírito de Cristo. O sacerdócio do crente, portanto, significa que todos os cristãos são iguais perante Deus e na fraternidade da igreja local. Cada cristão, tendo acesso direto a Deus através de Jesus Cristo, é seu próprio sacerdote e tem a obrigação de servir de sacerdote de Jesus Cristo em benefício de outras pessoas.

4 O cristão e seu lar

O lar foi constituído por Deus como unidade básica da sociedade. A formação de lares verdadeiramente cristãos deve merecer o interesse particular de todos. Devem ser constituídos da união de dois seres cristãos, dotados de maturidade emocional, espiritual e física e unidos por um amor profundo e puro. O casal deve partilhar ideais e ambições semelhantes e ser dedicado à criação dos filhos na instrução e disciplina divinas. Isso exige o estudo regular da Bíblia e a prática do culto doméstico. Nesses lares o espírito de Cristo está presente em todas as relações da família. As igrejas têm a obrigação de preparar jovens para o casamento, treinar e auxiliar os pais nas suas responsabilidades, orientar pais e filhos nas provações e crises da vida, assistir àqueles que sofrem em lares desajustados, e ajudar os enlutados e encanecidos a encontrarem sempre um significado na vida. O lar é básico, no propósito de Deus, para o bem-estar da humanidade, e o desenvolvimento da família deve ser de supremo interesse para todos os cristãos.

5 O cristão como cidadão

O cristão é cidadão de dois mundos – o reino de Deus e o estado político – e deve obedecer à lei de sua pátria terrena, tanto quanto à lei suprema. No caso de ser necessária uma escolha, o cristão deve obedecer a Deus antes que ao homem. Deve mostrar respeito para com aqueles que interpretam a lei e a põem em vigor, e participar ativamente na vida social, econômica e política com o espírito e princípios cristãos. A mordomia cristã da vida inclui tais responsabilidades como o voto, o pagamento de impostos e o apoio à legislação digna. O cristão deve orar pelas autoridades e incentivar outros cristãos a aceitarem a responsabilidade cívica, como um serviço a Deus e à humanidade. O cristão é cidadão de dois mundos – o reino de

Deus e o estado – e deve ser obediente à lei do seu país tanto quanto à lei suprema de Deus.

d) A Igreja

1 Sua natureza

No Novo Testamento o termo igreja é usado para designar o povo de Deus na sua totalidade, ou só uma assembléia local. A igreja é uma comunidade fraterna das pessoas redimidas por Cristo Jesus, divinamente chamadas, divinamente criadas, e feitas uma só debaixo do governo soberano de Deus. A igreja como uma entidade local – um organismo presidido pelo Espírito Santo – é uma fraternidade de crentes em Jesus Cristo, que se batizaram e voluntariamente se uniram para o culto, estudo, a disciplina mútua, o serviço e a propagação do evangelho, no local da igreja e até os confins da terra. A igreja, no sentido lato, é a comunidade fraterna de pessoas redimidas por Cristo e tornadas uma só na família de Deus. A igreja, no sentido local, é a companhia fraterna de crentes batizados, voluntariamente unidos para o culto, desenvolvimento espiritual e serviço.

2 Seus membros

A igreja, como uma entidade, é uma companhia de crentes regenerados e batizados que se associam num conceito de fé e fraternidade do evangelho. Propriamente, a pessoa qualifica-se para ser membro de igreja por ser nascida de Deus e aceitar voluntariamente o batismo. Ser membro de uma igreja local, para tais pessoas, é um privilégio santo e um dever sagrado. O simples fato de arrolar-se na lista de membros de uma igreja não torna a pessoa membro do corpo de Cristo. Cuidado extremo deve ser exercido a fim de que sejam aceitas como membros da igreja somente as pessoas que dêem evidências positivas de regeneração e verdadeira submissão a Cristo. Ser membro de igreja é um privilégio, dado exclusivamente a pessoas regeneradas que voluntariamente aceitam o batismo e se entregam ao discipulado fiel, segundo o preceito cristão.

3 Suas ordenanças

O batismo e a ceia do Senhor são as duas ordenanças da igreja. São símbolos, mas sua observância envolve fé, exame de consciência, discernimento, confissão, gratidão, comunhão e culto. O batismo é administrado pela igreja, sob a autoridade do Deus triúno, e sua forma é a imersão daquele que, pela fé, já recebeu a Jesus Cristo como Salvador e Senhor. Por esse ato o crente retrata a sua morte para o pecado e a sua ressurreição para uma vida nova.
A ceia do Senhor, observada através dos símbolos do pão e do vinho, é um profundo esquadrinhamento do coração, uma grata lembrança de Jesus Cristo e sua morte vicária na cruz, uma abençoada segurança de sua volta e uma jubilosa comunhão com o Cristo vivo e seu povo. O batismo e a ceia do Senhor, as duas ordenanças da igreja, são símbolos da redenção, mas sua observância envolve realidades espirituais na experiência cristã.

4 Seu governo

O princípio governante para uma igreja local é a soberania de Jesus Cristo. A autonomia da igreja tem como fundamento o fato de que Cristo está sempre presente e é a cabeça da congregação do seu povo. A igreja, portanto, não pode sujeitar-se à autoridade de qualquer outra entidade religiosa. Sua autonomia, então, é válida somente quando exercida sob o domínio de Cristo.
A democracia, o governo pela congregação, é forma certa somente à medida que, orientada pelo Espírito Santo, providencia e exige a participação consciente de cada um dos membros nas deliberações do trabalho da igreja. Nem a maioria, nem a minoria, tampouco a unanimidade, reflete necessariamente a vontade divina. Uma igreja é um corpo autônomo, sujeito unicamente a Cristo, sua cabeça. Seu governo democrático, no sentido próprio, reflete a igualdade e responsabilidade de todos os crentes, sob a autoridade de Cristo.

5 Sua relação para com o Estado

Tanto a igreja como o estado são ordenados por Deus e responsáveis perante ele. Cada um é distinto; cada um tem um propósito divino; nenhum deve transgredir os direitos do outro. Devem permanecer separados, mas igualmente manter a devida relação entre si e para com Deus. Cabe ao estado o exercício da autoridade civil, a manutenção da ordem e a promoção do bem-estar público. A igreja é uma comunhão voluntária de cristãos, unidos sob o domínio de Cristo para o culto e serviço em seu nome. O estado não pode ignorar a soberania de Deus nem rejeitar suas leis como a base da ordem moral e da justiça social. Os cristãos devem aceitar suas responsabilidades de sustentar o estado e obedecer ao poder civil, de acordo com os princípios cristãos. O estado deve à igreja a proteção da lei e a liberdade plena, no exercício do seu ministério espiritual. A igreja deve ao estado o reforço moral e espiritual para a lei e a ordem, bem como a proclamação clara das verdades que fundamentam a justiça e a paz. A igreja tem a responsabilidade tanto de orar pelo estado quanto de declarar o juízo divino em relação ao governo, às responsabilidades de uma soberania autêntica e consciente, e aos direitos de todas as pessoas. A igreja deve praticar coerentemente os princípios que sustenta e que devem governar a relação entre ela e o estado. A igreja e o estado são constituídos por Deus e perante Ele responsáveis. Devem permanecer distintos, mas têm a obrigação do reconhecimento e reforço mútuos, no propósito de cumprir-se a função divina.

6 Sua relação para com o mundo

Jesus Cristo veio ao mundo, mas não era do mundo. Ele orou não para que seu povo fosse tirado do mundo, mas que fosse liberto do mal. Sua igreja, portanto, tem a responsabilidade de permanecer no mundo, sem ser do mundo. A igreja e o cristão, individualmente, têm a obrigação de opor-se ao mal e trabalhar para a eliminação de tudo que corrompa e degrade a vida humana. A igreja deve tomar posição definida em relação à justiça e trabalhar fervorosamente pelo respeito mútuo, a fraternidade, a retidão, a paz, em todas as relações entre os homens, raças e nações. Ela trabalha confiante no cumprimento final do propósito divino no mundo. Esses ideais, que têm focalizado o testemunho distintivo dos batistas, choca-se com o momento atual do mundo e em crucial significação. As forças do mundo os

desafiam. Certas tendências em nossas igrejas e denominação põem-nos em perigo. Se esses ideais servirem para inspirar os batistas, com o senso da missão digna da hora presente, deverão ser relacionados com a realidade dinâmica de todo o aspecto de nossa tarefa contínua. A igreja tem uma posição de responsabilidade no mundo; sua missão é para com o mundo; mas seu caráter e ministério são espirituais.

e) A nossa tarefa contínua

1 A centralidade do indivíduo

Os batistas, historicamente, têm exaltado o valor do indivíduo, dando-lhe um lugar central no trabalho das igrejas e da denominação. Essa distinção, entretanto, está em perigo nestes dias de automatismo e pressões para o conformismo. Alertados para esses perigos, dentro das próprias fileiras, tanto quanto no mundo, os batistas devem preservar a integridade do indivíduo. O alto valor do indivíduo deve refletir-se nos serviços de culto, no trabalho evangelístico, nas obras missionárias, no ensino e treinamento da mordomia, em todo o programa de educação cristã. Os programas são justificados pelo que fazem pelos indivíduos por eles influenciados. Isso significa, entre outras coisas, que o indivíduo nunca deve ser usado como um meio, nunca deve ser manobrado, nem tratado como mera estatística. Esse ideal exige, antes, que seja dada primordial consideração ao indivíduo, na sua liberdade moral, nas suas necessidades urgentes e no seu valor perante Cristo. De consideração primordial na vida e no trabalho de nossas igrejas é o indivíduo, com seu valor, suas necessidades, sua liberdade moral, seu potencial perante Cristo.

2 Culto

O culto a Deus, pessoal ou coletivo, é a expressão mais elevada da fé e devoção cristã. É supremo tanto em privilégio quanto em dever. Os batistas enfrentam uma necessidade urgente de melhorar a qualidade do seu culto, a fim de experimentarem coletivamente uma renovação de fé, esperança e amor, como resultado da comunhão com o Deus supremo. O culto deve ser coerente com a natureza de Deus, na sua santidade: uma experiência, portanto, de adoração e

confissão que se expressa com temor e humildade. O culto não é mera forma e ritual, mas uma experiência com o Deus vivo, através da meditação e da entrega pessoal. Não é simplesmente um serviço religioso, mas comunhão com Deus na realidade do louvor, na sinceridade do amor e na beleza da santidade. O culto torna-se significativo quando se combinam, com reverência e ordem, a inspiração da presença de Deus, a proclamação do evangelho, a liberdade e a atuação do Espírito. O resultado de tal culto será uma consciência mais profunda da santidade, majestade e graça de Deus, maior devoção e mais completa dedicação à vontade de Deus. O culto – que envolve uma experiência de comunhão com o Deus vivo e santo – exige uma apreciação maior sobre a reverência e a ordem, a confissão e a humildade, a consciência da santidade, majestade, graça e propósito de Deus.

3 O ministério cristão

A igreja e todos os seus membros estão no mundo a fim de servir. Em certo sentido, cada filho de Deus é chamado como cristão. Há, entretanto, uma falta generalizada no sentido de negar o valor devido à natureza singular da chamada como vocação ao serviço de Cristo. Maior atenção neste ponto é especialmente necessária, em face da pressão que recebem os jovens competentes para a escolha de algum ramo das ciências e, ainda mais devido ao número decrescente daqueles que estão atendendo à chamada divina, para o serviço de Cristo. Os que são chamados pelo Senhor para o ministério cristão devem reconhecer que o fim da chamada é servir. São, no sentido especial, escravos de Cristo e seus ministros nas igrejas e junto ao povo. Devem exaltar suas responsabilidades, em vez de privilégios especiais. Suas funções distintas não visam à vanglória; antes, são meios de servir a Deus, à igreja e ao próximo. As igrejas são responsáveis perante Deus por aqueles que elas consagram ao seu ministério. Devem manter padrões elevados para aqueles que aspiram à consagração, quanto à experiência e ao caráter cristãos. Devem incentivar os chamados a procurarem o preparo adequado ao seu ministério. Cada cristão tem o dever de ministrar ou servir com abnegação completa; Deus, porém, na sua sabedoria, chama várias pessoas de um modo singular para dedicarem sua vida de tempo integral ao ministério relacionado com a obra da igreja.

4 Evangelismo

O evangelismo é a proclamação do juízo divino sobre o pecado, e das boas novas da graça divina em Jesus Cristo. É a resposta dos cristãos às pessoas na incidência do pecado, é a ordem de Cristo aos seus seguidores, a fim de que sejam suas testemunhas frente a todos os homens. O evangelismo declara que o evangelho, e unicamente o evangelho, é o poder de Deus para a salvação. A obra de evangelismo é básica na missão da igreja e no mister de cada cristão. O evangelismo, assim concebido, exige um fundamento teológico firme e uma ênfase perene nas doutrinas básicas da salvação. O evangelismo neotestamentário é a salvação por meio do evangelho e pelo poder do Espírito. Visa à salvação do homem todo; confronta os perdidos com o preço do discipulado e as exigências da soberania de Cristo; exalta a graça divina, a fé voluntária e a realidade da experiência de conversão. Convites feitos a pessoas não salvas nunca devem desvalorizar essa realidade imperativa. O uso de truques de psicologia das massas, os substitutivos da convicção e todos os esquemas vaidosos são pecados contra Deus e contra o indivíduo. O amor cristão, o destino dos pecadores e a força do pecado constituem uma urgência obrigatória. A norma de evangelismo exigida pelos tempos críticos dos nossos dias é o evangelismo pessoal e coletivo, o uso de métodos sãos e dignos, o testemunho de piedade pessoal e dum espírito semelhante ao de Cristo, a intercessão pela misericórdia e pelo poder de Deus, e a dependência completa do Espírito Santo. O evangelismo, que é básico no ministério da igreja e na vocação do crente, é a proclamação do juízo e da graça de Deus em Jesus Cristo e a chamada para aceitá-lo como Salvador e segui-lo como Senhor.

5 Missões

Missões, como usamos o termo, é a extensão do propósito redentor de Deus através do evangelismo, da educação e do serviço cristão além das fronteiras da igreja local. As massas perdidas do mundo constituem um desafio comovedor para as igrejas cristãs. Uma vez que os batistas acreditam na liberdade e competência de cada um para as próprias decisões, nas questões religiosas, temos a responsabilidade perante Deus de assegurar a cada indivíduo o conhecimento e a oportunidade de fazer a decisão certa. Estamos sob a determinação divina, no sentido de proclamar o evangelho a toda a criatura. A urgência da situação atual do

mundo, o apelo agressivo de crenças e ideologias exóticas, e nosso interesse pelos transviados exigem de nós dedicação máxima em pessoal e dinheiro, a fim de proclamar-se a redenção em Cristo, para o mundo todo.
A cooperação nas missões mundiais é imperativa. Devemos utilizar os meios à nossa disposição, inclusive os de comunicação em massa, para dar o Evangelho de Cristo ao mundo. Não devemos depender exclusivamente de um grupo pequeno de missionários especialmente treinados e dedicados. Cada batista é um missionário, não importa o local onde mora ou posição que ocupa. Os atos pessoais ou de grupos, as atitudes em relação a outras nações, raças e religiões fazem parte do nosso testemunho favorável ou contrário a Cristo, o qual, em cada esfera e relação da vida, deve fortalecer nossa proclamação de que Jesus é o Senhor de todos.
As missões procuram a extensão do propósito redentor de Deus em toda parte, através do evangelismo, da educação, e do serviço cristão e exige de nós dedicação máxima.

6 Mordomia

A mordomia cristã é o uso, sob a orientação divina, da vida, dos talentos, do tempo e dos bens materiais, na proclamação do Evangelho e na prática respectiva. No partilhar o Evangelho, a mordomia encontra seu significado mais elevado: ela é baseada no reconhecimento de que tudo o que temos e somos vem de Deus, como uma responsabilidade sagrada. Os bens materiais em si não são maus, nem bons. O amor ao dinheiro, e não o dinheiro em si, é a raiz de todas as espécies de males. Na mordomia cristã o dinheiro torna-se o meio para alcançar bens espirituais, tanto para a pessoa que dá, quanto para quem recebe. Aceito como encargo sagrado, o dinheiro torna-se não uma ameaça e sim uma oportunidade. Jesus preocupou-se em que o homem fosse liberto da tirania dos bens materiais e os empregasse para suprir tanto às necessidades próprias como as alheias. A responsabilidade da mordomia aplica-se não somente ao cristão como indivíduo, mas, também, a cada igreja local, cada convenção, cada agência da denominação. Aquilo que é confiado ao indivíduo ou à instituição não deve ser guardado nem gasto egoisticamente, mas empregado no serviço da humanidade e para a glória de Deus.
A mordomia cristã concebe toda a vida como um encargo sagrado, confiado por

Deus, e exige o emprego responsável de vida, tempo, talentos e bens – pessoal ou coletivamente – no serviço de Cristo.

7 O ensino e treinamento

O ensino e treinamento são básicos na comissão de Cristo para os seus seguidores, constituindo um imperativo divino pela natureza da fé e experiência cristãs. Eles são necessários ao desenvolvimento de atitudes cristãs, à demonstração de virtudes cristãs, ao gozo de privilégios cristãos, ao cumprimento de responsabilidades cristãs, à realização da certeza cristã. Devem começar com o nascimento do homem e continuar através de sua vida toda. São funções do lar e da igreja, divinamente ordenadas. E constituem o caminho da maturidade cristã. Desde que a fé há de ser pessoal, e voluntária cada resposta à soberania de Cristo, o ensino e treinamento são necessários antecipadamente ao Discipulado Cristão, e a um testemunho vital. Este fato significa que a tarefa educacional da igreja deve ser o centro do programa. A prova do ministério do ensino e treinamento está no caráter semelhante ao de Cristo e na capacidade de enfrentar e resolver eficientemente os problemas sociais, morais e espirituais do mundo hodierno. Devemos treinar os indivíduos a fim de que possam conhecer a verdade que os liberta, experimentar o amor que os transforma em servos da humanidade, e alcançar a fé que lhes concede a esperança no reino de Deus. A natureza da fé e experiência cristãs e a natureza e necessidades das pessoas fazem do ensino e treinamento um imperativo.

8 Educação cristã

A fé e a razão aliam-se no conhecimento verdadeiro. A fé genuína procura compreensão e expressão inteligente. As escolas cristãs devem conservar a fé e a razão no equilíbrio próprio. Isto significa que não ficarão satisfeitas senão com os padrões acadêmicos elevados. Ao mesmo tempo, devem proporcionar um tipo distinto de educação – a educação infundida pelo espírito cristão, com a perspectiva cristã e dedicada aos valores cristãos. Nossas escolas cristãs têm a responsabilidade de treinar e inspirar homens e mulheres para a liderança eficiente, leiga e vocacional, em nossas igrejas e no mundo. As igrejas, por sua vez, têm a responsabilidade de sustentar condignamente todas as suas instituições

educacionais. Os membros de igrejas devem ter interesse naqueles que ensinam em suas instituições, bem como naquilo que estes transmitem. Há limites para a liberdade acadêmica; deve ser admitido, entretanto, que os professores das nossas instituições tenham liberdade para erudição criadora, com o equilíbrio de um senso profundo de responsabilidade pessoal para com Deus, a verdade, a denominação, e as pessoas a quem servem. A educação cristã emerge da relação da fé e da razão e exige excelência e liberdade acadêmicas que são tanto reais quanto responsáveis.

9 A autocrítica

Tanto a igreja local quanto a denominação, a fim de permanecerem sadias e florescentes, têm que aceitar a responsabilidade da autocrítica. Seria prejudicial às igrejas e à denominação se fosse negado ao indivíduo o direito de discordar, ou se fossem considerados nossos métodos ou técnicas como finais ou perfeitos. O trabalho de nossas igrejas e de nossa denominação precisa de freqüente avaliação, a fim de evitar a esterilidade do tradicionalíssimo. Isso especialmente se torna necessário na área dos métodos, mas também se aplica aos princípios e práticas históricas em sua relação à vida contemporânea. Isso significa que nossas igrejas, instituições e agências devem defender e proteger o direito de o povo perguntar e criticar construtivamente. A autocrítica construtiva deve ser centralizada em problemas básicos e assim evitar os efeitos desintegrantes de acusações e recriminações. Criticar não significa deslealdade; a crítica pode resultar de um interesse profundo do bem-estar da denominação. Tal crítica visará ao desenvolvimento à maturidade cristã, tanto para o indivíduo quanto para a denominação. Todo grupo de cristãos, para conservar sua produtividade, terá que aceitar a responsabilidade da autocrítica construtiva. *Como batistas, revendo o progresso realizado no decorrer dos anos, temos todos inteira razão de desvanecimento ante as evidências do favor de Deus sobre nós. Os batistas podem bem cantar com alegria, "Glória a Deus, grandes coisas Ele fez!" Podem eles também lembrar que aqueles aos quais foi dado o privilégio de gozar de tão alta herança, reconhecidos ao toque da graça, devem engrandecê-la com os seus próprios sacrifícios.*

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo